

Fundamentos

no II | * N.º 11 * Janeiro 1950

AS DEMOCRACIAS POPULARES

VISTAS POR CAIO PRADO

POSICÕES SOCIALISTAS

ARTUR NEVES

Artur Ramos

Cientista e Patriota

por Edison Carneiro

★

Democracia em Faveiral

Canto de Matias Arrudão

★

Cartas Loucas

Novela de Afonso Schmidt
(conclusão)

★

Aniversário de Stalin

★

Temas

de Nicolás Guillén

e Rossine Camargo Guarnieri

★

Tiradentes de Portinari

por Eduardo Corona

★

PREÇO Cr\$ 3,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR

MONTEIRO LOBATO



fundamentos

★ N.º 11 ★ Janeiro 1950

o de Redação: Afonso Schmidt,
Neves, Caio Prado Junior, J. E.
e Ruy Barbosa Cardoso.



Redação: Annibal M. Machado,
Lorelli, Artur Ramos (†), Astro-
vereira, Candido Portinari, Clovis
o, Edison Carneiro, Galeão Coutinho,
no Ramos, J. Vilanova Artigas, Leo
de Moraes, Mario Schenberg, Moacir
de Castro, Oscar Neimeyer, Samuel
; Pessoa e Sergio Buarque de Hol-



mentos não se responsabiliza pelos
s emitidos em trabalhos assinados.
olve originais.



io e Administração: Rua Barão de
ninga 275 - 9.º - S. 96 - São Paulo



responsavel: Ruy Barbosa Cardoso.

Caio Prado Junior	A Imprensa Livre	3
Edison Carneiro	Através das Democracias Populares ..	4
Matias Arrudão	Significação Nacional da Obra de Artur Ramos	13
Palamede Borsari	Democracia em Faveiral	16
Virginia Artigas	O Congresso Continental Americano pela Paz e pela Democracia	18
Nicolàs Guillén	Proposições para a Paz	21
Rossine Camargo Guarnieri..	O 70.º Aniversário do Generalissimo Stalin	23
Catulo Branco	Retrato de Stalin	25
Silvio Cintra	Una Cancion a Stalin	26
Artur Neves	Em Louvor a Stalin	27
Eduardo Corona	Lições Perniciosas	28
Afonso Schmidt	O Reequipamento da Industria Brasi- leira	28
Alvaro de Faria	Posições "Socialistas"	30
	Portinari, Tiradentes e o novo Realismo	33
	Sete Cartas Loucas	35
	Pavlov e a sua Teoria	38
	Mundo Universitario	41
	Livros e Revistas	43
	Notas e Noticias	45

TA DE CULTURA MODERNA

LABORATO

A IMPRENSA LIVRE

Depois de alguns meses de interrupção, FUNDAMENTOS volta a circular. E reaparece bastante modificada: na sua forma, no seu conteúdo, e sobretudo no seu preço. Todas essas modificações objetivam apenas realizar mais plenamente as finalidades que FUNDAMENTOS se impôs desde seu início: ser uma revista popular de ampla divulgação, que exprima no Brasil o pensamento moderno mais progressista do mundo atual, pensamento esse sistematicamente barrado e excluído pela quasi totalidade de nossa imprensa. Este último é um fato que se explica facilmente, dada a situação política dominante no Brasil; mas fato que não pode ser contestado. A imprensa brasileira, na sua maior parte dominada como é por interesses privados a serviço das forças mais reacionárias, é incapaz de refletir outra coisa que a expressão de tais forças; e contra isso nada podem os jornalistas, escritores e intelectuais em geral, que nela colaboram, mesmo quando animados de outro espírito. Da mesma forma que o operário é obrigado a produzir o que o patrão dele exige, assim também o intelectual é forçado a escrever aquilo que lhe impõem os proprietários dos órgãos de publicidade. FUNDAMENTOS representa assim, para os intelectuais progressistas do Brasil, uma válvula através da qual poderão se exprimir livremente. Para eles, as páginas de nossa revista estarão sempre abertas.

De outro lado, para o público em geral, FUNDAMENTOS abre uma janela, que procuraremos fazer a mais ampla possível, voltada para o pensamento progressista da atualidade. É preciso que os leitores brasileiros não fiquem limitados às notícias de espancamento de operários em greve, de assaltos policiais às redações de jornais, de assassinatos em praça pública praticados por agentes do poder. O mundo de hoje não é somente isso: é também a marcha para o comunismo na União Soviética, a construção do socialismo nas democracias populares, a libertação da China das garras do imperialismo, o despertar de todos os povos, do oriente e do ocidente, para a liberdade e o progresso. Não é somente a provocação guerreira, a chantagem da bomba atômica, a opressão e exploração dos povos coloniais e semi-coloniais; é também a luta pela paz, a perspectiva de um mundo feliz, pacífico e progressista para todos

os homens. É isso também que o público brasileiro precisa ouvir; e é para esse fim que FUNDAMENTOS vem juntar sua voz à dos poucos órgãos da imprensa brasileira que não se encontram a serviço da reação nacional e internacional.

Seremos então parciais? Não teremos aquela "imparcialidade" que apregoa a generalidade dos jornais e das revistas que se declaram sempre acima das paixões e contingências humanas, mirando o mundo do alto de sua invulnerável "honestidade"? Não. Não somos imparciais. Estamos do lado das forças progressistas do mundo; como do outro, isso é, das forças obscuras da reação, estão aqueles que tão enfaticamente se blasonam de imparciais.

Em que consiste essa apregoadada imparcialidade? Em tentar cobrir com uma mentira a verdadeira posição que ocupam. É defender, em todos os tons e por todos os processos, a ordem estabelecida, com todas as injustiças e brutalidades que a caracterizam. Proclamar-se imparcial no momento da luta, e de uma luta de vida ou morte como esta que se trava atualmente no mundo é desde logo colocar-se ao lado das forças dominantes. E quais são essas forças, no Brasil, senão as do atrazo e do mais feroz obscurantismo?

Para honra nossa, não temos essa "imparcialidade". E mais uma vez, como sempre o fizemos, proclamamos nossa parcialidade. Somos pelo progresso, e isso quer dizer, no Brasil do momento que atravessamos: pela defesa intransigente das liberdades públicas garantidas pela Constituição; pelo repúdio às leis de exceção, em particular ao projeto de Lei de Defesa do Estado ou de Segurança; pela guerra de morte ao imperialismo; pela reforma agrária e sobretudo, neste momento, pela defesa de nossas riquezas minerais por ele ameaçadas. Somos ainda, e acima de tudo, pela defesa da paz internacional, suprema garantia dos povos no seu caminho para o progresso e a liberdade.

Essa a nossa parcialidade. Cabe ao povo brasileiro, e aos nossos leitores em particular, julgar se estamos efetivamente cumprindo nossa promessa, aqui mais uma vez reiterada, de marcharmos em tal caminho. Deles esperamos a mais sincera crítica, que nos será preciosa, e com a qual contamos para podermos avançar com acerto e segurança.

Através das democracias populares

Checoslovaquia e Polonia

Notas de viagem de CAIO PRADO JUNIOR

Uma das coisas mais interessantes, e até mesmo cómicas, que ocorrem com quem viaja para as democracias populares da Europa Oriental, é o contraste entre o quadro que delas faz a imprensa dominante dos países capitalistas e a realidade. Por mais preparado que alguém esteja contra as fantasias, invenções e calúnias dessa imprensa, não pode deixar de ficar, pelo menos inconscientemente, impressionado pela atoarda que se faz em torno daqueles países e do alegado terror que lá reina. Imagina-se encontrar um ferrabraz armado até os dentes em cada esquina; magotes de povo correndo espavorido pelas ruas e fugindo á perseguição de ferozes esbirros... e que sei mais. Ora, é precisamente o contrario que ocorre. Vindo da Europa ocidental, da França, tive um choque ao chegar á Checoslovaquia, e o contraste do que lá vi com o que acabara de ver no ocidente foi realmente consideravel... mas em sentido contrario áquele apontado acima. Durante minha permanencia na França, o que talvez mais enxerguei pela rua fôram policiais. A proposito de qualquer acontecimento popular, mobilizava-se a força publica: ruas e praças eram guarnecidas como se se estivesse na iminencia de uma invasão por exercitos inimigos; tropa de linha pesadamente armada com carros de assalto, metralhadoras e outros petrechos de guerra, acampava pelas esquinas; o trafego era desviado de seus caminhos normais, e os transeuntes alem de revistados, obrigados a seguirem vias prefixadas. Em varias oportunidades assisti a espetáculos dessa natureza, que me impressionaram tanto mais que conhecendo a França de épocas anteriores, ignorava-os lá completamente, e julgava que se tratava de ocorrências tipicamente brasileiras... Que contraste com a Checoslovaquia e Polonia! Em quasi dois meses de permanencia nesses países, de força publica não vi mais que pacificos e inofensivos inspetores de trafego, e as sentinelas sonolentas e despreocupadas de uns raros edificios públicos.

Isso não quer dizer que o povo não estivesse nas ruas; não me refiro ao povo atarefado de todos os dias e ocupando-se de seus afazeres de rotina, mas o povo "politico", o povo que sáe á via pública, ou se reúne em assembléias para manifestar, afirmar sua vontade, aplaudir e protestar. Esse povo enche a vida checoslovaca e polonesa, e a proposito de tudo é mobilizado: para a comemoração de datas populares, para festejar acontecimentos importantes (como por exemplo um sucesso notavel na realização dos planos de edificação socialista), para se manifestar a propósito de fatos internacionais de relevo (como manifestações em favor da paz e de repulsa contra o inimigo imperialista que trama contra as instituições do país, que ele, povo, escolheu). E para conter esse povo reunido em massas às vezes consideraveis (como em Praga, por ocasião do IX.º Congresso do Partido Comunista Checoslovaco, quando algumas centenas de milhares de cidadãos atopetaram toda a area central da cidade), nem um único guarda, uma única farda de soldado ou policial em serviço, e nem um canivete como arma. O que contem o povo nessas ocasiões, o que faz respeitar a ordem e as instituições, é o amor que tem a elas. São "suas" instituições, e ele tem conciencia disso.

Mas ha ainda, entre o ocidente e o oriente europeus, um outro contraste, talvez ainda mais impressionante: é o aspéto geral da população, despreocupada e sorridente num caso (mesmo entre os checos, mais taciturnos por natureza que os polonêses); de olhar angustiado e faces contraídas, no outro. Já lá se foi o tempo em que os franceses eram um povo alegre e feliz, com um sorriso nos lábios e uma observação espirituosa entre dois tragos de vinho bom e generoso. O sorriso se foi, a observação espirituosa foi substituida por um queixume

amargo, e o vinho, o grande vinho francês, está misturado com bebidas importadas pelo plano Marshall... O povo do ocidente europeu está triste, angustiado, parece não ter perspectivas. As sombras da guerra ainda pesam sôbre ele. Quatro anos depois da catástrofe, e as regiões devastadas da França ainda permanecem tais quais; as feridas materiais e morais da guerra ainda não cicatrizaram; que digo, estão talvez agravadas, porque então lutava-se de armas na mão contra um inimigo descoberto, e hoje o inimigo está por dentro, roendo as entranhas da nacionalidade francesa com o veneno subtil do dólar. Os problemas se agravam cada dia, o operário francês já perdeu 50% de sua capacidade aquisitiva de antes da guerra, a desordem econômica e financeira se alastra continuamente, os governos não passam de marionettes manejadas pelos Acheson e Bradley. Não admira pois que o desassossego, a preocupação se pintem profundamente nesses rostos contraídos com que topamos pela França.

Que contraste com a Checoslovaquia e a Polonia! Eles tambem sofreram tanto ou mais que a França com a guerra; a Polonia perdeu uma parte apreciavel de sua população massacrada pelos nazistas, e teve quasi 40% do seu patrimônio material (edificios, estradas de ferro, pontes, maquinario industrial, etc.) destruido. No entanto, seu povo parece que já esqueceu os sofrimentos passados em meio da alegria de hoje. Tanto num como noutro país, a capacidade produtiva já ultrapassou largamente, em todos os setores, os niveis de antes da guerra. E essa riqueza aumentada já não se concentra na maior parte, como antigamente, nas mãos de uma pequena classe dominante: distribui-se equitativamente por toda a população, cujo nivel de vida aumentou nitidamente. Conheci a Polonia de quinze anos passados, e

recordo-me de Varsovia, cidade magnífica, onde a opulência de uma nobreza feudal poderosa, indolente e parasitaria, ostentava o seu luxo desbragado ao lado de um povo andrajoso e miserável. Hoje, nessa mesma Varsovia que foi inteiramente arrasada, e já se acha em grande parte reconstruída, vive um povo feliz que trabalha satisfeito na grande tarefa de remover as ruínas deixadas pela guerra, e construir no seu lugar uma Polónia socialista. E se não se vêm mais lá riquezas provocantes, constata-se o bem estar de todos que trabalham. Na Checoslováquia é a mesma coisa, menos as sombras da guerra que desapareceram por completo, porque a destruição foi lá muito menor. A Checoslováquia, grande país industrial já antes da guerra, não é apenas a oficina onde se trabalha num ritmo desconhecido no passado; é um povo que vive na abundância, bem alimentado, trajado e abrigado, tanto na cidade como no campo: e sobretudo, que olha para a frente, que enxerga um futuro para si, e ainda mais para seus filhos e para a pátria de amanhã, um futuro de bem estar material e moral perfeitamente assegurado. Com tudo isso, os checos e poloneses não podiam deixar de trazer estampadas na fisionomia a despreocupação e alegria que neles se observa tão facilmente.

Não é minha intenção trazer para cá uma descrição minuciosa da vida e da organização política, económica e social das democracias populares. Quem quisér informar-se com pormenores a respeito de qualquer dos aspectos da vida nesses países, não encontrará para isso outra dificuldade que a "cortina de ferro" (esta sim real e efetiva) com que a propaganda imperialista procura desfigurar os fatos que se passam para além do Elba, e esconder aos olhos dos povos ocidentais a verdade a respeito daquele mundo socialista ou em marcha para o socialismo que eles poderiam querer imitar... Quero apenas trazer um relatório do que vi, do que pessoalmente pude constatar. Simples notas de viagem colhidas no calor dos acontecimentos, e que oferecem porisso um testemunho espontâneo, fiel e objetivo. Deixarei as interpretações, e sobretudo as conclusões para os leitores que tiverem a paciência de me acompanhar nesses



O primeiro tanque do exército libertador da União Soviética entra em Praga sob os aplausos do povo

dois meses de viagem. E o que perderem com os poucos atrativos da minha exposição, ganharão por certo com um conhecimento mais seguro da maior obra que a huma-

nidade jamais concebeu, pretende realizar e está realizando nessa parte do mundo: a construção consciente e planejada de uma sociedade em que todos possam ser felizes.

Como se derrubou o capitalismo

Um pouco de historia recente para começar a situar os acontecimentos. Posso quasi dizer que fui testemunha dela, porque os mais importantes fatos ocorridos nestes últimos anos na Checoslovaquia acham-se cuidadosamente documentados pelo cinema, e tive ocasião de assistir a muitas exhibições que me deram a impressão de ter sido participante deles. Diga-se de passagem que a Checoslovaquia é senhora de uma indústria cinematografica de primeira grandesa, e seus documentarios são magnificos. Alem disso, tais fatos ainda estão tão vivos na memória de todos, que pude facilmente completar aquela informação cinematografica com abundantes depoimentos tanto de vitoriosos como de troianos, isto é, de partidários de ambos os lados: o vencedor e o vencido.

Logo que o exercito sovietico libertou dos alemães a primeira parcela de territorio checoslovaco, organizou-se em Kosice o governo do país com os representantes de oito partidos que tinham tomado parte mais ou menos saliente na luta da frente interna contra os alemães: comunistas, comunistas eslovacos, sociais-democratas, populistas, socialistas nacionais, democratas eslovacos e Partido eslovaco da liberdade. Esse governo, formado ainda no calor da batalha, e em meio do entusiasmo popular da zona recém-libertada, entusiasmo esse estimulado pela perspectiva da vitoria próxima, teve um carater nitidamente democrático, e isso se reflete no chamado "Programa de Kosice", adotado por unanimidade para servir de norma da futura orientação política e administrativa do Estado checoslovaco libertado.

Os pontos fundamentais do "Programa de Kosice" são os seguintes: nacionalização da grande industria pesada, bem como de todas industrias-chave, dos bancos e das sociedades de seguro; os interesses dos trabalhadores deveriam sobrepor-se ás considerações de lucro capitalista; depuração dos traidores e colaboracionistas; expatriação das minorias alemã e hungara, que tinham de uma forma geral colaborado com o inimigo; democratização do exercito, da administração pública, dos organismos de segurança nacional e de todos os demais setores da vida pública, com

a eliminação dos elementos de tendências anti-democraticas. Para a execução desse programa, a Checoslovaquia se tornaria uma republica democratica que edificaria o socialismo, e na qual os operarios, artesãos, agricultores, pequenos comerciantes e intelectuais deveriam participar o mais amplamente possível na direção dos negócios públicos.

Em 8 de maio de 1945 os alemães depõem as armas, depois de uma insurreição em Praga que abriu caminho para os triunfantes exercitos soviéticos. O governo se estabelece na capital, tendo Bénes (o antigo presidente da República que se encontrava em Londres) reassumido suas funções. Chegava o momento para a execução do "Programa Kosice", o que de fato iniciou-se imediatamente, tendo sido desde logo nacionalizada 40% da industria do país, em particular a grande industria pesada e a confiscada aos traidores e colaboracionistas. Lançava-se ao mesmo tempo o primeiro plano bienal de reconstrução (1945-47), e iniciava-se a democratização intensiva dos quadros administrativos.

Apesar do solene compromisso assumido em Kosice, não tardou a oposição de alguns dos próprios partidos que participavam do governo da Frente Nacional, e que pelas suas direções abriam fogo contra os princípios consagrados naquele documento. Eram os setores capitalistas mais reacionários que se reagrupavam e rearticulavam, procurando estrangular no berço a jovem republica democratica e socialista nascente. E para isso lançavam mão dos partidos mais vulneraveis e vacilantes, cujas direções conseguiram empolgar. Foi o caso, em particular, dos partidos socialista nacional, populista e democrata eslovaco. Sobre tudo do primeiro, em cuja direção chegaram a figurar dois ex-ministros do governo quisling organizado pelos ocupantes alemães: Drs. Zenkl e Feierabend. A oposição á realização do "Programa de Kosice" e á Frente Nacional partia de dentro do próprio governo, que alguns ministros sabotavam ativamente. Era entre outros o caso do Ministro da Justiça, Dr. Drtina, cuja tarefa era importantissima, pois lhe incumbia a depuração dos traidores e colaboracionistas reacionários. Em vez de agir eficientemente nesse sentido, permitia a permanencia e livre ação desses traidores tanto no aparelho

do Estado como em outras atividades públicas. O plano da reação consistia sobretudo em desmoralizar o governo da Frente Nacional e o "Programa de Kosice", sabotando a reconstrução economica do país e impedindo a realização do plano bienal. Excusado dizer que contavam para isso com o apoio não somente de agentes britanicos e norte-americanos infiltrados no país, mas ainda com obstáculos e dificuldades de ordem internacional levantados pelos governos da Inglaterra e dos Estados Unidos á ação dos dirigentes checoslovacos. Apesar de tudo isso, e graças ao amplo apoio popular, o plano bienal foi executado e mesmo ultrapassado. Em dois anos, a produção do país já ultrapassava os niveis de ante-guerra, e achava-se perfeitamente organizada e aparelhada para um desenvolvimento ainda maior, como de fato depois se verificou.

É preciso destacar neste sucesso o papel dos Partidos Comunistas checo e eslovaco (então ainda separados organicamente), não somente através de seus representantes no governo que se mostravam os mais consequentes e rigorosos executores do "Programa de Kosice", mas ainda de seu milhão e tanto de membros cuja atividade e cujo exemplo constituíam os principais estímulos para a execução das tarefas de reconstrução. O prestígio dos comunistas, graças a essa incançavel atividade e sinceridade de propósitos amplamente comprovadas, encontrará sua consagração nas eleições de 1946 em que obtiveram 38% dos sufrágios em todo o país (40% na Boêmia) (1). Nessas eleições votaram 8 milhões de eleitores, numa população total de 12.000.000. Novas eleições deveriam realizar-se em 1948, e é isso que a reação mais temia, pois não havia dúvida que essas eleições assegurariam definitivamente a vitória da frente Nacional e dos princípios de Kosice, o esmagamento da burguesia reacionária, e a construção da republica socialista e democratica checoslovaca.

Contando com a colaboração de seus representantes no governo e com o apoio de alguns setores do exercito, a reação decide dar o golpe. Em 20 de fevereiro, onze ministros, num total de 24 que com-

(1) A Checoslováquia compõe-se de três partes: Boêmia, Móravia e Eslováquia, sendo a primeira onde está situada a capital, Praga, o maior, mais povoada e importante.

punham o Conselho, apresentam seu pedido de demissão ao Presidente Bénéš. A crise ministerial assim provocada abria caminho para o golpe planejado. Contando com as hesitações e vacilações do Presidente Bénéš (sobre o qual pressionavam ativamente seus amigos ingleses; Bénéš permanecera durante a guerra em Londres, e formara lá um largo círculo de relações e amizades), esperava a reação que o pedido de demissão não fosse aceito, obrigando a remodelação governamental e demissão do Presidente do Conselho, o comunista Klement Gottwald. Mas a opinião pública imediatamente se manifestou: no dia 24 de fevereiro, 2 e meio milhões de operários suspenderam seu trabalho numa greve geral de uma hora; a circulação nas ruas em todo país foi paralisada durante cinco minutos, e 130.000 agricultores se mobilizaram para o Congresso dos Agricultores que deveria reunir-se no domingo, dia 29, em Praga. Ao mesmo tempo, assembléias de massa realizavam-se em todas as cidades, congregando milhões de participantes. Não era possível manifestação mais inequívoca da vontade popular.

Restava aparelhar o povo contra um possível golpe armado. Para isso, fez-se ampla distribuição de armas. Esta se realizou sobretudo na porta das fábricas, na saída dos operários, tal era a confiança que o governo depositava na classe trabalhadora, vanguardeira da edificação democrática e socialista da República. E com isso abortou o último recurso com que contava a reação: o povo estava em condições de enfrentar os sicários dela, se cusassem recorrer à violência, o que não se deu.

Diante de tudo isso, o Presidente Bénéš decidiu-se, e no dia 25 de fevereiro aceita a demissão dos ministros que a tinham solicitado, nomeando para seu lugar, por indicação do Presidente do Conselho, representantes dos mesmos partidos a que pertenciam os resignatários, mas de tendências democráticas comprovadas e sem compromissos com a reação. Estava completa a vitória, que seria coroada com as eleições de maio e a promulgação, em junho, de uma nova Constituição (2), que conservando embora a forma parlamentar de governo, in-

cluiu os princípios fundamentais da edificação socialista; e na ordem administrativa, democratizou profundamente as instituições fazendo assentar a administração nos Comitês Nacionais (locais, distritais e regionais) constituídos por eleição e que deviam reunir em suas mãos todos os poderes executivos e administrativos do país. As funções geralmente atribuídas nos países capitalistas à hierarquia burocrática rigidamente subordinada ao governo central, passavam para representantes do povo democraticamente eleitos. "Os Comitês Nacionais, diz o artigo 124 da nova Constituição checoslovaca, são encarregados, no território para o qual foram eleitos, da administração pública em todos os domínios, em particular da administração interior em geral, da administração cultural e escolar, da proteção do trabalho, da administração sanitária e de assistência social, e de acordo com disposições especiais reguladas em lei, da administração financeira". É com esta Constituição, e com seu governo e parlamento onde estão representados os mesmos oito partidos signatários do "Programa de Kosice" e constituintes da Frente Nacional (mas depois de fevereiro de 1948 expurgados de seus elementos reacionários), que a Checoslováquia vem realizando a edificação socialista do país, e marchando de sucesso em sucesso tanto no terreno da expan-

são econômica, como do levantamento do nível material e moral de seus 12 milhões de habitantes.

A reação burguesa

Extendi-me um pouco sobre a evolução política da Checoslováquia nestes últimos anos de após-guerra, porque ela exemplifica muito bem o caminho da transformação socialista no mundo da atualidade, e põe em relevo seus principais problemas e dificuldades. Trata-se aliás de um processo que embora com variantes, se verificou em todas as democracias populares. Depois do primeiro impulso democrático e de orientação socialista resultante da vitória popular contra o invasor e ocupante alemão, com o qual colaboraram mais ou menos ativamente os setores reacionários da burguesia, produziu-se a reação em sentido contrário: a pressão daqueles setores reacionários pretendendo reconquistar suas posições, e usando para isso de toda sorte de manobras, e sobretudo de sabotagem da produção e da reconstrução econômica. Era a forma de desmoralizar o regime frente à opinião pública, e jogar com as dificuldades econômicas da população para assim forçar o caminho para o retorno da dominação burguesa. A reação contava para isso com poderosas armas; a começar pelos setores da economia que se encontravam sob seu controle: parte da indústria, o comér-



O povo de Praga sac de armas na mão para defender os princípios da Democracia Popular da Checoslováquia

2 — Até então, o país fôra regido pela sua primeira constituição, promulgada em 1921.

ção, a construção civil (esta última sobretudo na Checoslovaquia, menos na Polónia); e ainda com as camadas mais abastadas do camponado. O problema camponês, que não se propôs tão seriamente na Checoslovaquia, país industrial em que a população do campo não pesa senão com a proporção de 35%, teve uma importância considerável nas demais democracias populares, países agrícolas de grande maioria camponesa. A aliança do proletariado e da pequena burguesia urbana com os camponeses pobres e médios era embaraçada e dificultada pela grande influência exercida no campo pelos camponeses abastados; e tal aliança, sobretudo naqueles países predominantemente agrícolas, era condição essencial para a vitória democrática e socialista.

Foi nessas bases, e com esses elementos que se travou a luta. Luta tão séria e grave, que numa das ex-democracias populares, a Iugoslávia, a reação, como se sabe, acabou vencendo. Nas demais, e particularmente no caso dos exemplos que tive sob os olhos, a Checoslovaquia e a Polónia, a democracia e o socialismo levaram a palma da vitória, embora a luta tenha sido dura, e continue ainda se bem que sob novas formas em que o fator internacional (as provocações guerreiras, a espionagem, as manobras do imperialismo e a ameaça de intervenção armada desse imperialismo) ocupam um primeiro plano. Mas durante muito tempo, o resultado da luta interna esteve em suspenso. Conspiravam em favor da reação capitalistas as grandes dificuldades econômicas herdadas da guerra, e a tremenda desorganização e destruição deixadas pelos exércitos alemães em retirada. Falta-va em muitos casos o mais rudimentar aparelhamento material: veículos, maquinário, instrumentos agrícolas, até ferramentas, etc. Na Polónia, destruída na sua maior parte, não havia nem habitações em número apreciável, os campos achavam-se devastados, o gado dizimado, a população em grande parte dispersa e não fixada. A isso tudo vinham acrescentar-se circunstâncias fortuitas, como a grande seca do verão de 1947 na Europa Central, em consequência da qual a produção de cereais foi grandemente deficitária e a fome se tornou ameaça-

dora. A par disso começava o cerco econômico dos países capitalistas, que ou se recusavam a estabelecer relações comerciais normais com as democracias populares, ou impunham condições que esses países, devastados e arruinados, não estavam em situação de satisfazer.

A aliança soviética

É nesse ponto sobretudo que se insere a grande participação da União Soviética no reerguimento econômico das novas democracias. Embora lutando também com graves dificuldades internas, o grande país socialista não se poupou no auxílio fraternal a seus aliados. Quem os salvou da fome em 1947, particularmente a Checoslovaquia, mais ameaçada porque sendo um país industrial, sua agricultura é relativamente pequena, foram os grandes fornecimentos de cereais e de outros gêneros agrícolas, remetidos da U.R.S.S. O auxílio soviético abrange aliás, e até hoje, todos os setores de importância, e é efetivado nas únicas condições suportáveis para esses países que somente agora estão começando a superar seus problemas de comércio internacional. Os traços visíveis da cooperação soviética se encontram neste grande número de caminhões, veículos em geral, locomotivas, vagões, maquinário, etc. que constituem a maior e melhor parte do aparelhamento de países como a Polónia, cuja indústria sofreu mais e é de menor vulto; mas que também não falta na Checoslovaquia. Compreende-se assim melhor o grande prestígio e a enorme simpatia que a U.R.S.S. goza nas democracias populares. Não foram apenas seus exércitos que expulsaram as hordas nazistas do solo pátrio, e restauraram a independência nacional; são ainda os recursos econômicos da grande democracia socialista que afluem para completar a obra de reerguimento desses países devastados pela guerra, e que procuram edificar uma sociedade em que o bem estar se distribua equitativamente por toda a população. Numa das praças principais de Praga ergue-se um pedestal sobre que descança o primeiro carro de assalto soviético que penetrou a capital no dia de sua libertação (8 de maio de 1949). O monumento encontra-se permanentemente florido, não apenas por corôas e grinaldas mag-

níficas e vistosas, mas também por humildes ramalhetes e mesmo flores singelas que mãos reconhecidas depositaram aí anonimamente em sinal de gratidão pelo muito que os aliados e irmãos soviéticos fizeram em benefício da Pátria e de seus filhos. Acham-se cinematograficamente documentadas as cenas desenroladas por ocasião da entrada das tropas soviéticas no território e nas várias cidades e aldeias polonesas e checoslovacas. São cenas inesquecíveis, sobretudo para aqueles que as presenciaram pessoalmente. Não se tratava apenas da vitória sobre um inimigo, mas da libertação de milhões de indivíduos da sanha brutal e sanguinária das hordas hitleristas, verdadeiros bárbaros cujas atrocidades e requinte de crueldade ultrapassa tudo que a imaginação possa figurar. Pode-se por aí avaliar como seriam recebidos os libertadores, cujo primeiro ato foi o de distribuir largamente entre as populações famintas e quasi nuas que iam libertando, mantimentos, vestuários e tudo mais de que necessitavam com urgência. E a propósito, é interessante contrastar esse procedimento com o de boa parte das tropas americanas desembarcadas na França, e que negociavam com a população por preços fantásticos, e em troca de objetos de valor, seus cigarros, conservas e tabletes de chocolate. Estas últimas eram vendidas sobretudo às crianças, essas pobres crianças francesas que nunca tinham vislumbrado ainda em sua curta existência passada na guerra, a simples cor de um chocolate...

Inicia-se a construção do socialismo

Com a consolidação do regime democrático e popular o programa de edificação socialista avançou consideravelmente. No terreno econômico isso se revela, tanto na Checoslovaquia como na Polónia, pela nacionalização de toda a grande e média indústria, inclusive a de construção; a do comércio exterior, bem como do interno em grosso. Quanto ao comércio de retalho, uma parte se encontra nas mãos de cooperativas; parte ainda relativamente pequena, cabendo o restante, que é a maioria, ao setor privado e capitalista. Conversei com vários pequenos comerciantes a respeito da situação em que se encontravam. Em geral sentiam-se mais

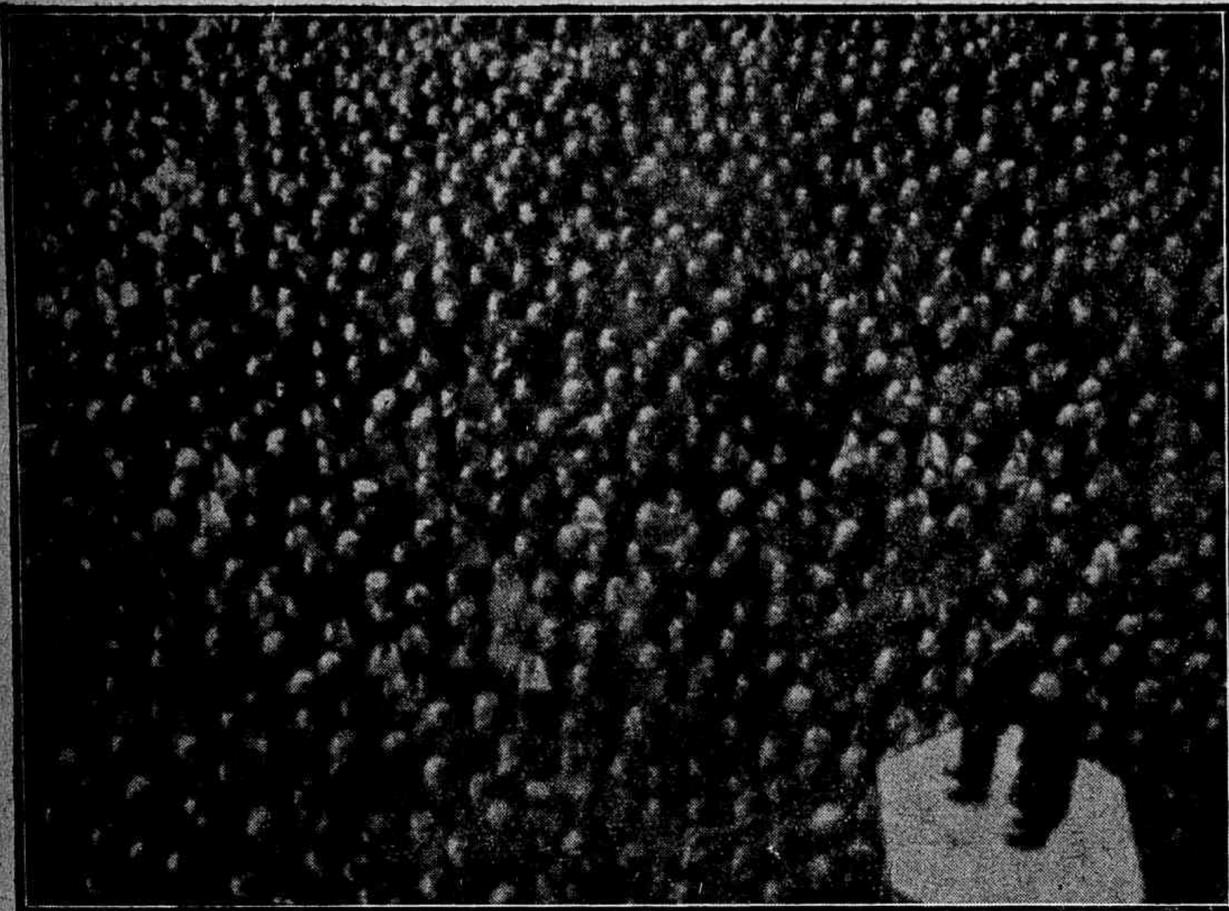
ou menos satisfeitos, embora queixando-se da rigorosa fiscalização que sobre eles pesava, e das inúmeras restrições impostas, particularmente no que diz respeito às suas relações com empregados. Mas de um modo geral, os comerciantes de pequeno porte conservaram seu padrão de antes da guerra. Os de maior vulto já estão em situação diferente: os altos impostos que pagam, as grandes despesas a que são obrigados em benefício dos serviços de assistência de seus numerosos empregados, a falta de perspectiva de expansão comercial e financeira, tudo isso contribue para tornar sua situação atual nitidamente inferior à de antes da guerra, e mesmo para alguns, do período de guerra. Queixam-se por isso amargamente, e é entre eles sobretudo que se recruta a massa da oposição ao governo e ao regime estabelecido. Enquanto ficam nessa queixa, na qual aliás não são em nada embaraçados, ninguém os importuna. Posso afirmá-lo com bastante segurança porque nunca senti em nenhum dos meus interlocutores restrição alguma no formularem suas queixas e protestos. E certamente não se manifestariam com tanta liberdade a um desconhecido se estivessem correndo o mínimo risco de represálias. Lembro aqui essas circunstâncias porque a lenda do terror policial que supostamente reina nas democracias populares já passou para muita gente mal intencionada, ou ludibriada em sua boa fé, em julgado. Esse terror não existe, nem haveria razão para que existisse, porque para cada descontente, há sempre uma multidão de beneficiários, com a nova situação, e que não sómente não querem voltar ao passado (pelo contrário, ansiam pelo progresso permanente do socialismo, e podemos muito bem compreender porque) mas ainda se constituem fiscais permanentes da nova ordem. Assim esses comerciantes com que conversei, e que não simpatizavam com o atual regime raramente se esqueciam de arrolar entre os motivos de queixa a atitude dos seus empregados, sempre de olho aberto para qualquer ato menos legal dos patrões. Todas as atividades destes passavam pelo crivo de suas observações: o pagamento de impostos e outras contribuições públicas, os preços cobrados, etc. Não é esta uma das menos importantes formas de cooperação e colaboração dire-

tas do povo na execução das tarefas governamentais. Voltaremos adiante sobre esta colaboração, e veremos então uma das razões principais porque as coisas marcham tão bem em regimes que contam efetivamente com o apoio irrestrito, a solidariedade completa e mesmo a comunhão total da grande maioria da população. Quero antes referir mais um exemplo da "intolerância" reinante nas democracias populares. Em plena centro de Praga, num de seus pontos mais movimentados, uma agência de propaganda do governo britânico anuncia em imenso cartaz exposto ao público da rua o horário da irradiação em língua checa da B. B. C. (British Broadcasting Corporation), que se faz diariamente, e onde se ataca, com a maior violência, tanto o regime dominante como seus líderes e membros mais destacados do governo. E o microfone é frequentemente ocupado pelos peores traidores do regime, antigos colaboracionistas mais ou menos disfarçados e escapos da justiça, que digerem na emigração seu ódio recalcado contra a pátria que se tornou pátria de todos os checos, e não deles apenas, como era dantes! Se alguma coisa há a criticar nas democracias populares, é esse excesso de tolerância, que foi para mim, como é geralmente para todos, causa de insopitável revolta. Revolta que não se manifesta em atos concretos porque um policial deste mesmo regime tão soezmente atacado pela rádio oficial inglesa dá guarda ao cartaz que anuncia seu vômito de mentiras e calúnias.

Como se vive e se pensa nas democracias populares

Continuemos contudo em nossa sondagem da opinião. Observação interessante é como a ideologia capitalista — mesmo quando desacompanhada de vantagens materiais concretas, pode pesar na mentalidade de pessoas formadas naquele regime, embora sem nunca terem sido de seus verdadeiros beneficiários; antes pelo contrário. Conversando em Praga com um modesto motorista de praça, proprietário do automóvel que conduzia, ele se manifestava francamente contra um anunciado projeto de nacionalização do serviço de taxis, que passaria a ser executado por uma empresa municipal. Segundo os cálculos que esse mesmo

motorista me apresentou, o rendimento dos motoristas se tornaria nitidamente maior: os salários que lhes caberiam, mais a porcentagem nos lucros da empresa que lhes seria destinada, representavam soma bastante superior à média dos lucros que auferiam com a exploração individual do negócio. Além disso, desapareceria para eles o risco: um acidente, uma moléstia mais prolongada, etc. No entanto esse motorista se insurgia contra o projeto. Não dava para isso razões muito claras. Reconhecia que sempre levava uma vida modesta, cheia de dificuldades e precalços; que nos vinte e tantos anos que trabalhava na praça não lhe chegara ainda o grande dia em que por um golpe de fortuna e um período de bons lucros sem eventualidades desagradáveis, conseguiria reunir um pecúlio satisfatório e tornar-se "independente", e com o futuro de sua família assegurado. No entanto preferia ainda aguardar esse dia, com todos os riscos que essa espera indefinida comportava, a tornar-se um assalariado com todas as vantagens e garantias desta situação num regime socialista. Vantagens aliás que reconhecia, mas que não compensavam para ele o que considerava uma diminuição moral: passar de proprietário a "simples" assalariado. Reconhece-se neste caso tão simples a profundidade das raízes ideológicas do capitalismo. O nosso motorista era favorável ao regime, dizia-se mesmo socialista e repudiava o antigo domínio da burguesia em que sempre sofrera, e que nunca permitira que passasse além da modesta situação material em que nascera e em que ainda se encontrava. No entanto, quando se tratava de integra-lo no novo regime, o seu profundo instinto capitalista se revoltava. Nunca, como diante deste caso, compreendi tão bem e tão profundamente a razão porque sómente o operariado, e tanto melhor quanto mais "operário" for, é capaz de constituir a vanguarda da revolução socialista. As outras classes, burguesas em maior ou menor proporção, mas burguesas sempre no íntimo escondido do seu subconsciente, estas são geralmente como o nosso motorista que na hora H, se não estiverem muito bem controladas e enquadradas pelo proletariado, sofrerão o peso quasi atávico de sua formação e educação; e se deixarão, mesmo inconsciente-



Comícios como este decidiram a vitória da Democracia na Checoslováquia

mente nos melhores casos, levar pelo instinto que neias depositou uma evolução secular. E encontramos nessa incompreensão outra fonte das dificuldades com que luta o novo regime.

Ouçamos agora um operário. Transcrevo a conversa que tive com ele nas mesmas palavras que constam do meu caderno de notas. "B. F. é um jovem operário, comunista e presidente da célula de uma fábrica de medidores para fins industriais que conta com 400 trabalhadores, sendo 279 comunistas. Naturalmente entusiasta do regime. É casado e tem filhos, ganha 3.600 corôas por mês (a corôa vale aproximadamente 50 ctvs.) É dos salários mais baixos da fábrica, onde o operário entra com 12 corôas por hora, sendo logo aumentado para 16, e alcançando geralmente 19 no fim do primeiro ano. No trabalho por tarefa, adotado em setores mais qualificados, atinge uma média de 25 corôas por hora. Em geral, os operários ganham de 4 a 5 mil corôas por mês. Podem tomar suas refeições no restaurante da fábrica, pagando por um bom almoço 8 corôas. Seus salários não sofrem desconto nenhum, sendo todas as contribuições para seguro, aposentadoria, assistência social e outros benefícios pagos integralmente pela empresa. Os salários dos dirigentes e chefes da fábrica não estão em desproporção com os

dos operários. O Diretor ganha 15.000 corôas, os engenheiros de 8 a 10 mil, os mestres de 5 a 6; e estes têm descontos que variam conforme sua família, e em proporção inversa do número de seus membros. Nessa questão de diferença de vencimentos, os comunistas compreendem a necessidade de pagamentos mais altos para maior trabalho, sobretudo trabalho técnico e especializado. Meu interlocutor insistiu muito nesse ponto, assinalando a necessidade de fazer a massa operária menos desenvolvida, compreende-lo bem. O padrão de vida de B. F. é bom. Traja-se bem (os tecidos lhe são fornecidos com descontos especiais para os operários), tem uma boa habitação de três cômodos, além de cozinha e banheiro, pela qual paga 600 corôas mensais. Vai frequentemente ao teatro com a mulher (aprecia muito a música), obtendo os bilhetes com 50% de desconto (paga em média 10 corôas por lugar). Gosta também dos esportes, jogando futebol (é integrante do primeiro quadro de sua fábrica), e indo assistir aos grandes jogos. Sabe que o futebol brasileiro é um dos melhores do mundo. Frequenta um curso de marxismo do Partido, e lê pelo menos um volume de uma obra fundamental do marxismo por mês. Além disso, lê também os estudos econômicos e sociais "capitalistas". Não se interessa muito por ficção, mas aprecia

a poesia checa clássica. Tem uma atividade política diária: reuniões de célula, atividades sindicais, expediente de presidente de célula, etc. Sente-se feliz e as vitórias alcançadas na edificação socialista em seu país constituem as maiores satisfações de sua vida."

Vejam, num polo operário, o posto, outro entrevistado: "B. K. tem 40 anos de idade. Não pertence a nenhum partido, nem nunca pertenceu. Antes da guerra votava nos sociais-democratas, e votou neles na primeira eleição depois da guerra, não tendo votado na segunda por estar doente. Não se interessa por política, e prefere cuidar de sua vida, que não acha melhor hoje que no passado, mas apenas mais segura. Esteve antes da guerra várias vezes desempregado, e isso não aconteceu mais. Apoia o regime porque acabou com os capitalistas que viviam á tripa forra, enquanto ele passava fome sem emprego. Simpatiza com os comunistas, mas acha que eles se mexem demais, solicitando sempre seu comparecimento a reuniões sindicais, assembleias públicas, etc. Como ele não se interessa por política, acha essas reuniões enfadonhas, mas reconhece que são necessárias para vigilância do governo e bom andamento dos negócios públicos..."

O mais que B. K. me contou não tem maior interesse; e vamos porisso passar a uma outra classe social: a dos burgueses e seu prepostos (técnicos, gerentes, etc.) O destino de uma classe que se extingue é sempre muito triste. Mesmo quando não eliminada pela violência (como a aristocracia francesa durante a revolução de 1789), mas é asfixiada pelo sufocamento de suas bases econômicas, como se está dando nas democracias populares, o espetáculo é quasi angustioso. Assim na Checoslováquia, com exceção da minoria alemã, que foi expatriada, e de alguns que preferiram emigrar, os antigos grandes burgueses ainda permanecem no seu lugar; físico, bem entendido, porque o econômico e social se foi. A maioria recusa aceitar o regime, integrar-se nele com uma atividade normal e regular, vegetando porisso numa vida mediocre e sem perspectivas em que se estão esvaindo os últimos recursos financeiros de que ainda dispõe. Esses recur-



Nas democracias populares a juventude participa da vida política

... sos são ou reservas monetárias depositadas em bancos, ou os minguados rendimentos de prédios urbanos, que por enquanto não foram nacionalizados, mas suportam impostos pesadíssimos e crescentes e têm os aluguéis definitivamente congelados. A estas fontes da renda, acrescenta-se a liquidação de moveis e objetos acumulados nos "bons tempos antigos", como costumam referir-se ao passado. Como se vê, uma situação precária e destinada a liquidar-se definitivamente a curto prazo. No entanto, esses burgueses empedernidos resistem, com poucas exceções. Não se conformam em trabalhar como o resto da população; não compreendem a vida sem seus antigos privilégios econômicos e sociais. E então, os mais ativos conspiram, na esperança de reconquistarem as posições perdidas. Enquanto essa conspiração não passa das confabulações entre eles próprios (e o seu raio de ação dentro do país não pode ir muito além disso, dado o desprezo que os cerca de todos os lados desde o desmascaramento que sofreram em consequência dos acontecimentos de fevereiro de 1948 que descrevi acima), ninguém os molesta. Mas não raro tais manejos se

articulam com a espionagem e as provocações de agentes estrangeiros, particularmente norte-americanos e ingleses e ultimamente franceses. Sucessivos processos têm revelado claramente tais ligações, e o objetivo da ex-burguesia das democracias populares: a espionagem e a criação de um ambiente internacional de guerra e de pretextos para o desencadeamento de novo conflito, pois é na intervenção estrangeira imperialista que depositam suas últimas esperanças de reconquista dos privilégios passados. Não se esqueça também a arma hipócrita da religião, que manejam com tanto cinismo e com a cumplicidade do Vaticano. Mesmo nesse terreno contudo, tão delicado e de exploração tão fácil para quem não tem escrúpulos como a reação capitalista e burguesa, esta tem sido vencida, porque nem a massa dos fieis, nem mesmo a maioria do clero das democracias populares está se deixando ludibriar: atrás das hipócritas objurgatórias do Vaticano e de alguns bispos, a opinião pública percebe muito bem a voz dos mesmos que vêm desde os primeiros momentos das democracias populares lançando mão de todos os

recursos, por mais torpes que sejam, para a satisfação de seus mesquinhos interesses de classe. A este respeito, trouxe fartas observações e experiências que logo relatarei.

Outra forma de luta da burguesia é mais sutil e consiste na infiltração em organismos populares, e até em órgãos do Estado, para uma ação por dentro do regime, sabotando-o ou desviando-o de suas finalidades. Isso se verifica sobretudo no campo, onde os camponeses abastados, usando do seu poder econômico e do prestígio que lhes vem do passado, bem como de uma ilustração maior, conseguem muitas vezes situações de grande relevo. É esse talvez um dos maiores perigos do novo regime e ele tem sido assinalado repetidas vezes. Note-mos de passagem que foi a condescendência do governo Iugoslavo para com tais elementos camponeses que constituiu uma das principais causas do fracasso da democracia popular naquele país.

A luta econômica de classes

Esse prolongamento da luta de classes nas democracias populares, luta da mesma natureza que sob o regime capitalista, apenas com as

posições invertidas e a burguesia dominada, assume por vezes outras formas e de caráter econômico. É preciso sempre lembrar que as democracias populares, embora sob um regime eminentemente democrático e em marcha para o socialismo, ainda conservam alguns setores, particularmente do comércio e sobretudo da agricultura, sob o domínio direto da iniciativa e da atividade privada. Encontra-se aí, portanto, um campo suficientemente largo para as manobras da burguesia. A luta é muitas vezes difícil para o governo, porque sua ação somente penetra indiretamente em tal terreno, e qualquer ação repressiva de caráter policial somente é adotada em casos extremos e de manifesta e incontestável ação criminosa. Um caso ocorrido na Polônia por ocasião de minha passagem, ilustra o tipo dessas batalhas que se travam entre a burguesia e o regime das democracias populares. Tendo ocorrido certas dificuldades no abastecimento de açúcar devido a uma produção insuficiente de beterraba, um grupo de especuladores resolveu efetuar o açambarcamento do produto, tendo para isso adquirido grandes partidas diretamente dos agricultores, e retirando-as do mercado para forçar a alta de preços. Essa alta começou efetivamente a verificar-se, mas o governo, alertado, iniciou também aquisições maciças, inclusive no estrangeiro. No momento oportuno, os estoques do governo foram abruptamente jogados no mercado, o que não somente desvalorizou rapidamente o produto da venda no retalho, mas ainda arruinou completamente os especuladores. Está claro que isso serviu de boa lição; e ao mesmo tempo, sem que nenhuma violência tivesse sido cometida, liquidou definitivamente uma ponderável massa de capitais e mais uma parcela remanescente da burguesia na pessoa de um ousado grupo de especuladores que terá d'ora avante de procurar outra mais honesta forma de ganhar a vida. Cito este caso com especial prazer, porque é uma bela lição para as nossas comissões de preços; si é que estão, em condições de aproveitá-la, o que certamente não é o caso neste paraíso capitalista em que vivemos, e onde se prefere multar pesadamente e prender o modesto vendedor da esquina que cobra alguns centavos a mais no preço oficial, para com isso coonestar e justificar

os milhões de cruzeiros que o grande comércio embolsa no câmbio negro.

Mas passemos a outro exemplo de luta econômica de classes nas democracias populares, este agora mais grave porque a fraude e o crime se tornaram manifestos. Estamos na Checoslováquia, e o comércio de tecidos resolveu uma manobra em alto estilo. Começou a desviar a mercadoria do mercado, e pretextando falta (que de fato se verificou num momento em que a indústria estava fazendo frente a grandes encomendas do exterior), deixava de atender à maioria dos varejantes e compradores, reservando suas disponibilidades para aqueles que estavam dispostos a pagar acima, e mesmo muito acima dos preços oficialmente fixados. Prática muito simples aliás, e muito nossa conhecida aqui no Brasil. De vez em quando era apanhado um contraventor, e naturalmente punido. Mas isso evidentemente não bastava e não resolvia o problema. Era preciso cortar o mal pela raiz, e descobrir os estoques que já se tinham tornado imensos, e que alguns especuladores escondiam cuidadosamente. Os comunistas incumbiram-se da tarefa, e em pouco tempo descobriram os principais depósitos, tendo as autoridades e a justiça se limitado a confiscá-los, como era da lei, cedendo a mercadoria apreendida ao público por preços irrisórios, e fazendo assim o povo beneficiário da trama. É assim que age um governo que não é instrumento do capitalismo, como se dá nas chamadas democracias ocidentais; mas pelo contrário, combate o capitalismo, e visa sua extinção. Está visto que um governo capitalista não poderia agir assim, e seria obrigado a fechar os olhos para a maior parte dos crimes de ordem econômica, porque doutra forma estaria em contradição consigo mesmo, e acabaria matando o capitalismo, que ele tem por finalidade defender. Imaginar um capitalismo hucólico, a tocar sua flauta inocente de pastor num cenário de belezas e perfeições, onde somente o lobo mau deve ser castigado, é muito bonito como história de crianças para ser contada nos cursos de economia política das Universidades burguesas. Mas os pastores concretos e verdadeiros deste mundo sub-lunar em que vivemos sabem muito bem no seu realismo terra-a-terra que aquele capitalismo nunca existiu, e cada vez existirá menos: a luta é

dura, e os "golpes" são indispensáveis.

Administração

Mas nem toda ex-burguesia das democracias populares mostrou-se tão refratária e rebelde como a dos exemplos, acima citados. Há vários ex-grandes industriais que aceitaram postos no novo regime, pondo assim a sua competência e capacidade administrativa a serviço do povo na direção de empresas nacionalizadas. Há mesmo casos de alguns que permaneceram à testa de suas próprias antigas indústrias na qualidade agora de diretores ou gerentes. Nas instâncias em que isso ocorreu houve sempre prévia consulta aos operários e empregados, os mais indicados para avaliarem a fé de ofício do ex-patrão. A esse propósito, será interessante resumir rapidamente o sistema de organização das empresas nacionalizadas. Desculpe o leitor se minhas considerações são por vezes um pouco dispersivas: como adverti de início, estou copiando por assim dizer meu caderno de notas de viagem, julgando assim apanhar os fatos mais ao vivo. Se me enganarem, queiram desculpar-me.

A direção das empresas nacionalizadas é confiada a um conselho diretor, em que figura, além do diretor nomeado pela administração pública, um representante dos operários e outro dos empregados, inclusive engenheiros, técnicos e pessoal superior. Funcionam frequentemente como assessores do Conselho Diretor, um representante sindical e o presidente da célula comunista ou comitê de fábrica da empresa. A presença desse dirigente comunista será melhor compreendida mais adiante, quando me ocupar especificamente do papel do Partido Comunista na organização e no funcionamento da vida econômica, política e social das democracias populares. Mas desde já posso adiantar que isso se dá porque os membros do Partido Comunista, e todos seus órgãos, são os principais responsáveis pela boa execução de todas as tarefas administrativas do país. O Partido assumiu essa responsabilidade, a efetividade dela é universalmente reconhecida, e por isso são dados aos comunistas os meios de executarem satisfatoriamente sua missão.

Cabe ao Conselho Diretor da empresa manifestar-se a respeito de qualquer assunto de importância que interesse o funcionamento dela, e em particular traçar os planos

gerais da produção, zelar pelo bem estar dos trabalhadores, e de um modo geral tomar as contas da execução dentro da empresa de todas as normas estabelecidas para ela, tanto pelo próprio Conselho Diretor, como pela administração superior e os órgãos de planificação econômica. Nas deliberações do Conselho, o diretor tem voz definitiva, mesmo quando em minoria, podendo impôr sua decisão. Mas

torna-se então diretamente responsável por ela frente aos órgãos superiores da administração, onde é obrigado a justificar-se.

Esse é um quadro sumário e esquemático da administração das empresas nacionalizadas, que naturalmente se complica um pouco mais quando se trata de empresas muito grandes. Além disso, podem ocorrer variantes de empresa para empresa e sobretudo de uma para

outra das democracias populares. Mas os detalhes pouco importam; o essencial encontra-se no esquema acima, e particularmente o que de modo fundamental caracteriza a administração econômica, como alias a administração em geral: a efetiva democratização do poder estatal com a participação direta dos trabalhadores e do povo na execução das tarefas administrativas e políticas do país.

(Continua no próximo número)

Significação nacional da obra de Arthur Ramos

EDISON CARNEIRO

Num dos seus últimos trabalhos, uma conferência pronunciada durante as comemorações euclidianas de 1948, Arthur Ramos abriu novas perspectivas à antropologia no Brasil. Embora reconhecesse a necessidade do trabalho etnográfico, em vista das insuficientes informações de que dispomos, parecia-lhe que, ao estudar a cultura material de determinada área, o importante era, não a descrição dos seus traços, "mas... compreendê-los funcionalmente no contexto geral da cultura de que fazem parte, ou... compará-los com os traços de cultura de outras áreas, para as necessárias tarefas de estabelecer conexões e analogias e, tanto quanto possível, traçar-lhes a cronologia relativa, analisar-lhes os empréstimos recíprocos, anotar a dinâmica da mudança cultural, registrar o trabalho aculturativo". Desta maneira, o estudo antropológico se libertaria "dos interesses puramente recreativos ou ilustrativos" que ainda tem para muita gente.

Pode-se dizer que esta foi, em geral, a linha de atividade de Arthur Ramos, tanto nos magníficos ensaios sobre o negro, como nos seus trabalhos de síntese sobre o índio e nos seus estudos sobre os grupos europeus radicados no país.

Era uma inteligência interpretativa e analítica e, com extraordinária facilidade, via o detalhe sem desprezar o conjunto e via o conjunto sem descurar dos detalhes.

1

O método de interpretação que propunha, que sempre advogou e utilizou, foi o método comparativo de Nina Rodrigues, com as alterações sugeridas por conquistas modernas da ciência.

Coube, aliás, a Arthur Ramos o mérito de haver reabilitado a precedência de Nina Rodrigues em relação aos métodos mais modernos da antropologia, especialmente no tocante à comparação cultural e ao trabalho da aculturação. Em memorial que deveria ter sido apresentado pela delegação brasileira à Conferência Inter-Americana de Estudos Negros, no Haiti (1942), Arthur Ramos acentuava a "prioridade" de Nina Rodrigues, escrevendo: "Duas idéias fundamentais... caracterizaram essa Escola [de Nina Rodrigues]. A primeira era a de que é impossível compreender os negros no Novo Mundo sem o estudo sistemático das suas culturas de origem, na África. ...A segunda idéia era a do contato de povos e culturas no Novo Mundo, entre negros e povos e culturas de outras procedências, com os subsequentes trabalhos da aculturação e da mudança cultural". Batia-se por este reconhecimento da precedência de Nina Rodrigues desde 1926 — desde os seus primeiros trabalhos sobre as religiões, do negro da Bahia. Esta reivindicação foi a grande luta da sua vida. Nesse mesmo ano de 1942, em introdução a **A aculturação negra no Brasil**,

desenvolveu em meia centena de páginas as idéias fundamentais de Nina Rodrigues, apoiado em citações dos seus livros, para concluir: "A ligeira análise que fizemos basta para demonstrar que a prioridade americana dos estudos de aculturação negra cabe a Nina Rodrigues. A nomenclatura e a orientação metodológica podem variar, surgindo com roupagens novas, mas a essência do método no estudo da aculturação está na obra do mestre bahiano. O nosso esforço de agora consistirá apenas em ajustar à nova nomenclatura os processos de aculturação descritos pelo grande africanólogo brasileiro".

Era sincera e constante esta sua homenagem à memória de um pesquisador sério e honesto, que se dedicara com simpatia humana a um problema que desafiava os estudiosos do seu tempo.

2

O método de Nina Rodrigues, melhorado, ajustado às novas concepções científicas, serviu a Arthur Ramos no seu fecundo trabalho de classificação e de interpretação do comportamento social dos grupos humanos nacionais.

No princípio, o ajuste se fez pela simples substituição das idéias de Lombroso e Ferri pela psicanálise — ou seja, a substituição de um erro por outro. Felizmente, Arthur Ramos não era, em psicanálise, um ortodoxo, era em certo sentido um dissidente — um progressista. Aos poucos foi abandonando essa "hipótese de trabalho", por inadequada para solucionar os problemas das relações humanas. Nota-se, por exemplo, que a psicanálise, base de toda a interpretação em **O Negro brasileiro**, não influiu muito em **O folk-lore negro do Brasil** e começa a desaparecer, até ser totalmente esquecida, nos trabalhos posteriores, em favor de instrumentos mais apropriados de estudo dos fenômenos sociais e humanos. Muito significativo, neste sentido, é o volume sobre **As culturas negras no Novo Mundo**, de certo modo uma experimentação conjunta de processos sociológicos, antropológicos e históricos. Entretanto, a despeito destas vacilações, desse tateio, o método comparativo de Nina Rodrigues constitui a dominante. Afinal, Arthur Ramos chegou a manejar com facilidade esse método com a sua grande obra de **Introdução à Antropologia Brasileira**, em que, como declarou na conferência de São José do Rio Pardo, teve o cuidado "de submeter a uma análise metódica o material disponível e os critérios a serem estabelecidos para o seu correto tratamento científico".

O seu método de estudo, em suma, era essencialmente o método comparativo de Nina Rodrigues, mas com pro-

cessos novos de interpretação e de análise. Esses processos escapavam ligeiramente ao quadro estritamente acadêmico em que, em geral, se desenvolve a ciência da antropologia, mesmo nos seus setores mais adiantados. Palestrando comigo, em dezembro de 1948, disse-me: "Estou cada vez mais convencido de que os fatos da sociedade se explicam pelos fatos econômicos". Isto foi pouco depois da publicação do seu trabalho sobre **A renda de bilros**, escrito em colaboração com sua esposa, d. Luiza Ramos. Era fácil ver que a sua concepção de cultura ia mais além das simples constatações da antropologia — que, para Arthur Ramos, a cultura material era a base e a explicação das formas jurídicas, políticas e intelectuais da sociedade. Traçando diretrizes para o estudo do negro brasileiro, Arthur Ramos citava, entre os aspectos mais importantes do problema, "a influência psico-sociológica dos grupos dominantes não negros, as relações de "raça", os estereótipos de opiniões e atitudes, os fatores sociológicos da casta e da classe, os mecanismos psicológicos da frustração e da agressão..." Utilizando caminhos diferentes, a luminosa inteligência de Arthur Ramos se aproximava, assim, da dialética materialista.

3

Muito importante, neste sentido, é a sua crítica à tese de Gilberto Freyre — à antinomia casa grande x senzala, sobrado x mocambo, senhor x escravo, etc., — e de Ruediger Bilden, na interpretação da sociedade brasileira. Parecia-lhe um erro não considerar o negro como representante de uma cultura, para vê-lo apenas sob o ângulo da escravidão. Era-lhe inaceitável uma generalização tão simplista. "Não foi, de fato, — escreveu em **As culturas negras no Novo Mundo** — o regime da escravidão que, por si só, diluiu, esfacelou ou apagou as culturas negras no Brasil e no Novo Mundo, em geral. O regime da escravidão alterou, de fato, a sua essência, mas como fator **condicionante**, entre outros, de dois processos psico-sociais de relevante significado: a) a separação dos indivíduos dos seus grupo de cultura e b) os contatos de raça e de cultura com a **miscigenação**, na ordem biológica, e a **aculturação**, na ordem cultural. De modo que a escravidão interveio, da mesma maneira que as migrações secundárias, as fugas dos negros em massa, ... etc., como **condição** para os dois fenômenos referidos de separação ou não dos indivíduos de seu grupo de cultura e de contato ou não de raças e de culturas". Isto é, o seu espírito científico se recusava a olhar o problema por um único aspecto — via todo o problema, com todas as suas conexões e inferências.

Também não lhe parecia justa a maneira de encarar o negro como material pitoresco, "em páginas derramadas de um lirismo diferente do lirismo abolicionista, e mais perigoso porque tem pruridos científicos: de um lirismo evocativo, regressivo, proustiano... disfarces inconscientes do sadismo do senhor, que aquelas páginas dizem combater". Este era, naturalmente, o resultado a que chegavam os saudosistas que, como Gilberto Freyre, se lembravam do negro apenas como escravo — e defendiam as maravilhas da sociedade patriarcal, do latifúndio e da promiscuidade das senzalas.

4

A esse dom extraordinário, de enxergar claramente o detalhe sem perder de vista o panorama, o conjunto da questão, devemos as admiráveis páginas de síntese dos estudos sobre o índio nacional, na **Introdução à Antropologia brasileira**. Não teve oportunidade de realizar trabalhos pessoais sobre o homem nativo desta parte da América. Não obstante essa dificuldade, pôde, utilizando com sensatez e prudência trabalhos dos mais diversos pesquisadores, apresentar, em pouco mais de duas centenas de páginas, o mais completo e coerente retrato das várias culturas indígenas existentes ou desaparecidas no país. Era este um trabalho de classificação, de exposição, de metodização de material, que estava faltando fazer. E, "dando muito de si mesmo no transformar o difícil e o confuso no fácil e no claro", Arthur Ramos escreveu capítulos magistrais sobre os tupis-guaranis, os

gês, os aruaks, os caribes, os borôros, os nambiquaras, os carajás e outros grupos menores do autóctone, fazendo o balanço da cultura material e intelectual do primeiros habitantes e da influência que essa cultura exerceu na conformação da nossa sociedade.

5

Los seus trabalhos sobre o negro, muitos deles traduzidos para o inglês, o francês, o alemão e o espanhol, pode-se dizer que são uma reivindicação. Uma reivindicação em muitos sentidos — de seriedade no estudo do problema, da estatura intelectual do negro, de um lugar ao sol para os homens de cor, de relações de humanidade e justiça entre os vários grupos étnicos do país. Não o fez em vão, felizmente. Aos seus trabalhos, à sua força de convicção, se deve muito do interesse — e, senão do interesse, da tolerância — com que se encaram os problemas do negro nos círculos letrados.

Com **O Negro Brasileiro**, Arthur Ramos tentou, em linhas gerais, e em âmbito nacional, uma tomada de contato com as concepções religiosas das várias nações africanas trazidas pelo tráfico, tanto quanto possível em comparação com as concepções religiosas originais da África. Este primeiro estudo, entretanto, foi escrito sob o signo da psicanálise — e toda a sua segunda parte, a parte interpretativa, é discutível. Publicado em 1934, o livro fala ainda em "raça" negra e em "fetichismo", palavras e concepções corrigidas na segunda edição (1940). Mais importante ainda é que o livro, que tinha por subtítulo "etnografia religiosa e psicanálise", já na edição "aumentada" de seis anos depois se diz apenas um trabalho de "etnografia religiosa". Esta segunda edição não está somente "aumentada". Arthur Ramos ampliou de muito a sua envergadura, enriqueceu-o com muito material novo, sem dúvida, mas com cuidado andou mudando termos, adotando expressões, tornando mais dútil o seu pensamento, no desejo de ajustar as observações de **O Negro Brasileiro** às suas novas maneiras de encarar o problema! Creio que o melhor exemplo da sua evolução científica está exatamente na comparação entre os dois textos. Evidentemente, não podia desfigurar o livro, amputando a parte dedicada à exegese psicanalítica, mas é claro que, já em 1940, abandonava a psicanálise como "hipótese de trabalho" no campo especial da ciência do homem — da "ciência das relações humanas", como ultimamente preferia dizer. Leiam-se, em apêndice à segunda edição, as suas respostas às críticas dos professores Imbelloni, de Buenos Aires, e Roger Bastide.

Este abandono da psicanálise deve ter ocorrido depois — ou talvez ainda durante — o seu trabalho sobre **O folk-lore negro do Brasil** (1935). A contribuição psicanalítica para a interpretação dos contos, das danças, da música e das representações dramáticas do homem negro, sobreviventes no país, deve ter sido uma decepção para Arthur Ramos. No seu primeiro trabalho, como vimos, preferia os processos de Freud, — mais exatamente, dos seus dissidentes, — ma já neste outro publicado apenas um ano depois, vemo-lo usar processos históricos, sociológicos e antropológicos, muita vezes de preferência aos da psicanálise. Embora falho, incompleto, sem explicações convincentes para muitos fatos demp-sicológicos, este livro significou uma arrojada tentativa de sistematização do folk-lore do negro (e, sob muitos aspectos, do folk-lore nacional) — um campo absolutamente novo, em que Arthur Ramos foi, sem contestação, um pioneiro.

Em 1937, afinal, surgiram **As culturas negras no Novo Mundo**, em que Arthur Ramos, como disse no prefácio, abandonava "as pesquisas parciais" sobre o negro no Brasil "para lançar uma visão de conjunto sobre o negro em toda a América... Um ensaio de psicologia social e antropologia cultural". O seu objetivo era estudar o destino dessas culturas no Hemisfério, "à luz dos novos métodos da antropologia cultural". Ainda aqui, tratava-se de uma tomada de contato, mas sem caráter ocioso, pois, através do estudo comparativo das culturas do negro no Brasil e nos demais países da América, visava "a melhor compreensão dos contingentes negros que aqui aportaram", prejudicada pela queima

dos documentos do tráfico de escravos. Este livro marca, no plano da "hipótese de trabalho", a separação definitiva com a psicanálise.

Arthur Ramos encontrara o seu caminho.

6

Em seguida a esses livros, três grandes tentativas de compreensão do problema geral do negro arrancado à África para a América, Arthur Ramos publicou trabalhos menores — duas informações do Brasil para leitores de língua inglesa e espanhola e duas coletâneas de pequenos ensaios sobre aspectos particulares de problemas que já tinha abordado.

O primeiro desses trabalhos foi escrito especialmente para ser traduzido e publicado em livro nos Estados Unidos pelo prof. Richard Pattee, estudioso do negro. O volume **The Negro in Brazil**, apareceu em 1939. Trata-se mais de uma crônica histórica do negro brasileiro do que mesmo de um estudo. Explica-se por aí que Arthur Ramos jamais tivesse pensado em publicá-lo no Brasil. Nada há de novo nas suas páginas, mas essa pequena obra de informação constitui um bom exemplo da sua capacidade de síntese e do seu poder de elucidação dos problemas.

Três anos depois, surgia nas livrarias **A aculturação negra no Brasil** (1942), de que a melhor parte é a introdução — grande página de análise do método de Nina Rodrigues e de reivindicação dos seus títulos de precedência em relação aos métodos mais modernos em antropologia. Este volume contém dois excelentes estudos, um sobre castigos de escravos, o mais completo já aparecido no país até agora, e outro sobre o destino dos Confederados americanos que vieram para o Brasil em seguida à guerra civil nos Estados Unidos. Os demais escritos do volume são trabalhos de ocasião.

O mesmo se pode dizer do volume **Guerra e relações de raça**, publicado pela União Nacional dos Estudantes (1943). São pequenas crônicas de interesses limitado, — e hoje, felizmente, ultrapassado, — pois o seu objetivo era combater as noções supostamente científicas de raças e povos "superiores" e "inferiores", com que Hitler e os seus asseclas em todo o mundo tentavam corromper e desvirilizar a resistência das democracias. Arthur Ramos democrata, amigo do povo, se colocava numa posição consequente, de combate contra o inimigo, no terreno que lhe era familiar — o da antropologia. No prefácio da publicação, constatava que "já não somos meros espectadores desse choque de idéias do nosso século... somos atores conscientes e preparados para o embate". E, desenvolvendo o seu pensamento acrescenta: "Uma das perspectivas que se abrem, nos horizontes da paz futura e da reconstrução do mundo, é esta de se ajustarem às relações dos povos, não em termos de povos brancos e de cor, de nações poderosas e nações fracas, de uma humanidade dividida entre os que têm e os que não têm — mas em termos de respeito mútuo às características de vida e de cultura de cada povo". Esta atitude democrática o levou, logicamente, a tomar posição em favor da paz, contra as manobras de guerra, e a assinar o manifesto da Organização de Defesa da Paz, de cujo Conselho Nacional fazia parte. E, ao deixar o Brasil para a França, a fim de assumir o seu cargo à frente do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, declarou aos seus amigos que não os decepcionaria — que continuaria a fazer o que estivesse ao seu alcance pelo congraçamento entre os povos.

Em 1945, saía no México outro trabalho de informação para o estrangeiro, **Las poblaciones del Brasil**.

7

Finalmente, em 1943, a Casa do Estudante dava a público o primeiro volume do mais importante dos seus trabalhos — **Introdução à Antropologia Brasileira**. Este primeiro volume, dedicado às culturas do índio e do negro, precedeu o segundo, referente, às culturas euro-

péias, de quatro anos, por motivos estranhos à vontade do autor. Já falei da importância da parte acerca do índio. Quanto aos capítulos sobre o negro, são um desenvolvimento dos estudos anteriores, com a circunstância, porém, de que nesse livro temos, a um só tempo, a cultura particular tanto no habitat africano como no seu estado atual no país, com o respectivo processo de adaptação por que passou. O segundo volume constitui uma visão de conjunto, que até então não tínhamos, dos grupos europeus — portugueses, espanhóis, franceses, anglo-saxões, italianos, alemães, holandeses, eslavos, judeus, etc., — seguindo-se-lhes, finalmente, o estudo especial dos contratos raciais e culturais, mestiçagem, assimilação de índios, de negros e de europeus.

Os que se dão a trabalhos de qualquer especialidade no campo da antropologia, neste país, poderão avaliar as dificuldades que Arthur Ramos teve de vencer para apresentar, nessas mil páginas, um quadro tão amplo e tão completo dos constituintes da população brasileira e dos seus mecanismos peculiares de ação e de reação recíprocas em relação ao ambiente e aos demais grupos humanos. Estes entenderão porque, depois de abordar tantos problemas, e de trazê-los ao conhecimento de todos, Arthur Ramos escreveu, no fim do livro:

" antropologia brasileira é um estudo que só agora se procura sistematizar. Esta obra introdutória indica apenas o roteiro a ser seguido em investigações futuras".

8

Entre os seus últimos escritos, destacam-se a conferência sobre **Os grande problema da antropologia brasileira**, pronunciada em São José do Rio Pardo, durante a Semana Euclideana (1948), e **Arte negra no Brasil**, pequeno mas importante estudo, publicado no segundo número de **Cultura**, revista do Ministério da Educação.

Seria, entretanto, injusto deixar sem menção **A renda de bilros e sua aculturação no Brasil**, em colaboração com d. Luiza Ramos, embora a sua contribuição, como disse no prefácio, fôsse apenas a de "imprimir uma diretriz antropológica a um traço de cultura, o que representa uma tentativa de tratamento científico à altura do interesse recreativo e estético do assunto". Usava estes adjetivos, mas os seus amigos sabiam que o seu interesse pela renda de bilros era mais profundo — era o desejo de preservar uma arte eminentemente popular, de resguardar o patrimônio do povo, de evitar que o desenvolvimento industrial, tão necessário, por outro lado, ao país, forçasse o desaparecimento desse artesanato. Os seus amigos sabiam que planejava um grande movimento tendente a proteger esta e outras atividades de criação e de iniciativa popular.

9

Enfim, para dizer tudo, Arthur Ramos não teve tempo de fazer antropologia, como desejava, como estava ultimamente capacitado para fazer, — mais do que ninguém no Brasil. Fez, para usar uma expressão sua, na conferência da Semana Euclideana, "etnografia, e aliás boa etnografia", e, a despeito de todas as falhas, de todas as indecisões ante os fatos e de toda a angústia à procura de um método, deixou um "roteiro" de trabalho. Coube-lhe a tarefa dura e mais difícil a de reunir os elementos do quadro, dar-lhe a sua realidade elementar, arrumá-los na posição e na distância convenientes e lançar luz sobre o conjunto. Infelizmente, porém, quando se aproximava da dialética, quando chegava a ter nas mãos o método, o instrumento de interpretação de que se poderia valer com inteira eficácia, foi surpreendido pela morte, no seu hotel de Paris.

Com êle desaparecia a maior esperança da ciência do homem no Brasil — um democrata sincero, um amigo do povo, o reivindicador da justiça para o homem negro da América, um defensor da paz e da amizade entre as nações.

Democracia em Faveiral.

Ilustração de Otavio Araujo

MATIAS ARRUDÃO

A moita de bananeiras, atraz do lenheiro, não era uma simples moita, como aos passageiros do trem poderia parecer. Era moita e alguma coisa mais.

Quando chegaram as eleições municipais, o candidato Zéca Pinga fez da moita o resumo da sua plataforma. Ele estava na chapa da oposição e encarnava as mais legítimas reivindicações faveirenses. Porisso, olhando as bananeiras e sentindo que nela se concentravam as aspirações dos faveirenses, sintetizou seu programa nesta frase, que foi repetida de boca em boca, como uma frase alheia de grande efeito: — é um atentado aos fôros de cultura de Faveiral.

Dito isto Zéca Pinga escreveu, em letras de cal, no paredão principal da oficina, o seu distico de propaganda. Escreveu-o ás claras, num dia de sol, num lugar bem visivel, para que fosse lido pelos passageiros do trem:

P.S.S.

Por um gabinete sanitario

com

José da Silva Peres

Estava deflagrada a campanha eleitoral.

Do outro lado o prefeito de Tiguera tomou imediata posição. Para enfrentar Zéca Pinga escolheu o empreiteiro da lenha, o finorio do empilhamento, para quem os faveirenses trabalham avulsamente. Foi um golpe de mestre, pois o empreiteiro, como se sabe, tem nas mãos a subsistencia de muitos faveirenses.

O empreiteiro não foi tão esperto como se supunha. Esperava conseguir votos á custa da vaga promessa de que trabalharia por nós. Nunca esclareceu que trabalho seria esse. Pagava cerveja, mas cerveja jamais resolveu os problemas de qualquer lugar. Porisso não tinha muitos adeptos e de antemão parecia irremediavelmente derrotado. Os faveirenses, que se enxarcavam da sua cerveja e fingiam ser seus ami-



gos, enquanto se aliviavam na moita de bananeiras, sentiam pena do empreiteiro. Somente Zéca Pinga se indignava e rugia: — dinheiro da Prefeitura!

Uma noite, a soldo do candidato, alguns tiguereenses vieram a Faveiral e fizeram uma brincadeira. Os tiguereenses, como é publico e notorio, sempre caçoaram da pobreza e da ingenuidade dos faveirenses. A brincadeira consistiu no acrescimo de uma unica palavra ao letreiro-

programa de Zéca Pinga. Ficou assim:

P.S.S.

Por um gabinete sanitario

com

José da Silva Peres

DENTRO

Nós não achamos que fosse brincadeira, pois ficou evidente que no caso havia dedo do governo. A campanha corria em termos elevados, de

acordo com nossa educação, e era positivamente lamentável que o empreiteiro, ou alguém por ele, viesse perturbar a elegância da disputa. Faveiral nunca foi como Tiguéra, onde tudo se admite, mas tudo mesmo, porém uma vila honesta e digna, apesar do esquecimento em que sempre viveu da parte dos poderes públicos.

Muitos de nós, inclusive os apolíticos, ficamos indignados. Até o Angelo Ferramenta, parlamentarista por conveniência, pelo que permaneceu sempre neutro, não se complicando com ninguém, desta vez tomou partido. Preferiu complicar-se.

Não pararam, todavia, as mesquinhas e as baixezas. Outro tiguereense fez uma nova maldade. No outro dia o paredão amanheceu acrescido. O distico-plataforma, de que tanto nos orgulhávamos, foi reduzido a este desfôro:

P.S.S.
Por um gabinete sanitário
com
José da Silva Peres
Dentro E SUA MÃE

Desta vez ficamos estatelados. E agora, que não diriam de nós os passageiros do trem?

O fato, profundamente desagradável, abalou Faveiral. A injúria era indeterminada, tanto enlameava a mãe do candidato como a mãe de

quantos a lessem, uma vez que a expressão "sua" era ambígua. E era tanto mais séria quanto se sabia que dentro de Tiguéra, nos muros e nas próprias casas de Tiguéra, os partidos mutuamente se atacavam e os letrados de propaganda, de uns e de outros, amanheciam sistematicamente deturpados — "não vote" em lugar de "vote" — além de acrescidos de qualificativos pouco edificantes como sejam "bebado", "ladrão", "rei do cambio negro" e outros equivalentes.

No fundo foi bom, porque acabou consolidando nossa união. Os próprios faveirenses, adversários de Zéca Pinga, que pendiam ligeiramente pelo empreiteiro, prevendo talvez o resultado da eleição ou movidos por um sentimento de real indignação, levaram ao P.S.S. a sua solidariedade, dizendo que o faziam como um protesto contra o modo por que se pretendia conduzir a luta em Faveiral.

Ficamos unânimes. Caiu em moda dizer-se, nas rodas de Tiguéra, que a grosseria do adversário "galvanizou a oposição em Faveiral."

E foi verdade. Cerramos fileiras, de dentes arreganhados, em torno de nosso candidato. Gritamos "nós queremos" em frente da estação. Fizemos um comício, demos vivas e soltamos rojões, chamando a atenção dos passageiros do trem, para que vissem como era intensa a nossa vibração.

Zéca Pinga estava certo da vitória. Todos o procuravam em busca de cedulas. Ele exalava um sorriso de triunfo. Tinha um programa, que encarnava um ideal faveirenses, enquanto seu adversário, inteiramente materialista, só sabia pagar cerveja. Faveiral unida haveria de vencer, custasse o que custasse.

Ora, isso tudo aconteceu antes da eleição

No dia do pleito o empreiteiro mandou o caminhão da Prefeitura, que andou de casa em casa em busca dos eleitores. No caminho nos revistou. Quasi todos os faveirenses ou eram seus empregados, ou tinham parentes empregados no empilhamento, ou ainda haviam bebido cerveja a sua custa. Ele veio mansinho, pediu as cedulas, picou-as em pedacinhos. Depois, meio rindo e meio sério: — seu voto é este, ouviu? E como rezas condenadas ao matadouro entregou-nos á sua escolta, na porta do grupo escolar.

José da Silva Peres perdeu a eleição. Faveiral perdeu a eleição. O P.S.S. perdeu a eleição. Ruíram as nossas esperanças de um gabinete sanitário.

Porisso hoje, quando passa o trem, os passageiros não vêem uma, senão duas moitas em Faveiral. A menor é nossa, muito nossa, entranhadamente nossa, exclusivamente nossa. A outra pertence aos transfugas. É a moita dos governistas.

O Congresso Continental Americano pela Paz e pela Democracia

Em função do Congresso Continental realizaram-se em todos os países da América movimentos pela Paz. Sem esses movimentos o Congresso Continental não teria a significação que teve. Participaram do Congresso, direta ou indiretamente, figuras de projeção continental e mundial da política, das artes, da ciência, do movimento operário e compositores.

Vários ex-presidentes de países americanos: Lazaro Cardenas, do México, Fulgencio Batista, de Cuba, Ibanez, do Chile. O ex-vice-presidente dos EE. UU. Henry Wallace, os grandes líderes populares da América Latina, Luiz Carlos Prestes e Juan Marinello. Os maiores poetas americanos, Gabriela Mistral (prêmio Nobel), Pablo Neruda, D. Enrique Gonzalez Martinez, presidente do Comité Organizador do Congresso, Otero Silva da Venezuela e muitos outros. O maior arqueólogo do México Alfonso Caso, presidente do Instituto Indigenista. O decano das letras Colombianas, Baldomero Salim Caño, o famoso diretor de "Repertorio Americano" o Costaricense Joaquim Garcia Monge, os grandes pianistas Claudio Arrau, chileno, e Artur Schnabel dos EE. UU., o intrépido Paul Robeson, os famosos pintores Candido Portinari, Diego Rivera, Clemente Orozco e David Siqueiros assim como várias centenas de outros, o grande Charlie Chaplin e os cineastas mexicanos detentores de quatro grandes prêmios internacionais, Gabriel Figueroa e Emilio Fernandez, o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer e centenas de outros grandes nomes da intelectualidade americana.

Participaram do Congresso grandes organizações operárias do Continente. A Confederação de Trabalhadores da América Latina e suas afiliadas entre as quais as mais importantes são a Confederação de Trabalhadores do Brasil, de Cuba, Chile e a União Geral de Operários e Camponeses do México.

Enviaram sua adesão ao Congresso cerca de 500 organizações locais dos EE. UU., inúmeras associações profissionais como a Confederação de Professores da América,

a Associação Brasileira de Escritores, etc. Aderiram ao Congresso a Câmara de Deputados da Bolívia e inúmeros parlamentares dos diversos países, entre os quais o senador Matias Olimpio, dep. Euzebio da Rocha, Pedro Pomar e outros do Brasil.

Aderiram e participaram do Congresso as Federações de Mulheres da maioria dos países americanos bem como grandes organizações juvenis e estudantis.

Em todos os países da América com exceção de apenas três foram organizados "Comités pró-Congresso do México". Vários países realizaram congressos nacionais, destacando-se por sua importância o Brasil, que realizou 3 congressos regionais, precedidos de Congressos estaduais e municipais e obtendo a adesão de centenas de vereadores, prefeitos, sacerdotes etc. Foram recolhidas várias centenas de milhares de assinaturas e realizadas grandes manifestações populares.

A ação dos provocadores de guerra em nosso país, obedecendo ordens dos imperialistas ianques foi particularmente violenta, tendo sido proibidas as manifestações pela Paz, que apesar disso se realizaram, levando aos cárceres milhares de partidários da Paz. Nessas lutas memoráveis, em que nosso povo demonstrou seu repúdio a guerra e a violência pereceram cinco partidários da Paz, Maloane, Calado, Marma, Rossi e Godoi, mártires brasileiros da luta pela paz e pela liberdade, aos quais o Congresso Continental, rendeu homenagem. 15 delegados brasileiros conseguiram chegar ao México, apesar das perseguições policiais que impediram a saída do Brasil de cerca de 40 delegados, utilizando para isso os métodos mais infames, desde a não expedição de passaportes até a prisão dos delegados no momento de embarque. Várias dezenas de fábricas realizaram assembleias pela Paz, nas quais foram eleitos delegados ao México.

Essas arbitrariedades e violências longe de esmagar o movimento pela paz serviram para demonstrar a excepcional importância que os fazedores de guerra dão ao Brasil e

Por PALAMEDE BORSARI

o desespero que deles se apossa frente a quaisquer manifestações. Mostra também a fraqueza dos mesmos e nos abre uma clara perspectiva da necessidade de uma intensificação ainda maior de nossos esforços para uma poderosa e irreprimível mobilização popular como único meio de impedir a guerra iminente.

Na Argentina foram recolhidas um milhão de assinaturas e reuniram-se na cidade de La Plata, 1200 delegados vindos de todas as partes do país. Lá também, o governo de Peron ansioso de agradar aos banqueiros de Wall Street para ver se consegue algumas migalhas mais e incapaz de pôr termo à crise resultante de sua desastrosa e anti-popular política econômica, utilizou métodos de repressão que lembram a crueldade nazista: soltou cães policiais contra a multidão de delegados e assistentes ao Congresso.

O Congresso pela Paz de Cuba reuniu 2500 delegados e foi presidido pelo grande indigenista Dr. Fernando Ortiz. Dêle participaram personalidades de grande expressão como o Dr. Villamil, teólogo católico.

Nos EE. UU. foram organizados em função do Congresso Continental 3 Comitês regionais em Nova York, Los Angeles e São Francisco. Realizaram centenas de assembleias de organizações operárias, culturais femininas e juvenis.

Foram realizadas centenas de conferências em todo o país que culminaram com o já conhecido caso do Concerto de Paul Robeson que reuniu mais de 30.000 pessoas, apesar das ameaças policiais e dos fascistas da Legião Americana que foram impotentes para impedir tão poderosa demonstração pela paz do povo americano. No Canadá, na Guatemala, no Uruguai ocorreram movimentos semelhantes que culminaram em congressos nacionais prévios.

Onde imperava o terror (e já é grande o número de países americanos nessas condições, nos quais não houve nenhuma possibilidade de

desenvolvimento de uma campanha ampla) o movimento pela paz realizou-se inclusive com o caráter de clandestinidade que lhe impunham as condições reinantes, havendo assembleias clandestinas para a eleição de delegados. Tal foi o caso de Países como o Chile, Nicaragua e outros.

Participaram do Congresso 1182 delegados e 723 observadores, sendo 2 da Embaixada Americana. Cerca de 200 delegados eram mulheres, 150 operários, 80 jovens. A delegação mais numerosa foi a mexicana seguida da americana do norte com 250 delegados.

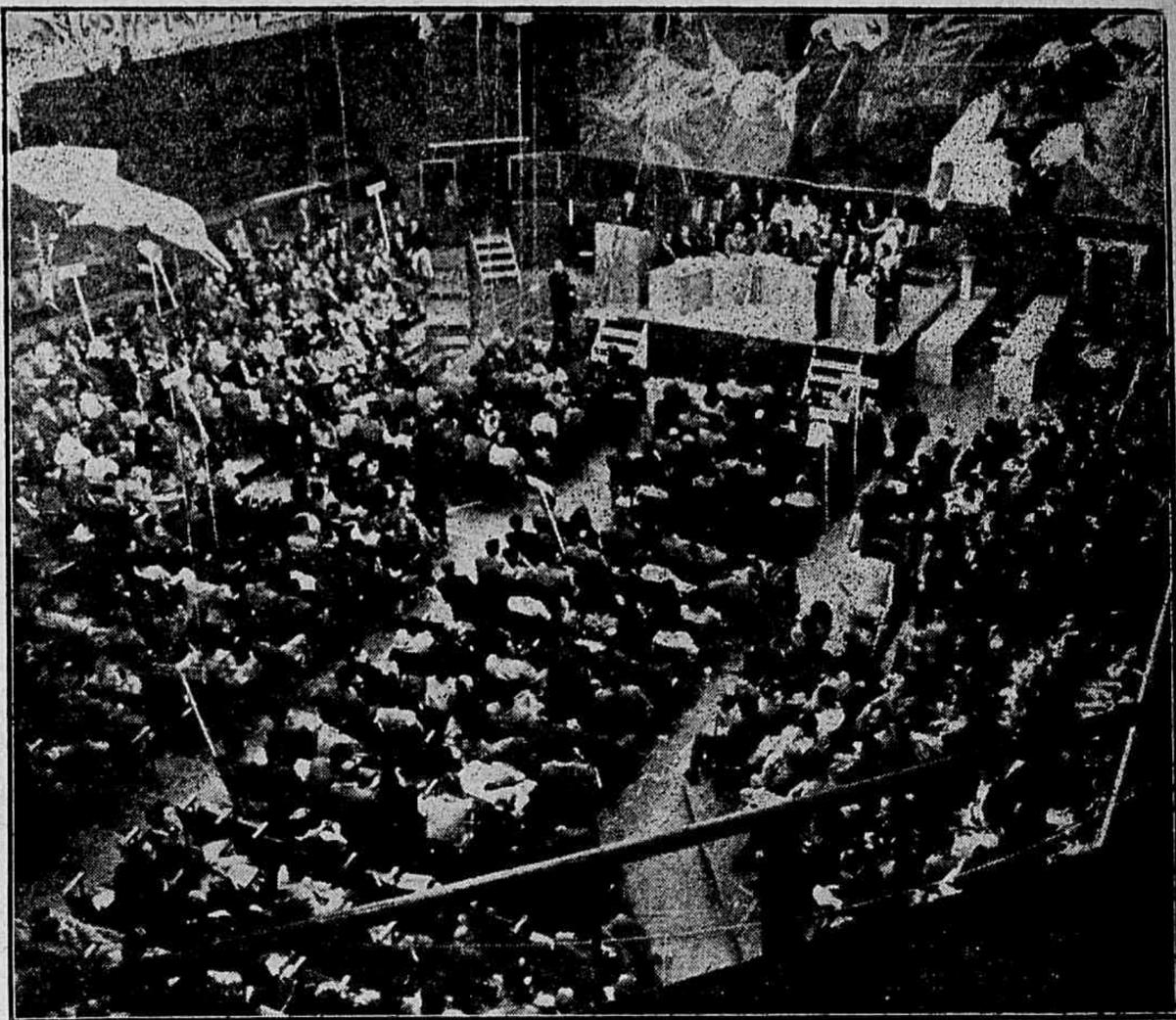
Nos dias em que se realizaram os trabalhos do Congresso, foram recebidas cerca de um milhão de mensagens de personalidades e organizações, entre elas a do Comité Permanente do Congresso Mundial de Partidários da Paz, da Federação Internacional de Mulheres Democráticas, a da Federação Mundial da Juventude, da Federação Sindical Mundial, da Academia de Ciências da URSS, das Mulheres e crianças sobreviventes de Lidice, Tchecoslováquia, dos prisioneiros políticos do Brasil e as do General Lazaro Cardenas do General Fulgencio Batista, do General José Gabaldon de Venezuela, de Luiz Carlos Prestes e muitas outras.

AS RESOLUÇÕES DO CONGRESSO

As sessões do Congresso prolongaram-se durante 5 dias, com sessões plenárias e sessões especiais dos grupos de atividade afins: mulheres, jovens, operários, cientistas, religiosos, artistas, escritores, jornalistas, e dos refugiados anti-fascistas na América.

Transmitiram-se informes sobre as experiências da luta pela Paz em cada país e foram estudadas as relações existentes entre a luta pela paz e a luta de cada povo por sua independência política e econômica. Foram denunciadas vigorosamente as arbitrariedades cometidas por vários governos americanos contra os partidários da Paz em particular os do Brasil, Argentina e E. E. U. U. Nessas condições o congresso manifestou-se pela luta em torno dos seguintes objetivos gerais:

1) Defesa da Carta das Nações Unidas e respeito aos convênios de Moscou, Teheran, Yalta e



Uma das sessões plenárias do Congresso Continental pela Paz

Potsdam e condenação da formação de blocos com objetivos agressivos como os Pactos do Rio de Janeiro e Atlântico Norte, contrários ao espírito e letra da Carta da ONU.

2) Luta pela proibição absoluta das armas atômicas e por um pacto de Paz entre as grandes potências, já proposto pela União Soviética.

3) Conclamar os partidários da Paz a denunciarem todas as medidas que revelem preparação bélica e lutar pela redução de armamentos.

4) Conclamar os povos Latino-Americanos a intensificarem sua luta pela independência nacional e pela liberdade, como meio de preservar a paz do mundo.

5) Conclamar os povos americanos a lutarem pela unidade e independência do movimento operário e contra as tentativas de eliminar as conquistas das classes operárias e camponesa.

6) Condenar a ação dos propagandistas de guerra em todo o mundo e a sobrevivência de regimes fascistas como o de Franco, bem como o rearmamento da Alemanha e Japão.

7) Conclamar os povos americanos e intensificarem o trabalho de

organização de comitês de defesa da Paz nas fabricas, bairros, municípios etc. dos quais participem todos os partidários da paz independentemente de sua crença política ou religiosa, de condição social, raça ou sexo.

8) Reforçar os laços de união entre os Movimentos Nacionais pela Paz e o Comité Mundial, reconhecido pelo Congresso como o organismo coordenador e dirigente da luta pela Paz em todo o mundo.

Estas foram, em linhas gerais, as resoluções do Congresso Continental Americano pela Paz.

Além disso, o Congresso decidiu recomendar a todos os países a realização da jornada da Paz no dia 2 de Outubro, de acordo com as instruções do Comité Mundial e a que os partidários da paz realizassem o máximo de seus esforços para uma ampla divulgação da revista dos Partidários da Paz, publicada pelo Comité Mundial.

A realização do Congresso do México foi uma clara e indiscutível vitória tanto maior se atentarmos para os esforços desenvolvidos pelos imperialistas e seus agentes em cada país para impedir sua realização. Entretanto, seria grave erro considerar tal vitória como absoluta e de-

cisiva. Se assim pensássemos incorreríamos no grave perigo de desmobilizar as nossas forças, e nos arriscariamos a sofrer um golpe mortal dos provocadores de guerra. Temos condições para garantir a paz na medida em que nos fortaleçamos através da luta, sem perder a vigilância e tendo bem clara a ideia de que os inimigos da humanidade estão já preparados para desencadear a terceira guerra mundial e só não o fizeram ainda porque os povos estão vigilantes e mobilizados. Qualquer subestimação nossa desse fato poderá ser a brecha desejada pelos novos assassinos da humanidade. Seremos capazes de evitar a guerra, mas para isso devemos criar um ambiente irrespirável para todo o propagandista de guerra, para os monopolistas.

Constituímos uma imensa e poderosa força. Já é tempo de canalizar numa ofensiva coordenada e dirigida de modo concreto contra os preparativos de guerra realizados pelos governos de cada país de modo a opôr os povos a esses governos que traem seus interesses.

E devemos, nesse momento ter presente as resoluções da última reunião do Comité Mundial que recomenda a luta concreta pela cessação das guerras em curso, principalmente na Indonésia, Vietnam, Grécia e Malásia, a imediata redução de armamentos e dos efetivos militares, além da destruição da arma atômica e sua proibição, e por último a assinatura de um pacto de Paz entre as grandes potências.

Nossa posição é de particular importância nessa luta porque somos o maior país da América Latina, do chamado "quintal americano". Si bem que a correlação de forças em nosso país ainda seja favorável às forças da reação e da guerra, temos todas as condições, se soubermos trabalhar pertinaz e pacientemente, divulgando e levando à prática as resoluções do Comité Mundial e do Congresso do México, para ampliar a luta pela Paz, pela independência nacional, contra as restrições à liberdade e a democracia e construir um poderoso movimento capaz de esmagar os traficantes de guerra e opressores do nosso povo.

"Ganharemos a paz, se lutarmos por ela". Para isso precisamos ter audácia sempre audácia e lutar em

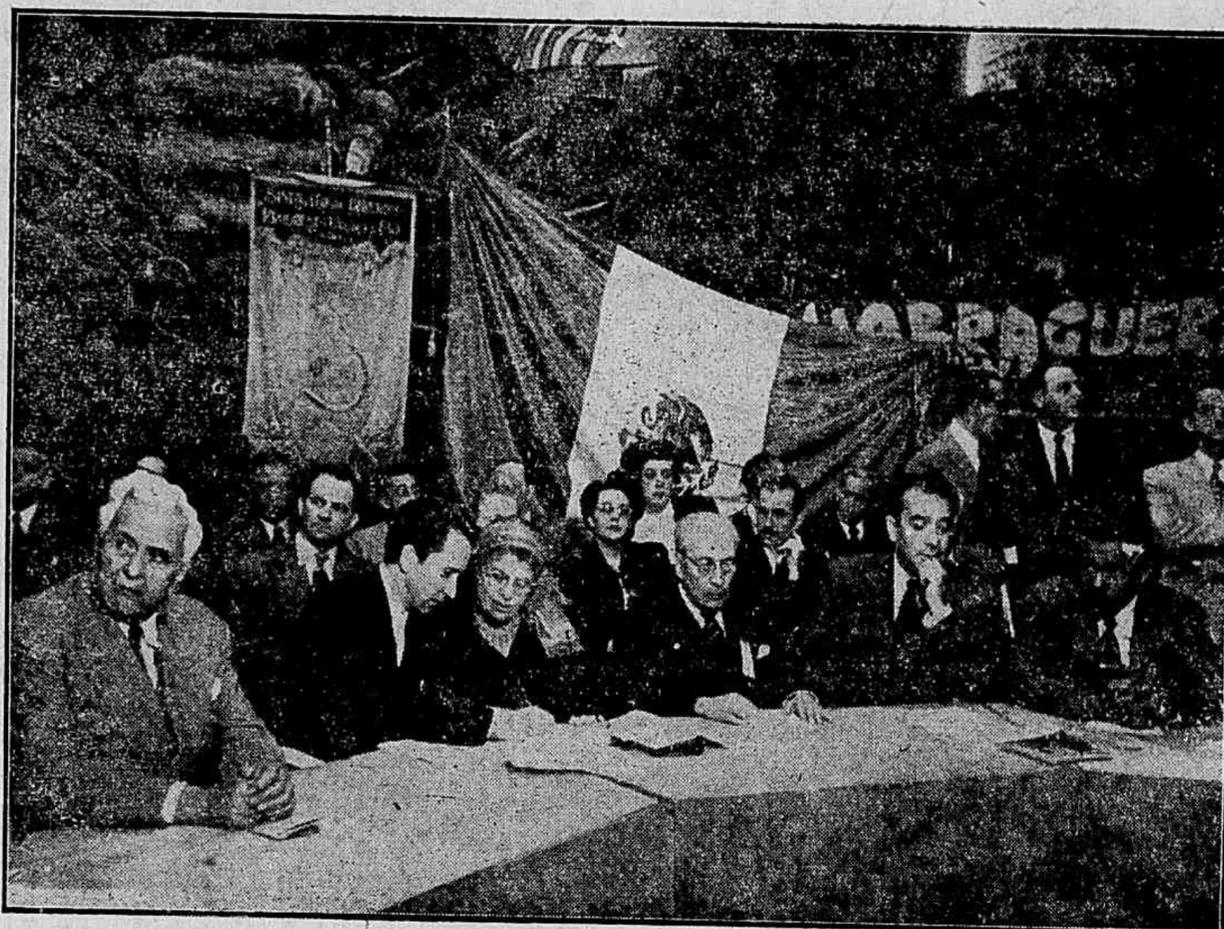
todas as condições. Cada qual dentro de suas possibilidades poderá seguir o exemplo de um brasileiro que de perseguido se transformou em perseguidor da tirania: Prestes... "sou, neste momento, uma vez mais, um perseguido político... Devido a isso sou obrigado a manter-me oculto... Só nestas condições posso continuar junto a meu povo... na luta pela Paz e independência do Brasil".

E não nos esqueçamos da mensagem que as mulheres de Lidice enviaram ao Congresso do México:

teiro de conservar a paz para que não haja jamais outra Lidice.

Como disse Pablo Neruda:

"Estamos na época em que milhões de homens libertam-se dos jugos feudais, em que milhões de homens rompem a escravidão imperialista; estamos na hora mais extraordinária da humanidade: na hora em que os sonhos se transformam em realidade porque as lutas dos homens fizeram desaparecer os sonhos e aparecer a vida. Estamos na época que viu entrar o Exército Vermelho e deixar no alto da cidadela des-



A mesa que presidiu os trabalhos do Congresso Continental pela Paz

"As mulheres e crianças sobreviventes de Lidice, saudam sinceramente a Conferência da Paz do México. Esperam que na memória e nos corações dos povos americanos, a história de seu povo tragicamente destruído não tenha desaparecido, povo que todavia permanece como o exemplo mais brutal da barbárie da última guerra... Pedimos-lhes que não se esqueçam de Lidice e da promessa do mundo in-

pedaçada dos assassinos hitleristas uma bandeira vermelha que contém todas as antigas esperanças dos homens. Estamos nos dias luminosos das democracias populares; toca-nos a honra e a alegria de viver uma época em que um poeta vai ganhando uma batalha destinada a mudar os destinos de centenas de milhões de homens. Este poeta chama-se Mao Tse Tung."

Façamos nossas as palavras de ordem do Congresso dos Partidários Soviéticos da Paz

"NÃO PEDIMOS A PAZ — NÓS A IMPOREMOS"

e as do Congresso Continental Americano do México

"GANHAREMOS A PAZ, SE LUTARMOS POR ELA".

PROPOSIÇÕES PARA A PAZ

Aprovadas pelo COMITÊ PERMANENTE DO CONGRESSO DA PAZ, em sua primeira reunião plenária, realizada em Roma, nos dias 28, 29, 30 e 31 de outubro de 1949.

RESOLUÇÕES GERAIS

Decorreram seis meses desde que os representantes de 72 nações selaram em Paris o pacto dos partidários da paz. Neste breve período, desenrolaram-se acontecimentos de alcance político universal. Ao mesmo tempo que esclareciam milhões de homens sobre os perigos que as potências de guerra faziam pesar sobre a humanidade inteira, esses acontecimentos provaram que as forças de paz crescem no mundo, organizam-se e se colocam em posição de impedir que os belicistas desencadeiem novo conflito.

Ainda ontem acusados e perseguidos, os Partidários da Paz, na China dirigem hoje uma República Democrática, um Estado, forte pelo apoio de 500 milhões de homens e mulheres, que está nas primeiras fileiras dos defensores da paz.

O nascimento de uma República Democrática Alemã, no coração mesmo da Europa, dá a todos os povos do continente uma nova confiança, mostrando que as forças e os sacrifícios, que se transviaram nas obras de destruição e de guerra, se podem associar a obras de paz.

Dum extremo a outro do mundo oprimido, as bases do imperialismo colonial — ameaça permanente contra a paz — são abaladas pelos povos que, em luta pela sua libertação, trazem nova contribuição ao nosso combate.

Nos países subjugados ao plano Marshall, na própria América do Norte, sob o impacto duma crise, dia a dia agravada pelas despesas improdutivas de preparação para a guerra, é abalado o próprio sistema político, que foi engendrado tendo em vista novo conflito.

Em França, na Itália, em outros países, milhões de homens, que lutam contra a miséria e a guerra, uniram-se em poderosos movimentos de Partidários da Paz que contêm o belicismo.

No mundo inteiro, a jornada de 2 de Outubro é testemunho do êxi-

O COMITÊ PERMANENTE DO CONGRESSO DA PAZ foi eleito pelos delegados presentes ao Congresso da Paz realizado em Paris, em abril do corrente ano, e é presidido pelo eminente cientista francês, o Prof. Joliot Curie. Trata-se de um órgão onde estão representados os principais países, o Brasil inclusive, e que se destina a articular a campanha da paz em todo o mundo no intervalo das reuniões dos Congressos mundiais. O COMITÊ é dirigido por um "BUREAU", com sede em Paris (2, rue de l'Elysée), e reúne-se periodicamente. Tem uma publicação própria, "LES PARTISANS DE LA PAIX", que aparece mensalmente.

to do esforço de reagrupamento das forças pacíficas e do poder dos laços internacionais já estabelecidos.

Enfim, por suas repetidas iniciativas em favor da paz — que fazem renascer esperanças de um entendimento internacional e cujo fundamento foi a constante reafirmação duma coexistência pacífica possível, entre as diferentes formas de organização social — a União Soviética trouxe uma contribuição essencial à obra dos Partidários da Paz, que é reforçada pelo esforço de renovação pacífica das Democracias Populares.

Entretanto, perante o fortalecimento da frente de paz, as potências de guerra aceleram seus preparativos e dão maior precisão ainda ao seu plano de domínio mundial, plano que, desde agora, malbarata a independência nacional e econômica dos povos, e os conduziria inevitavelmente à guerra.

O monopólio atômico não existe mais, se é que jamais existiu. Para enganar os povos e obter dos governos a assinatura do Pacto do Atlântico, a confissão do desaparecimento do monopólio só foi feita depois de assinado o pacto. Hoje, as potências de guerra procuram, no desaparecimento desse pretense monopólio, um novo pretexto para arrastar o mundo numa corrida aos armamentos, em vez de se empenharem nas negociações necessárias. Procuram pela segunda vez desencaminhar a opinião pública, fazendo-lhe acreditar que essa corrida aos armamentos lhes permitiria estabelecer uma superioridade militar decisiva.

Assim, ao desenvolvimento acelerado da arma atômica se ajuntaria o estabelecimento dum gigantesco plano de armamentos de toda a

espécie e de reforço dos efetivos. Esta política, que tenta compensar pelos armamentos e pela guerra a diminuição dos lucros do grande capitalismo, conduz os governos enfeudados ao Pacto do Atlântico a esmagar seus povos sob o fardo de encargos militares, dia a dia aumentados. As manobras monetárias, as reduções forçadas das despesas sociais, as restrições e a miséria que impõem esses encargos insensatos — tornam-se por sua vez um dos principais fatores da crise econômica.

Para justificar tais encargos esmagadores e conseguir seus fins, as potências imperialistas e suas agências se esforçam por desenvolver uma psicose de guerra e por crear as condições de uma guerra apresentada como preventiva.

A todas as propostas, de qualquer providência, capazes de restabelecer a confiança entre os povos, as potências de guerra e seus cúmplices opuseram o silêncio ou a recusa de discutir. Sob a capa de um governo fantoche e separatista, na Alemanha ocidental, propõe-se realizar uma política de reconstituição de uma força militar e industrial agressiva, dirigida por quadros hitleristas e favorável aos seus intuitos. Com formas igualmente brutais, a mesma política é seguida no Japão. Enfim, os partidários duma guerra preventiva utilizam hoje a Jugoslávia com fins de diversão e como base diplomática e militar para a sua empresa de agressão.

Por sua atitude geral, e notadamente ao negociar com o governo fascista de Atenas, ao golpear as forças democráticas gregas, ao apresentar uma candidatura de diversão no Conselho de Segurança das Na-

ções Unidas, o governo atual da Jugoslávia constitui ameaça à Paz.

Mas centenas de milhões de partidários da Paz, espalhados pelo mundo inteiro, dispõem de uma força capaz de paralisar tais planos. Seu Comitê Mundial, reunido em Roma, a 28, 29, 30 e 31 de Outubro, verificou, pelos relatórios dos diferentes movimentos nacionais, o poderio crescente do movimento organizado dos Partidários da Paz.

Para ampliar nossa ação e garantir-lhe o êxito, devemos fazer um esforço particular nos países como os Estados Unidos e a Inglaterra, que são o núcleo da nova conspiração, na América Latina, nos países coloniais e dependentes e nos países submetidos a ditaduras fascistas, onde a luta dos combatentes da paz se desenrola em condições difíceis ou dramáticas.

Por toda parte se impõe a tarefa de ampliar os movimentos nacionais e de associar à nossa luta os milhões de cidadãos honestos, cuja consciência desperta para uma esperança de união pela paz, esperança a que não poderia ser mais obstáculo nenhuma divergência política, religiosa ou social.

As potências de guerra devem saber que um poder nasceu, capaz de impedir seus planos, de constranger os governos que aceitam a lei dos belicistas a se submeterem à paz, e de levar a toda parte a idéia de paz — o debate, o combate pela paz.

O Comitê Mundial se dirige às assembleias eletivas de todos os países do mundo. Convida-as a debaterem as propostas pacíficas, que são o voto de todas as populações. Concita-as a exigirem de seus governos que eles prestem apoio a estas propostas, permanecendo fieis ao espírito da Carta das Nações Unidas, e a exigirem que nesta se inspire a sua política nacional.

Estas propostas devem compreender:

1 — O início de conversações diretas e imediatas, sob a égide internacional, para fazer cessar as guerras em curso, notadamente na Grécia, no Viet-Nam (Indochina), na Indonésia e na Malásia;

2 — Redução imediata dos armamentos e dos efetivos e colocação imediata fora da lei da arma atômica;

3 — Assinatura pelas Grandes Potências de um Pacto de Paz no quadro das Nações Unidas;

Estes dois primeiros gestos, estes primeiros acordos seriam testemunho de uma vontade real de paz. Permitiriam o restabelecimento da confiança entre os povos e o apaziguamento que deveria selar o pacto de paz.

O Comitê Mundial precisará suas propostas em moção que será apresentada a todas as assembleias eletivas: parlamentos, assembleias departamentais e locais, e que será submetida à discussão e aprovação das populações pacíficas, sob a forma duma campanha maciça de petições, delegações e manifestações diversas.

Porque o Comitê Mundial dos Partidários da Paz sabe que dispõem os povos, hoje, dos meios de impôr a Paz.

DECISÕES E RECOMENDAÇÕES SÔBRE ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Com a preocupação de promover a mais ampla união e desenvolvimento da ação de todos os partidários da Paz, o Comitê Mundial, de conformidade com o mandato que lhe foi confiado pelo Congresso de Paris e de Praga, decide tomar as seguintes medidas de organização:

1 — Será instiuído um Secretariado permanente, encarregado de acompanhar a execução das decisões do Bureau e de assegurar a ligação constante entre o Comitê Mundial e os Comitês Nacionais. Este Secretariado compreenderá, além do Secretário Geral, representantes da Itália, U.R.S.S., China, América Latina e dos países Anglo-saxónios. Estes secretários farão parte do Bureau.

2 — O Bureau encarregado de assegurar a orientação e a mais ampla ação desenvolvida pelos Partidários da Paz, é acreditado para examinar e apresentar qualquer nova candidatura ao Comitê Mundial.

3 — O movimento, oriundo do Congresso Mundial, que se funda unicamente na aceitação pessoal ou coletiva de promover a luta contra os fatores de guerra e na vontade comum de assegurar a manutenção da paz, se apoia nos organismos nacionais, regionais ou locais, assim como em todas as organizações ou pessoas, cuja atividade concorra para defender a paz.

O Comitê Mundial recomenda a todos aqueles que lhe são filiados que se agrupem em Comitês, nas empresas, usinas, universidades, aldeias, cidades ou bairros, a fim de assegurar a coesão e ação a mais ampla possível de todas as forças da paz.

RESOLUÇÃO SÔBRE A SITUAÇÃO DO COMITÊ IUGOSLAVO

Na resolução geral do Comitê Mundial dos Partidários da Paz, definimos como inimiga da causa da paz a política do Governo de Tito e seus agentes.

Declaramos que o atual governo iugoslavo se tornou um instrumento entre as mãos dos imperialistas que querem a guerra, e é por esta razão que rompemos nossas relações com o Comitê de Belgrado, dirigido por Minderovitch e Vidmar, que dão apoio ativo à política de guerra do governo de Tito.

Nossa decisão não é de modo algum dirigida contra os povos da Jugoslávia. Estamos certos de que a grande maioria dos povos iugoslavos é contra a guerra e contra a política belicista de Tito.

Para além das barreiras erigidas pelos fatores de guerra, enviamos aos Partidários da Paz da Jugoslávia nossas saudações fraternais.

Reservamos um lugar aos verdadeiros representantes do povo jugoslavo, aos partidários sinceros da liberdade dos povos e da paz do mundo, no seio do Comitê Mundial dos Partidários da Paz.

REGULAMENTO GERAL DOS PRÊMIOS INTERNACIONAIS DA PAZ

Art. 1 — De conformidade com as decisões do primeiro Congresso

Mundial dos Partidários da Paz, três prêmios internacionais, de cinco milhões de francos cada um, serão conferidos todos os anos, sob os auspícios do Congresso Mundial dos Partidários da Paz.

Art. 2 — Estes prêmios serão respectivamente às melhores obras publicadas (livros, filmes, obras artísticas) que concorram, da maneira a mais eficaz, para consolidar a paz entre os povos.

Art. 3 — O Comité se reserva a faculdade de não atribuir prêmio, caso seja julgada insuficiente a qualidade das obras apresentadas.

Art. 4 — São admitidas ao concurso obras apresentadas por organizações públicas, pelos próprios autores, ou por terceiros.

Art. 5 — Os prêmios da paz serão conferidos pelo Comité do Congresso Mundial dos Partidários da Paz. O Comité constitue um júri para a elaboração das recomendações prévias. O júri examina as obras apresentadas ao concurso e submete suas propostas ao Comité do Congresso Mundial, o qual em última instância confere os prêmios. Os prêmios são conferidos por maioria simples de votos dos membros do Comité. O júri designado pelo Comité compreende onze membros de nacionalidades diferentes, em cujo número figuram o presidente e os dois vice-presidentes.

Art. 6 — Uma seleção prévia das obras apresentadas em cada país, poderá ser efetuada, a cargo de

juris nacionais, constituídos de acordo com o Comité Mundial dos Partidários da Paz.

Art. 7 — As obras não premiadas mas dignas de interesse, poderão ser propostas à atenção do público mundial, por todos os meios julgados úteis pelo júri.

Art. 8 — O Comité toma todas as medidas, tendo em vista popularizar as obras premiadas.

Art. 9 — As despesas com o envio e eventualmente com a devolução das obras apresentadas, ficam a cargo dos candidatos ou das organizações que as transmitirem.

Art. 10 — Os esclarecimentos indispensáveis, concernentes às condições do concurso e às modalidades da atribuição dos prêmios, serão ulteriormente publicadas.



O 70.º ANIVERSÁRIO DO GENERALÍSSIMO STALIN

Os 70 anos de vida do Generalíssimo Joseph Stalin estão estreitamente ligados à causa da libertação dos povos oprimidos e explorados, à causa da paz e à construção do socialismo. Juntamente com Lenin, à frente do Partido Bolchevique, dirigiu e levou à vitória as duas resoluções que suprimiram o capitalismo em todos os países que hoje constituem a União das Republicas Socialistas Soviéticas. A história mostra com que ferocidade foi combatida a revolução russa, não só pelos exércitos czaristas, mas, também pelas tropas alemãs, polonesas, francesas, americanas, inglesas, gregas, rumanas, enviadas pelos países empenhados em reconquistar o domínio de interesses capitalistas de que a Rússia czarista era o pasto ideal. Mas ela mostra, também, com que coesão, sob a direção de Lenin, Stalin e o seu partido, os povos da Rússia e das demais nações centenariamente submetidas à escravidão do império dos Romanof, soube enfrentar as duas batalhas da sua independência, para ser hoje o baluarte da liberdade no mundo.

E' importante ressaltar que nesse período, terminara a grande guerra de 1914-18 e já fôra assinada a paz, o que mostra que a invasão da Rússia pelas tropas imperialistas, violava inteiramente o Direito Internacional e demonstrava, outrossim, o caráter de classe

que assumia aquela guerra contra a Revolução Bolchevista. A prova desse caráter se evidencia, entre outros aspectos pela colaboração, com os "aliados", das tropas alemãs do Báltico, sob o comando de Von der Goltz. Diante da ameaça ao capitalismo uniram-se os amigos e inimigos da guerra recém-terminada.

Entretanto, em outubro de 1917, o II Congresso dos Soviets propuzera aos governos e aos povos de todos os países beligerantes um armistício de três meses para entabular as negociações de paz. O histórico decreto do II Congresso dos Soviets dirigia um apêlo aos "operários conscientes das três nações mais adiantadas da Humanidade e dos três Estados mais importantes que tomam parte na atual guerra: Inglaterra, França e Alemanha", concitando êsses operários a que contribuíssem para "levar a térmo rapidamente a causa da paz e, com ela, a causa da libertação das massas trabalhadoras e exploradas, de toda a escravidão e de toda a exploração."

Mas, passados os duros anos da intervenção e repellidos os invasores, "desses golpes tão rudes nasce uma carícia para o gênero humano", como disse Vitor Hugo referindo-se à Revolução Franceza.

Essa vitória histórica, entretanto, só fôra possível porque a política do jovem Estado Soviético correspondia aos interesses do povo, porque o povo a considerava

justa e a sustentava até às últimas consequências, mobilizando para isso tôdas as suas reservas de energia, porque o Exército Vermelho era o próprio povo em armas contra a opressão, porque, enfim, as diretivas do comando revolucionário, com Lenin e Stalin à frente, correspondiam aos anseios mais legítimos de liberdade e soberania que animavam ao povo em luta.

A fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ocorrida em dezembro de 1922, com base na união voluntária dos povos, conservando cada um deles o direito de abandonar livremente a União Soviética, é bem a expressão dos princípios que têm regido a política de paz interna e externa da URSS e que têm caracterizado a sua posição nas assembleias internacionais, da Liga das Nações à ONU.

Stalin, em sua obra magistral "O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial" mostra que enquanto todos os povos soviéticos lutavam, todos juntos, pela solução dos problemas comuns, a questão das nacionalidades não opunha obstáculos à causa da Revolução. "A diferenciação no campo e o crescimento das cidades, o desenvolvimento do comércio e das comunicações", principalmente nas regiões da periferia, aceleraram "o processo de consolidação das nacionalidades na Rússia". Contribuíram, ainda, para despertar as nacionalidades para a questão constitucional, "o desenvolvimento dos jornais e da literatura em geral", a liberdade de imprensa e das instituições culturais, o aparecimento do teatro popular e toda uma série de manifestações que punham em jogo as características nacionais de cada povo. Mas, como acentua Stalin, "a onda de nacionalismo belicoso" partia de cima, provocando uma avalanche de nacionalismo chovinista, vinda de baixo. Cabia à social democracia levantar um dique a tal "epidemia", "opondo ao nacionalismo a arma comprovada do internacionalismo, a unidade e a indivizibilidade da luta de classes".

A URSS de hoje e a sua posição no campo internacional, diante da independência e soberania dos povos, é a eloquente resposta à questão do respeito às nacionalidades. Nesse particular, foi decisiva a contribuição de Stalin. A sua experiência e conhecimentos profundos nortearam a política soviética frente às mais intrincadas questões nacionais e o prestígio de que hoje goza a URSS, de respeito à soberania dos povos, é o testemunho da sua atuação justa no convívio entre as nações.

Nos dias que passam, depois da grande guerra contra o nazismo, continua a URSS, na sua política sempre consequente, à frente dos povos que desejam terminar para sempre com a causa fundamental das guerras. A

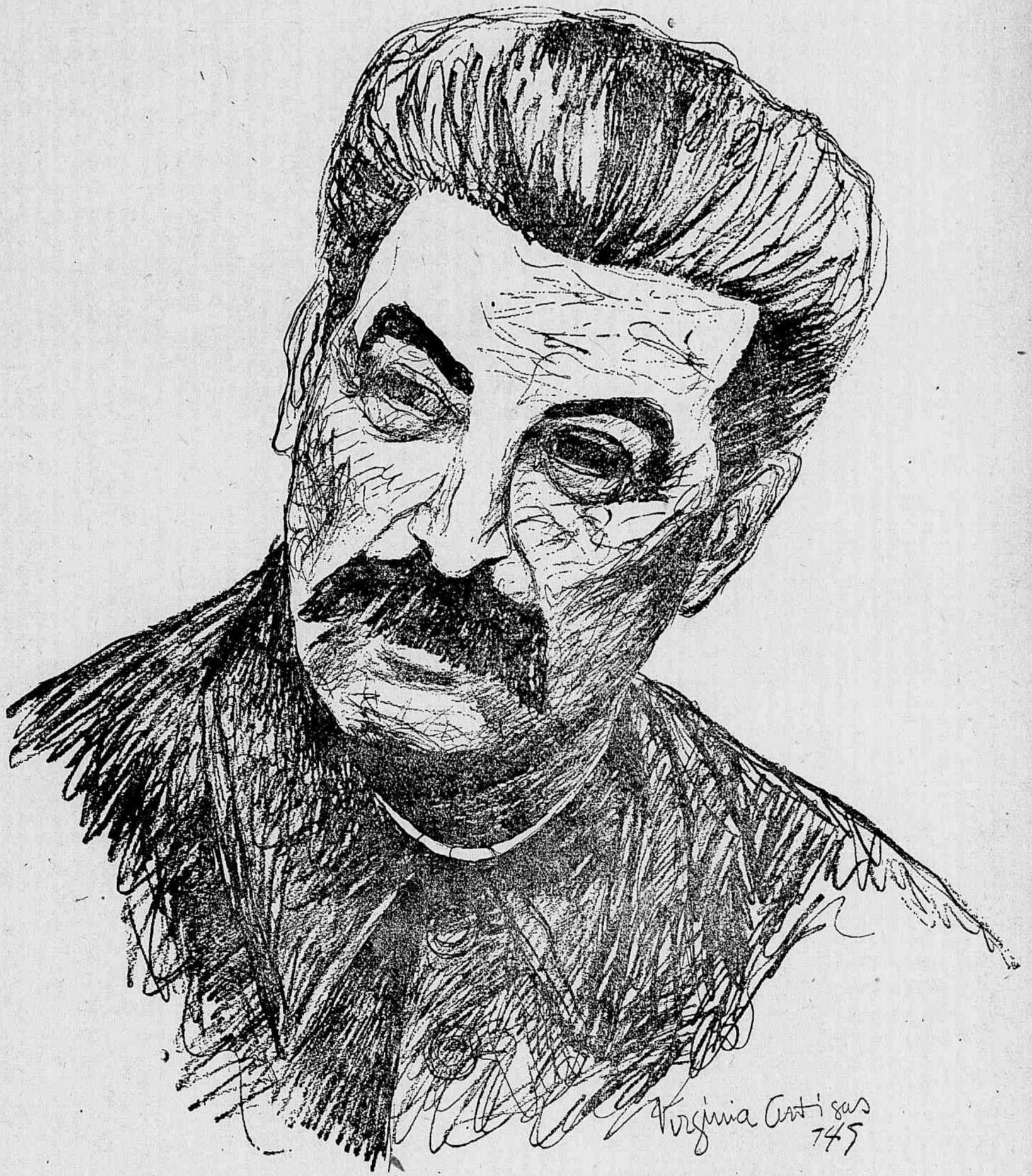
atual situação do mundo se define pela contraposição de duas atitudes. Uma delas defende a causa da paz, da amizade e da colaboração entre os povos, à base da igualdade de direitos. Defende a soberania e a independência das nações, grandes e pequenas. Aspira a consolidação da Vitória histórica sobre o nazismo e o prosseguimento, na paz, da política que, durante a II guerra mundial, contou com o apoio de todo o mundo democrático. Essa é a atitude da União Soviética e reflete a direção genial do Generalíssimo Stalin.

A outra tendência, adotada por aqueles que fazem da guerra um grande negócio, traduzida por uma preparação febril para nova hecatombe, tem por objetivo assegurar aos grandes monopólios o domínio do mundo. Substitue a colaboração normal entre os povos por relações de dominação, de subjugação, de imposição e de obediência. Os partidários dessa tendência fazem da intervenção nos negócios privados das nações o princípio fundamental de sua política exterior. Tal tendência não reconhece a soberania dos povos pequenos, debilitados pela guerra e pela exploração colonial, nega-lhes o direito de dirigir os seus próprios destinos. Há muito que tal orientação, pelos seus defensores, absolveu o fascismo e tomou em suas mãos a bandeira negra do saque e da violência imperialistas, antes defendida pelos militaristas alemães e japonezes. Os partidários dessa política, em consequência, vêm, na União Soviética, baluarte da democracia, da liberdade e da independência dos povos, o principal obstáculo à execução dos seus objetivos anti-populares.

As recentes propostas da URSS na ONU — um pacto de paz entre as cinco grandes potências, proibição da bomba atômica e desarmamento — são contrapostos pelos imperialistas, com os Estados Unidos à frente, o armamento dos países capitalistas do mundo inteiro e os pactos de guerra contra a pátria do socialismo.

No transcurso do 70.º aniversário do Generalíssimo Stalin, é justo lembrar o que tem sido a sua existência de luta pela independência dos povos, homenagem que está no coração de todos os homens de boa vontade e se reflete na decisão dos que lutam contra as forças do obscurantismo. Sob a inspiração de seu exemplo, guiada pelos seus ensinamentos, a humanidade marcha resolutamente para a construção de um novo mundo. Longa vida àquele que deu o melhor de sua vida pela causa da felicidade de todos os homens, em todos os quadrantes da Terra!





UNA CANCIÓN A STALIN

Por NICOLÁS GUILLÉN

STALIN, Capitán,
a quien Changó proteja y a quien resguarde Ochún...
A tu lado, cantando, los hombres libres van:
el chino, que respira con pulmón de volcán,
el negro, de ojos blancos y barbas de betún,
el blanco, de ojos verdes y barbas de azafrán.
STALIN, Capitán.

Tiembla Europa en su mapa de piedra y de carbón.
Mil siglos se desploman rodando sin contén.
Cañón
del Austro al Septentrión.
Cabezas y cabezas cortadas a cercén.
El mar arde lo mismo que um charco de alquitrán.
Bocas que ayer cantaban a la Verdad y el Bien
hoy bajo cuatro metros de amargo sueño están...
STALIN, Capitán.

Pero el futuro afinca, levanta su ilusión
allá en tu roia tierra donde és feliz el pan
y altos pechos armados de una misma canción
las plumas de los buitres detienen, detendrán,
allá en tu helado cielo de llama y explosión.
STALIN, Capitán.

El jarro de magnolias, el floreal corazón
de Buda, despereza su extático ademán;
gravita un continente sobre el Mar del Japón:
rudo bloque de sangre de Siberia a Ceylán
y de Esmirna a Cantón...
STALIN, Capitán.

Tambores africanos con resonante són
sobre selva y desierto su vivo alerta dan,
más fiero que el metal con que ruge el león,
y alzando hasta el Pichincha la tormentosa sien
América convoca a su puma y su caimán,
pero además engrasa su motor y su tren.
Odio por donde quiera verá el ciego alemán:
la paloma, el avión,
el pico del tucán,
el zoológico río de vasta indignación,
las flechas venenosas que en pleno blanco dan,
y aun el viento, impulsando sus ruedas de ciclón...
STALIN, Capitán,
a quien Changó proteja y a quien resguarde Ochún...
A tu lado, cantando, los hombres libres van:
el chino, que respira con pulmón de volcán,
el negro, de ojos blancos y barbas de betún,
el blanco, de ojos verdes y barbas de azafrán...
STALIN, Capitán,
los pueblos que despierten, junto a ti marcharán!

EM LOUVOR DE STALIN

"Ergue-te, oh! luz! — estrela para o povo,
Para os tiranos — lúgubre cometa!"
CASTRO ALVES

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

I

Contemplo o teu retrato,
— estrela nascida em Gori
na tenda de um sapateiro.

Contemplo o teu retrato;
Stalin,
e sinto o meu fragil coração pulsando
neste oceano de amargas perseguições.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
com a certeza de que vives
e que as tuas mãos, pacientes, trabalham
para fazer nascer deste pântano sangrento
um mundo alegre e simples como uma planta.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e meu espírito
atravessa noites, atravessa dias,
vence angustias, cordilheiras e desertos
para divisar a rubra estrela que cintila
— INVENCIVEL —

nas altas torres do Kremlin!
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e meu coração transpõe esta escura cortina de calunias
para penetrar na clara fortaleza de fogo e de esperança
onde se forja a Nova Vida.

Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e me sinto tranquilo e feliz
porque comandas o barco na Tormenta,
e trabalhas
para nos ajudar a romper estas duras algemas.

Contemplo o teu retrato,
Stalin,
com alegria porque realizas o sortilegio
de ser Um e Milhões ao mesmo tempo
com a tua inumerável presença em nossas vidas.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,

e vejo-te, implacável, diante de Wrangel e Dinikin
nos dias de cruel combate,
sustentando com os teus ombros
as fronteiras imortais que passam em meu coração.
Contemplo o teu retrato

Stalin,
e vejo-te frente aos marechais de Hitler
para fazel-os retroceder
de golpe em golpe,
derrotados,
até às ruínas fumegantes da fortaleza de Berlin.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,

e vejo-te, — oh! pulso multiplicado!
oh! Gigante da Georgia! —
lançando sobre os invasores

a fúria fulminante dos teus relampagos mortais!
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e vejo-te de pé sobre o feio mundo
proclamando a tua confiança na classe operária
— mar que corroi os alicerces
deste negro presidio de verdugos.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e te bendigo por saber que vives
— necessário e nobre
como o pão, a esperança e a água —
tão confortador como a certeza
de que entre lágrimas e clamores — amanhece...
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e te bendigo
porque trabalhas — silencioso e obstinado —
como a Semente.

II

Escuta a minha voz
repleta de amargura
pelos mortos que ainda não pudemos sepultar.
Escuta a minha voz
atravez destas graças e misérias
que derrubaremos com esperanças e com lutas
para construir em seu lugar
um pouso de verde alegria!
Desperta em mim
uma indomável audácia
para dar as mãos, o cérebro, o coração e a vida
no caminho que ao teu exemplo me conduz!
Escuta a minha voz:
vai também no meu canto
a voz dos camaradas
que aqui tombaram na luta.

III

Na Grécia martirizada,
na indomada Indonésia,
na invencível Espanha,
na renascida China,
entre rosas de sangue e de esperança
os guerrilheiros te saudam:
"Longa vida para Stalin!"

Longa vida te desejamos
para que reine a paz no mundo.
Paz para que todos os povos se libertem,
paz para que as sementes germinem,
paz para que se multipliquem as espigas,
paz para que a juventude do mundo te agradeça
milhões de vidas poupadas!

Longa vida te desejamos, Stalin:
— estrela nascida em Gori
na tenda de um sapateiro.

LIÇÕES PERNICIOSAS

CATULO BRANCO

Ainda está bem vivo em nossa memória o célebre processo "Insull" mandado instaurar pelo presidente Roosevelt, em 1934, contra o magnata Samuel Insull. Entre os seus crimes figuravam: o de "aguamento" do capital das empresas de serviços públicos, manobras ilícitas junto a políticos e administradores influentes e um outro, que foi julgado o mais grave e pelo qual foi ele condenado, o de subvencionar professores escolares e de universidades, para que fossem transmitidas à mocidade, informações convenientemente manipuladas no sentido dos interesses econômicos e financeiros da grande "holding" por ele dirigida.

Esta passagem da vida política americana torna-se, em uma época em que o imperialismo de "Wall Street" todos os dias nos dá em nossos jornais uma pequena lição, particularmente interessante; em certo dia é a Standard Oil declarando que, em cada 100 cruzeiros de movimento, apenas 7 ficam em suas mãos, como si esta relação tivesse para nós qualquer interesse e evidentemente querendo iludir leitores distraídos, deixando em sua mente a idéia de que seu lucro é de apenas 7%; em outro dia é a Light com o seu célebre Sacy a querer convencer incautos de que a restrição da energia elétrica é uma vantagem para todos. E estas propagandas, apresentadas a título de anúncio, vão logo sendo seguidas de entrevistas dos "bosses" das companhias, com amplas explicações sobre as belezas do racionamento... "no Canadá e nos Estados Unidos já foi um sucesso"... estamos, portanto, atrasados.

Mas, si no tempo de Roosevelt a propaganda perniciosa era combatida, inclusive com discursos e livros do próprio Presidente, já agora as cousas são diferentes e assim é que vemos o embaixador americano, mister H. V. Johnson, em forma altissonante, fazer inúmeras afirmações obedecendo a um plano previamente estudado e a ser desenvolvido pelo imperialismo em nossa

terra. Inúmeras foram as asserções de sua excelência merecendo o nosso formal repúdio; vou aqui focalizar apenas um aspecto de suas declarações, que bem nos mostra a íntima relação e a uníssona orientação destes embaixadores, por um lado, e das Standard, Light e Cia., por outro.

Declarou ele o seguinte:

"Os dois principais aspectos do programa são a cooperação técnica e o incentivo ao afluxo de capital, de modo que novas técnicas possam ser empregadas com resultado.

Entre as maneiras de distribuir conhecimentos técnicos estão os estudos econômicos, publicação e tradução e de relatórios técnicos e especializados, etc., etc..

(Folha da Manhã de 19/10/49)

E realmente o consulado americano já vinha solícitamente atendendo a esta nova linha de ação. Mandava os jornais, da imprensa que transcreve habitualmente caros anúncios da Standard Oil — Light — etc., informarem o público que o consulado estava distribuindo, gratuitamente, um bem impresso opúsculo intitulado: "OS PEQUENOS CURSOS DE AGUA — SUA UTILIZAÇÃO E RELAÇÃO COM O SOLO".

Trata-se, como só se poderia esperar, de um relatório para países coloniais. Representa este trabalho uma réplica a tudo o que nos ensinou a experiência do Vale do Tennessee. Os trabalhos propostos têm sempre aquele caráter individual que se opõe aos grandes planos, indispensáveis à solução do problema do enriquecimento da terra pelo represamento de grandes

rios; planos que resolvem também os problemas das perniciosas enchentes, problemas de navegação e de produção de energia elétrica.

Mas, o que me causou mais espécie, foi a defesa que o livro faz da necessidade de serem modificadas leis que impedem aos proprietários de alterar cursos d'água. Refere-se o articulista à legislação americana; a versão deste livro, porém, nos é apresentada em um rico folheto, em português, tentando sugerir, a nós brasileiros, de forma subreptícia, possíveis modificações em nossas leis.

Senhores imperialistas: não aceitamos nem esta, nem outras insinuações contidas neste livro. Não pretendemos permitir, que em nosso país seja alterado o princípio constitucional que reconhece que os cursos d'água são bens públicos inalienáveis, e que só podem ser alterados mediante autorização ou concessão a serem obtidas de acordo com o especificado na Constituição e no Código de Águas.

A notícia de que o consulado vinha distribuindo um folheto sobre este assunto, interessou-me particularmente, porque, em 1938, desejei possuir relatórios sobre as obras do Vale do "Tennessee" e dirigí-me, como era natural, ao consulado americano. Lá me foi explicado que estes relatórios, pelas idéias que expendiam, tinham conteúdo político e um entendimento entre consulados vedava a divulgação de obras deste tipo. Aceitei naquela ocasião esta justificativa que agora se tornou inaceitável.

E, por falar neste assunto, porque será que o consulado americano não traduz os célebres relatórios do "Vale do Tennessee" e não os distribui gratuitamente? Estes, sim, são trabalhos feitos sem mistificação e com elevado conteúdo técnico.

O Reequipamento da Indústria Brasileira

SILVIO CINTRA

Asseveram os economistas burgueses que o escopo das invenções industriais no campo do maquinismo é o de baratear os produtos, permitindo por essa forma ampliar o número de consumidores. Esse fenômeno, evidentemente, terá de ser acompanhado de outro: a manutenção ou o aumento do lucro do dono da fábrica, seja uma tecelagem, oficina mecânica ou siderúrgica. A primeira condição é, aliás, facilitar a obtenção de um artigo superior ao manufaturado pelas máquinas substituídas. Nem sempre ocorre esse fato, como no caso do rayon, o mais perigoso concorrente da seda natural, muito mais barato que ela, mas que não a pode substituir quanto a certas qualidades de tecidos. Basta comparar uma gravata de seda natural com uma de rayon para se perceber imediatamente a diferença entre

ambas, sobretudo no que diz respeito à durabilidade. O preço da última, contudo, serve de estímulo para vendas em maior volume, ficando a procura da primeira, por isso, restrita a limitado setor de consumidores, o dos mais bem aquinhoados da fortuna.

As máquinas modernas, particularmente as têxteis, poupam mão de obra numa escala considerável, resultando da economia assim conseguida um acréscimo no lucro unitário do industrial, isto é, no lucro proporcionado por um metro de tecido, por relógio fabricado (se manufatura relógio) ou por tapete produzido (se fabrica de tapetes). Mesmo que subam os outros gastos, tais os efetuados com os

combustíveis, energia motriz, fretes, carros, impostos, despesas de manutenção, etc., a economia obtida é tal que permite o acréscimo da mais-valia extorquida do operário pelo capitalista. "O aumento ou a diminuição da mais-valia é sempre o efeito e jamais a causa da diminuição ou do aumento correspondente do valor da força de trabalho", consoante se manifestou Carlos Marx.

MAQUINISMO E GRANDE INDÚSTRIA

Alem disso, dizem os economistas burgueses que toda invenção mecânica tem por objetivo aliviar o trabalho quotidiano do operário. Nessa hipótese, apresentariam razões de indisfarçável sentido humanitário. É verdade, porém, essa assertiva? Carlos Max doutrina o seguinte a esse respeito:

"Como quaisquer desenvolvimentos da força produtiva de trabalho, o emprego das máquinas se propõe diminuir o preço das mercadorias e de reduzir a parte DO DIA DE TRABALHO DE QUE O OBREIRO PODE DISPOR PARA SI MESMO, A FIM DE A LONGAR O OUTRO, QUE ELE DÁ GRATUITAMENTE AO CAPITALISTA. É um meio de produzir a mais-valia" (o grifo é nosso).

Em fiações e tecelagens instaladas em São Paulo depois da guerra, cujo equipamento mecânico é dotado de inúmeros aperfeiçoamentos, os salários pagos não são muito mais elevados que os vigentes na maioria de analogos estabelecimentos fabris, quer de algodão, quer de lã. Houve, é verdade, relativa alta do salário médio — maxime o da mão de obra feminina e de menores — que só se tornou possível porque o industrial conseguiu reduzir o volume de mão de obra de que antes carecia, uma vez que as máquinas novas passaram a fazer o trabalho de dois, três e até quatro obreiros. Ademais, as reivindicações do próprio trabalhador exerceram poderoso influxo na melhoria do seu salário, que mesmo assim, está aquém do salário vital de que precisa para poder levar uma vida digna e proveitosa... Redundou, no entanto, do desemprego de determinado numero de trabalhadores, uma baixa de salários em fabricas concorrentes — muitas delas funcionando com máquinas antiquadas — as quais tiveram por esse meio a sorte de encontrar no mercado de trabalho maior disponibilidade de força de trabalho (mão de obra). Sabe-se, de outro lado, que há escassez de operários especializados, principalmente para lhes entregar o manejo dos tipos mais recentes de fusos, teares, máquinas operatrizes e outras, importadas do exterior. Semelhante deficiência — a que o SENAI procura socorrer — tende a desaparecer, devendo, dentro de pouco tempo, registrar-se um equilibrio entre a demanda e a oferta, com as naturais vantagens para os capitalistas. Esse fenômeno é mundial e se produz desde que surgiram as novas invenções industriais, sobremodo a partir do começo do século XX. Em 1930, a "Deutsche Technikerzeitung", de Berlim, escrevia o seguinte:

"A introdução das máquinas ditas máquinas de economia de trabalho é um dos elementos da racionalização mais empregados. Pela simplificação dos serviços, pela vigilância mais simples, pela simplificação de mecanismos complicados, pela redução do tempo de parada da máquina, por um maior numero de giros, pelo funcionamento semi-automático ou inteiramente automático de certas máquinas de trabalho, pela construção mais precisa e material aperfeiçoado, etc., conseguiu-se um rendimento superior, melhor qualidade e a fabricação de produtos mais baratos."

Quais as consequências que disso decorreram? É o mesmo órgão tecnico que salienta todas elas:

"Outra consequência da racionalização da industria textil (a que a adoção das máquinas, novas conduz) é a substituição de obreiros qualificados por operários não qualificados, o emprego das mulheres em lugar dos homens, a substituição, igualmente, de antigos operários e empregados especializados no ramo e dotados de rica experiência, por um pessoal mais jovem, menos experimentado, mas, por essa razão, trabalhando por salários mais baixos."

Repete-se, por conseguinte, o mesmo fenomeno que apontamos estar se verificando em São Paulo. O capitalismo é o mesmo sob todos os climas. Até aqui o aumento da população do país tem redundado na manutenção de um excesso de mão de obra nas cidades, excesso que nivela para baixo os salários da força de trabalho de reserva. As continuas majorações de salários — que o proletariado tem reclamado nos ultimos anos — são uma consequência da inflação e, também, DO BAIXO SALÁRIO REAL QUE PERCEBE. O CAPITALISTA-INDUSTRIAL NUNCA REDUZ A SUA MAIS-VALIA: QUANDO É FORÇADO A ELEVAR O SALÁRIO, ACRESCE O PREÇO DE VENDA DE SUA MERCADORIA. QUANDO O GOVERNO AUMENTA OS IMPOSTOS, ELE, DE NOVO, MAJORA O PREÇO DOS SEUS ARTIGOS. A MAIS-VALIA NUNCA SOFRE INTERRUPÇÃO NO SEU VOLUME QUANTITATIVO. Ademais, as condições feudais da agricultura nacional exercem efeito deprimente nos salários industriais, os quais, embora "melhores" que os pagos na roça, permanecem sempre aquém do necessário (conforme dissemos antes) para que o trabalhador possa levar uma vida, digamos, razoável. Daí a necessidade de adoção de máquinas modernas, de cujo emprego resultam duas vantagens iniciais: reduz a mão de obra, permite MODERADA elevação de salários, e sobretudo conduz ao acréscimo da produção (e consequentemente da mais-valia...). Cabe aqui um reparo: esse acréscimo produzido terá de ser absorvido pelo mercado interno, a menos que haja exportação em regular quantidade para o estrangeiro, sem o que os salários terão de ser de novo reduzidos ou, como a lei o proíbe, se intensifique o trabalho de mulheres e menores. Deduz-se, de tudo quanto dissemos, que o reequipamento da industria nacional — embora inevitável e urgente — apresenta aspectos sociais e economicos que não devem ser subestimados. "A produtividade da máquina — escreve Carlos Marx — tem por medida a força humana que ela substitue".

Quando foi publicado o primeiro volume de "O Capital", de Marx, em 1867, ele profetizou coisas que hoje reconhecemos como fatos indiscutíveis, tal como aquilo que disse do trabalho das mulheres e crianças (hoje escrevemos menores...) na industria. "Emquanto a maquinaria torna superflua a força muscular, transforma-se num meio de empregar operários sem força muscular ou de desenvolvimento físico incompleto, mas que disponham de grande destreza. Facamos trabalhar as mulheres e as crianças! Esse poderoso substituto do trabalho e dos obreiros vem a ser assim o meio de aumentar o numero de salarizados, nele englobando todos os membros da familia operária, sem distinção de sexo nem de idade: todos são diretamente submetidos ao capital".

DUAS ESTATÍSTICAS VALIOSAS

Para comprovar as ponderações anteriormente feitas, reproduzimos do último numero de "Industriários" (de agosto do ano findo) duas estatísticas significativas, uma sobre

o salario medio por idade, na industria nacional, em todo o Brasil, segundo os censos de 1937 e 1948, e outra sobre os salarios por idade, segundo os sexos, em grupos quinquenais, os quais indicam o grau de exploração a que está sujeito o operario fabril, ou melhor, o grau de mais-valia que do seu trabalho o capitalista retira.

São as seguintes as estatísticas:

SALÁRIO MÉDIO POR IDADE, SEGUNDO OS CENSOS DE 1937 E 1948

IDADE	SALÁRIO MÉDIO	
	1937	1948
15	87,70	429,10
20	150,70	748,50
25	211,90	938,30
30	251,50	1.041,70
35	291,20	1.165,80
40	307,10	1.179,10
45	317,00	1.232,10
50	308,30	1.240,30
55	309,50	1.240,10
60	302,10	1.216,10
65	285,00	1.231,70
70	297,10	1.161,90
75	255,60	1.086,20
80	187,00	871,50

SALÁRIO POR IDADE, EM GRUPOS QUINQUENAIS

IDADE	SALÁRIO MÉDIO EM CR\$			ÍNDICE DE SALÁRIO			
	Mulheres	Homens	Ambos os sexos	Mulheres	Homens	Ambos os sexos	Salário de mulheres em % do de homens
15	421,40	436,30	429,10	100,0	100,0	100,0	96,6
20	654,20	809,50	748,50	155,2	185,5	174,4	80,8
25	712,30	1.021,40	938,30	169,0	234,1	218,7	69,7
30	731,80	1.138,30	1.041,70	173,7	206,9	233,3	64,3
35	748,80	1.286,90	1.165,80	177,7	295,0	278,7	58,2
40	754,10	1.291,60	1.179,10	179,0	296,0	274,8	58,4
45	738,20	1.329,40	1.232,10	175,2	304,7	287,1	55,5
50	746,20	1.313,70	1.240,30	177,1	301,1	289,0	56,8
55	735,90	1.291,30	1.240,10	174,6	296,0	289,0	57,0
60	699,60	1.255,50	1.216,10	166,0	287,8	283,4	55,7
65	741,10	1.263,10	1.231,70	175,9	298,5	287,0	58,7
70	678,30	1.186,50	1.161,90	161,0	271,9	270,8	57,2
75	754,80	1.111,30	1.086,20	179,1	254,7	253,1	67,9
80	—	871,50	871,50	—	199,8	199,8	—

Na conformidade do que escreve "Conjuntura Econômica", de outubro último, um estudo dos tipos de salarios adotados na indústria do Brasil revela inicialmente consideravel parcela de contratados na base de salario mensal. Cerca de 15,% do operariado são remunerados nessa base. Por outro lado, uma parte correspondente a 57,% do operariado percebe salario por hora, percentagem, aliás, relativamente baixa, comparada com a dos países mais industrializados, nos quais predomina esse tipo de salario. Os diaristas continuam em minoria. Ignora-se o montante dos tarefeiros assalariados (salario por tarefa).

RESULTADOS DE UM INQUERITO

Aquela mesmo publicação carioca, utilizando dados proporcionados por recente censo dos industriarios, publica a estatística abaixo transcrita, que revela os tipos e valores médios dos salarios vigentes no Brasil em 1948, e da qual se infere serem os salarios excessivamente baixos, particularmente em vista da atual carestia da vida, produzida pela inflação (e que o governo federal diz ter transformado em deflação... segundo os seus teóricos da imprensa burguesa...):

REMUNERAÇÃO MENSAL (Em cruzeiros)

TIPO DE SALÁRIO	HOMENS		MULHERES		AMBOS os SEXOS	
	Número	Valor médio	Número	Valor médio	Número	Valor médio
Mensal.....	184.082	1.383,80	70.278	684,70	254.360	1.190,70
Diário.....	130.310	745,30	52.772	522,70	183.082	681,10
Por hora.....	408.805	773,30	172.961	539,90	581.766	703,90

POSIÇÕES «SOCIALISTAS»

por
ARTUR NEVES

ALGUMAS NOTAS SOBRE O FOLHETO "POSIÇÕES SOCIALISTAS — RESOLUÇÕES, MANIFESTOS E DOCUMENTOS DE DISCUSSÃO" — EDITADO PELA SECÇÃO DE SÃO PAULO DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO.

A série de documentos que formam este folheto é apresentada pelo sr. Fulvio Abramo, secretário de propaganda da C. E. E. do Partido Socialista Brasileiro (Sec. de S. Paulo.) como "uma súmula da atividade ideológica do Partido em S. Paulo e uma prova da seriedade de interpretação dos princípios socialistas, tal como são eles expressos em nossos (deles) documentos fundamentais — o Programa e os Estatutos". Segundo a opinião do mesmo sr. Fúlvio Abramo, "esses documentos valem por uma demonstração do cuidado e da vontade de acertar com que se estão firmando as bases ideológicas do socialismo democrático entre nós, condição exclusiva da evolução para uma etapa de organização econômica, social e política da humanidade". E o sr. Abramo, após afirmar que o folheto "constitue, também, a única publicação em forma de volume, que um partido socialista de bases democráticas tenha empreendido entre nós", termina o prefácio declarando que esse fato — o da publicação em forma de volume dos documentos de um partido socialista — "talvez seja um dos seus melhores méritos perante a história do desenvolvimento político das massas brasileiras, às quais pertencem, doravante, em caráter definitivo".

Estamos, pois, diante de um folheto que, na opinião de seu prefaciador e compilador, vai se ligar à história do desenvol-

vimento político do nosso povo e passar a pertencer, em caráter definitivo, ao seu patrimônio cultural e político. Após uma atenta leitura de toda a matéria contida nas 83 páginas em que são apresentadas as múltiplas e variadas posições "socialistas" diante dos problemas brasileiros, chegamos a uma conclusão diametralmente oposta à do sr. Fulvio Abramo. E sem querermos ser profetas, podemos afirmar que esse magro folheto, em que estão refletidos os devaneios ideológicos de um grupo de intelectuais pequeno-burgueses, não se liga, nem se ligará jamais, nem definitiva, nem transitariamente, à história do desenvolvimento político das massas brasileiras. E isto porque não há, nem pode haver, qualquer ligação ou convergência entre as elocubrações pseudo-revolucionárias dos nossos intelectuais "de esquerda" anti-comunista, que fogem da ação prática como o diabo da cruz, e a evolução ideológica e a ação revolucionária das massas brasileiras, que hoje marcham decididamente no caminho da revolução agrária e anti-imperialista. Tanto isso é verdade que o próprio sr. Fúlvio Abramo, no referido prefácio, vê-se obrigado a declarar, embora num tom de doce e elogiável otimismo que "...a atividade prática do Partido Socialista Brasileiro ganha, embora com menos rapidez do que seria de desejar (o grifo é nosso), maior amplitude e consis-

tência..." E é cheio de fé e esperança que o sr. Abramo diz: "dentro em breve não será necessário recorrer à leitura de documentos referentes a períodos superados para conhecer suas posições, pois elas já começam a viver com acuidade no seio das massas". Enquanto não chega o bom tempo e não caem as chuvas que farão germinar as sementes plantadas pelo sr. Abramo e seus pares, vamos procurar analisar os cardos e gramíneas que, nestes períodos ainda não superados, crescem na horta ideológica do P. S. B. (Sec. de S. P.). E passemos a falar sério.

* * *

O folheto em que vêm descritas as múltiplas e variadas "posições socialistas" divide-se em 6 partes: I — *Questões teóricas e doutrinárias*; II — *Problemas políticos*; III — *Problemas econômicos*; IV — *Questões sindicais* — V — *Questões de disciplina partidária* e VI — *Apêndice*, enfeixando no seu conjunto editoriais, teses, moções, documentos, circulares, ante-projetos, projetos, artigos, etc., etc. Na 1.ª parte — a de teoria e doutrina — o sr. Fulvio Abramo apresenta um trabalho sobre "a linha política e a ação dos grupos de base" e uma "contribuição para o estudo das posições socialistas em torno da questão agrária"; o sr. Antonio Cândido contribui com uma tese intitulada "repúdio à doutrina do capitalismo de estado"; o sr. Oliveiros S. Ferreira versa o mesmo assunto apresentando a moção "ainda sobre o capitalismo de estado"; e finalmente temos um trabalho do sr. Febus Gikovate denominado "a participação nos lucros não leva ao socialismo". A falta de unidade teórica entre os trabalhos apresentados torna impossível uma análise global desta parte teórica e doutrinária do folheto dos senhores "socialistas". O único traço comum a ligar essa "súmula da atividade ideológica" dos teóricos do P. S. B. (Sec. de S. P.) é, a nosso ver, a completa falta de conteúdo revolucionário, o anti-comunismo sistemático e o oportunismo também sistemático.

Stalin, ao analisar os métodos de trabalho da Segunda Internacional, no período anterior à 1.ª Grande Guerra, nos mostra que essa falta de unidade teórica é uma das manifestações mais típicas do predomínio, não só formal mas efetivo, do oportunismo na Segunda Internacional, da qual os "socialistas" de São Paulo podem ser considerados dignos e retardatários herdeiros. Diz Stalin:

"Em vez de uma teoria revolucionária completa, teses teóricas contraditórias e fragmentos de teorias, separadas da luta revolucionária das massas e convertidos em dogmas caducos. Para guardar as aparências, recordava-se, naturalmente, a teoria de Marx, mas com o fim de despojá-la de seu espírito revolucionário vivo". (J. Stalin — "Sobre os Fundamentos do Leninismo" — Cap. II — O método).

Já que não nos é possível, dentro dos curtos limites desta nota, ficar zig-zagueando à cata dos fragmentos de teorias e pedaços de doutrina que formam o mosaico ideológico dos "socialistas" de S. Paulo, somos forçados a restringir os nossos comentários a uma das teses que, tanto pela sua autoria, como pelo tema que aborda, serve para nos dar a medida, em extensão e profundidade, da falsificação ideológica e do oportunismo político do grupo de intelectuais que participam na elaboração das "bases ideológicas" do "socialismo democrático" entre nós. Vamos analisar mais detidamente a tese em que o sr. Antonio Cândido, um dos mais recentes teóricos do "socialismo democrático" do Brasil, sob pretexto de repudiar a doutrina do capitalismo de estado, dá vazão ao seu ódio anti-comunista e se coloca definitivamente na posição de campeão, embora de peso leve e fôlego curto, na luta ideológica contra a União Soviética.

Essa tese — "repúdio ao capitalismo de Estado" (ver pags. 6-9 do folheto) — foi apresentada pelo sr. Antonio Cândido em nome da Comissão Executiva do P. S. B. (Sec. de S. Paulo) e aprovada em reunião plenária realizada em Santos, a 27 de junho de 1948, o que vem demonstrar que o sr. Antonio Cândido foi o intérprete fiel do pensamento da Comissão Executiva, da qual é membro, e que a Comissão Executiva endossou no fundo e na forma as elocubrações teóricas do sr. Antonio Cândido. É necessário que isso fique bem esclarecido logo de início porque o sr. Fulvio Abramo, numa das suas notas de apresentação, nos adverte que "o nome do companheiro citado ao pé de cada trabalho refere-se ao de seu representante, o que significa autoria principal, mas não exclusiva, pois toda a documentação partidária é submetida à discussão e aprovada por maioria a qual lhe

introduz alterações e adendos ou a reduz e sintetiza, segundo os casos". E o sr. Abramo acrescenta: "Constituem, portanto, patrimônio partidário e como tal devem ser consideradas, sem prejuízo do destino que possam experimentar no futuro". Resumindo e sintetizando: A tese é de autoria principal do sr. Antonio Cândido e pertence ao patrimônio partidário do P. S. B. (Sec. de S. P.).

Para nós toda essa questão de "copyright" ideológico seria dispensável, pois sabemos que o sr. Antonio Cândido é figura de proa do grupo de intelectuais cuja posição ideológica e atuação política foram tão bem analisadas por Luiz Carlos Prestes em seu artigo "O imperialismo em busca de novos quadros". ("Problemas — n.º 18 — julho de 1948). É ele um dos intelectuais "capazes", "inteligentes" e "habeis" que, como muito bem observa Prestes, "principalmente agora, não perdem oportunidade para escrever contra o comunismo, contra a União Soviética e, muito especialmente, contra os comunistas de seu próprio país".

Mas vejamos como o sr. Antonio Cândido e seus companheiros de C. E., nas linhas e entrelinhas de uma tese que é "patrimônio" de um partido que se diz de esquerda e revolucionário, usam e abusam de sua "inteligência" e "habilidade" para vomitar veneno contra os comunistas brasileiros e caluniar a União Soviética, colocando-se, conciente ou inconcientemente, na posição de tropa avançada na campanha ideológica que o imperialismo norte-americano desenvolve em nossa terra.

Logo no introito da tese os candidatos "socialistas" afirmam que o Partido Comunista do Brasil "foi pôsto na ilegalidade graças a uma situação que contribuiu para criar com os seus desmandos teóricos e práticos" e assim repetem, sem qualquer contribuição subsidiária ou suplementar, os ensinamentos do sr. Domingos Velasco, famoso criador da "teoria da vaca bava". Os comunistas brasileiros dispensam a tutela ideológica e a orientação prática de "revolucionários" do tipo dos srs. Domingos Velasco, Antonio Cândido & Cia. que, ao invés de tomarem posições firmes e claras contra um governo ditatorial e arbitrário, preferem enveredar por uma linha de falsa "neutralidade" ou se encastelar na cômoda posição de juizes de uma peleja da qual não participam. A atitude desses "inteligentes" e "habeis" teóricos do "socialismo democrático" não consegue iludir o nosso povo, que já atingiu suficiente maturidade política para perceber que à medida que entre nós a luta de classes se aprofunda, os tais "teóricos" passam a acentuar as suas divergências táticas com as forças verdadeiramente revolucionárias, vão pouco a pouco se transformando em 3.ª força, "neutra" e "equidistante", para afinal cobrir a sua retirada da luta ou a sua adesão ao inimigo com a cortina de fumaça de uma "posição ideológica", engenhosamente elaborada, mas sem qualquer conteúdo revolucionário.

Se fizermos um balanço das atividades desses intelectuais que se arrogam o direito de orientar ideologicamente a luta revolucionária do povo brasileiro, verificaremos que, com suas falsas "posições ideológicas" e através da sistemática crítica anti-comunista com que disfarçam o seu oportunismo e falta de espírito de luta, eles na prática não têm feito mais do que levar água ao moinho da reação. Sempre que são chamados a tomar posição nas campanhas em que o nosso povo está empenhado, os intérpretes do "socialismo-democrático" fogem pela tangente e, com a publicação de manifestos, comunicados e discursos, cheios de ressalvas, denúncias e interpretações sibilinas, procuram torpedear os movimentos populares e lançar a desconfiança no seio das massas. Por trás de cada movimento realmente popular, vislumbram sempre o assustador fantasma comunista, o perigo do manobristismo e do disvirtuamento e, como é natural, preferem ficar vigilantemente de fora, no cômodo trabalho de "orientação política".

Na hora em que o povo brasileiro luta vigorosamente em defesa do petróleo e procura se organizar numa ampla frente anti-imperialista, os senhores socialistas saem a público, não para lutar ao lado do povo, mas para paternalmente preveni-lo: "Esta campanha está tomando feições perigosas e ameaça transformar-se em movimento demagógico, de conteúdo nacionalista-chauvinista". (Circular apresentada pelo sr. Febus Gikovate. "Folha Socialista" Ano I, 15-7-48, n. 10, pag. 3). Deixam de participar da campanha da paz em que todos os povos do mundo estão empenhados porque: "Os socialistas podem e devem desmascarar todas as manobras e movimentos que, em nome da defesa da paz procuram na realidade arrastar as massas para um outro campo". (Resolução apresentada pelo sr. Febus Gikovate e aprovada pela Comissão Estadual — "Posições Socialistas" — pag. 74). E dito isso, os senhores socialistas dão como cumprida a sua missão "revolucionária", na campanha que vai decidir o destino da humanidade.

No seu afã de lançar a confusão e entravar as lutas populares, os luminares do "socialismo-democrático" chegam mesmo a fornecer à polícia política do General Dutra, completamente elaborada e requintadamente redigida — a "argumentação" tão necessária para dar à violência policial a "base legal" com que esta sempre procura acobertar os seus crimes. Não devemos esquecer que no dia 1.º de abril de 1949, ao ser anunciada a realização do Congresso Nacional da Paz, no Rio de Janeiro, um grupo de intelectuais "socialistas" de São Paulo, encabeçado pelo sr. Antonio Cândido, (*) apressou-se em publicar na imprensa um vergonhoso documento, no qual o bem informado líder "socialista" e seus colegas tiveram o desplante de afirmar que "...o Congresso Mundial Pro-Paz inspira-se no já realizado Congresso de Wroclaw, que foi, como é público e notório, organizado e financiado pela União Soviética visando o desarmamento das consciências livres e a criação de um ambiente de confusão interna nos países democráticos".

Sem desejarmos discutir a "posição ideológica" dos signatários desse manifesto, mas procurando encarar o documento sob o seu aspecto de denúncia tipicamente policial, somos forçados a concluir que o sr. Antonio Cândido e seus companheiros, ao afirmar categoricamente, com o peso da sua responsabilidade de intelectuais, que o Congresso Mundial Pro-Paz a ser realizado em Paris era financiado por Moscou e visava "a criação de um ambiente de confusão interna nos países democráticos", na prática nada mais fizeram do que fornecer ou reforçar os "argumentos" e a "base legal", com que a polícia iria, uma semana mais tarde, justificar a invasão e o empastelamento da sede da União Nacional dos Estudantes, e a prisão e o espancamento de homens e mulheres, de todas as tendências políticas e religiosas, que lá se encontravam pacificamente reunidos para escolherem os delegados brasileiros a um congresso convocado pelos vultos mais representativos da intelectualidade mundial.

Após os acontecimentos verificados na sede da U. N. E., os srs. Antonio Cândido, Sergio Milliet e demais signatários da denúncia, na sua maioria diretores e membros da Associação Brasileira de Escritores (Secção de São Paulo), ficaram, como é óbvio, impossibilitados de cumprir o seu dever de escritores, solidarizando-se com o poeta Rossine Camargo Guarnieri e outros confrades que foram barbaramente espancados pelos tiras da polícia carioca. Não puderam também, como é óbvio, solidarizar-se com seus correligionários Dr. Alipio Correia Neto, presidente do P. S. B. (Sec. de S. P.) e, naquela época, presidente da Comissão Organizadora do Congresso da Paz de São Paulo, preparatório da reunião do Rio. Para serem coerentes, os srs. Antonio Cândido, Sergio Milliet e os outros signatários da denúncia só poderiam, como é óbvio, solidarizar-se naquele momento com a polícia que, na sua ação repressiva, evitava que o saudoso Artur Ramos, os escritores Astroquildo Pereira, Alvaro Moreira, Anibal Machado, Caio Prado Junior, Rossine Camargo Guarnieri, os pintores Candido Portinari e Di Cavalcanti e dezenas de outros intelectuais e estudantes, à frente de milhares de cidadãos brasileiros "criassem um ambiente de confusão interna".

Eis a que ponto chegam os tais "teóricos" que se arvoram em críticos dos comunistas brasileiros. Após terem contribuído na prática para a prisão e espancamento e morte de patriotas partidários da paz, têm eles o cinismo de se vestirem com a roupagem de super-revolucionários e, assumindo um ar conselheiral, vir a público dizer que, com suas contribuições ideológicas — contribuições que, como vimos, têm servido à reação policial — estão enriquecendo o patrimônio político e cultural do povo brasileiro.

Voltemos, contudo, à tese do sr. Antonio Candido. No parágrafo 1.º afirma ele, apesar de ninguém ter dúvida, — "O Partido Socialista Brasileiro é contrário tanto ao comunismo russo quanto à sua expressão local, o Partido Comunista do Brasil". Não julgamos necessário comentar tão clara e insofismável afirmação de antagonismo. Apenas queremos ressaltar que, ao falar no Partido Comunista do Brasil como expressão local do comunismo russo, o sr. Antonio Candido mais uma vez endossa uma tese do sr. Velasco e entremostra aquela mesma tendência em subs-

tituir a luta de classes pela geo-política, já assinalada por Luiz Carlos Prestes na crítica feita ao "teórico" goiano:

"Sua primeira e mais proveitosa lição, diz Prestes, é contra o internacionalismo proletário dos comunistas, "comunistas internacionalizados", como escreve com evidente repugnância. O socialismo do sr. Velasco não aceita nem de longe a afirmação de Marx de que toda a história da humanidade tem sido a história da luta de classes. Nada de luta de classes. Nada de luta de classes! Isto é "russofilismo" que só pode levar a erros tremendos que, como imagina o sr. Velasco, "incompatibiliza" os comunistas brasileiros "com a maior parte do povo brasileiro". O socialismo do sr. Velasco deixa de lado ou para segundo plano as contradições entre o proletariado e a burguesia, para colocar muito acima dessa velha bobagem marxista, a nova ciência geo-política, tão sãbiamente estudada por Herr Kaushofer, o mestre e amigo de Hitler". (Luiz Carlos Prestes — "O Imperialismo em busca de novos quadros" — "Problemas" — n.º 18 — julho de 1948).

Passemos agora ao grave e meditado parágrafo 2.º, no qual o sr. Antonio Candido, após firmar o seu figadal antagonismo ao comunismo russo, esclarece:

"Entre o comunismo como doutrina, e o socialismo democrático, existe uma convergência de objetivos, visto que ambos lutam pela socialização da propriedade, com as consequências decorrentes daí, no campo da produção, da distribuição e da organização social — inclusive a supressão progressiva do arcabouço do Estado como forma suprema de controle!

Não se assustem, porém, os menos avisados ou os pacíficos seguidores do "socialismo-democrático" do sr. Antonio Cândido. O que está lá em cima é apenas um "modo de dizer". Este rubro parágrafo corresponde apenas ao "vai" do trapézio em que o autor do estudo sobre "O Nobre" executa o "vai-e-vem" da sua ginástica ideológica. Não se assustem. O trapézio volta logo e já no parágrafo 2.º o sr. Antonio Candido terá oportunidade de completar o seu "vem" teórico, fazendo desaparecer toda e qualquer "convergência" perigosa. Vejamos como ele se apressa em declarar:

"A referida convergência não existe, todavia, em relação ao capitalismo de Estado que, na U. R. S. S. esclerosou numa ditadura permanente o processo de socialização. Segundo as concepções mais elevadas do humanismo ocidental, de que o socialismo é o herdeiro legítimo, os meios empregados para obter um fim não podem substancialmente ser destacados deste, sob pena de disvirtuamento ou, por outras palavras, o fim não é mais do que a cristalização dos meios e sua projeção definitiva".

Como vemos, após apagar qualquer traço de convergência de objetivos com relação à União Soviética, o primeiro país a iniciar a construção do socialismo e onde aquela se acha mais adiantada, o "socialista" Antonio Candido precisa justificar a sua "posição ideológica" e então envereda pura e simplesmente para o campo da calúnia trotskista, revivendo a surrada tese de que na URSS o Capitalismo de Estado (!) "esclerosou numa ditadura permanente o processo de socialização". E com a mesma proficiência e erudição com que estudou a influência do batuque nas classes sociais de Tietê, o sr. Antonio Candido procura agora descrever dentro da estreita moldura do parágrafo 3.º as condições de vida na União Soviética. Ouçamo-lo com respeito:

"Ora, diz o autor de "Opinião e classes sociais em Tietê", na U. R. S. S. — não importa indagar se por contingência histórica ou por desvio político — a concentração estatal criou uma contradição desumana, e portanto anti-socialista, entre a razão de Estado e as forças produtivas. Aquela encarnada numa poderosa e vasta elite burocrática, estas, como nos estados burgueses, mantidas na condição proletária, quando não exploradas em campos de concentração sob a forma de trabalho forçado".

E certo de que, com o simples fato de alinhar calúnias e mentiras, a sua tese está brilhantemente defendida, o sr. Antonio

(*) Foram os seguintes os signatários da "Advertência de um grupo de intelectuais a propósito do Congresso Mundial Pro-Paz": — Antonio Cândido — Azis Matias Simão — Sérgio Milliet — Claudio Abramo — Luiz Martins — José de Castro Fontenelle — Lourival Gomes Machado — Romulo Fonseca — Arnaldo Pedrosa D'Horta — Olveiros S. Ferreira — Fúlvio Abramo — Luis Lopes Coelho — Geraldo Ferraz — Paulo Magalhães — Rolmes Barbosa — Wilson Santon — Lelio Oliveira — José Penteado — Mario Neme.

Candido termina com a segurança de um professor de matemática que acabasse de demonstrar um teorema:

"Assim sendo, os socialistas declaram que não havendo identificação do capitalismo russo de estado com o comunismo, não ha convergência de alvo, mesmo remota, entre ele e o socialismo".

Antes de passarmos adiante, é util analisar mais profundamente alguns aspectos desse raivoso anti-sovietismo que caracteriza os escritos dos intelectuais do grupo do sr. Antonio Cândido. Para isso nada melhor do que transcrevermos aqui um trecho de um artigo no qual Luiz Carlos Prestes aborda o assunto de maneira precisa e esclarecedora:

"Na luta ideológica contra a URSS, a plataforma que, como diz Zhdanov, "une todos os inimigos da classe operária, sem exceção", desde os Chateaubriand e Macedo Soares, os Dutra e Pereira Lira, até Hamilton Nogueira, Velasco e todos os intelectuais de "esquerda" anti-comunista, consiste em defender a falsa democracia burguesa e acusar de totalitarismo à URSS e ao comunismo. Com esse objetivo são mobilizados os Kravchenko de todas as laias, e não há jornal e revista que se preze na imprensa das classes dominantes que não dedique diariamente algumas colunas, quando não páginas inteiras, para as "memórias" repugnantes desses indivíduos que começam por se declarar espiões e traidores, crápula imunda de uma sociedade decadente e moribunda". E Prestes prossegue: "Já em parte gasta a desmoralizada e velha tecla do partido único como ponto central das acusações de totalitarismo à União Soviética, em contraste com a democracia burguesa, bi-

partidária ou multipartidária retomam agora os líderes da social-democracia de direita, os Blum, Atlee e Saragat, os antigos argumentos do trotskismo, falam em "burocracia", em aparelho burocrático militar", compostos de privilegiados, em oposição à miséria das massas, na tola ilusão de que os trabalhadores do mundo inteiro possam esquecer que essa pretensa "burocracia soviética" foi que dirigiu a luta vitoriosa contra a máquina militar de Hitler e contou, e conta, com o apóio, não só decidido, mas pleno de amor e carinho, da totalidade dos povos soviéticos e dos anti-fascistas do mundo inteiro". (Luiz Carlos Prestes — "A luta contra a guerra e o imperialismo exige uma vanguarda combativa e esclarecida" — "Problemas" — n.º 14 — outubro de 1948 — pag. 20).

Vimos que, no parágrafo 3.º de sua tese, o sr. Antonio Cândido, para bem desempenhar o seu papel de Saragat indígena, após alinhar calúnias e mais calúnias contra a União Soviética, repetindo os chavões trotskistas, chegou à feliz conclusão de que não há convergência de alvo, nem mesmo remota, entre o seu "socialismo" saragateano e o comunismo russo. Se o sr. Antonio Cândido interrompesse a sua tese nesse parágrafo tão fatal e bifurcativo e seguisse, calado e meditabundo, a tortuosa estrada da sua divergência, poderíamos apagar a vela que estamos acendendo a tão ruim defunto. Mas o sr. Antonio Cândido, como intelectual "habil" e "inteligente" que inegavelmente é, não pode sair de cena antes de repetir toda a lição que há longos anos vem aprendendo com os mestres da calúnia e os falsificadores da história. Seremos, pois, forçados a continuar a análise de sua valiosa "contribuição ideológica".

(Continua no próximo numero).

Portinari, Tiradentes e o novo realismo

EDUARDO CORONA

"Considero que ao defender o realismo, estou servindo à causa da verdade."

ARAGON

Esteve recentemente exposto ao público brasileiro o último trabalho de Candido Portinari, o painel "Tiradentes", destinado ao Ginásio de Cataguazes, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

As mostras desse painel executado a têmpera sobre tela e medindo 18 metros de extensão por 3,15 metros de altura, foram patrocinadas pelos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O público que compareceu frente a essa obra definitiva da pintura brasileira foi bastante numeroso e a crítica das duas cidades não pode permanecer calada diante de uma iniciativa como essa, no aspecto coletivo, como obra social, e no aspecto individual, como coragem de um artista de vanguarda brasileiro, interpretando em nova realização plástica um acontecimento histórico de sua terra.

A crítica em geral, mais em São Paulo do que no Rio de Janeiro, fez ao trabalho de Candido Portinari uma série de restrições e considerações que nos pareceram apressadas e destituídas de fundamento. Com essa afirmativa nos dispomos, no que se refere à crítica de arte em nosso país, a colocar as coisas em seu devido lugar. Esperamos, assim, oferecer melhores condições para a verificação de valores da obra aqui estudada do ponto de vista humano e artístico.

É sabido que a crítica de arte no Brasil tem sido exercida por um número bem restrito de estudiosos, na sua maioria pintores, escritores, poetas, que se têm dedicado a ela por razões outras, quais sejam a de elogios a amigos, defesa de companheiros, ataques e desvalorizações preconcebidas e até mesmo inconscientes. Como disse Quirino Campofiorito:

"Todos aqueles que hoje pensam em dedicar-se à crítica de arte, de pronto julgam que outra coisa não deverão fazer que dedicar-se ao elogio individual e igualmente à acusação, sem enfrentar os males ou os bens da evolução artística".

Podemos, portanto, bem sentir a má influência que provém das objeções "gratuitas" feitas ao painel "Tiradentes", no que se refere ao grande público interessado na arte e ao restante que não se interessando — por razões alheias à sua vontade — ficará impossibilitado de enfrontar-se nas manifestações artísticas e de participar do alcance de um trabalho como esse de Portinari.

Uma composição de tais dimensões, tendo como assunto uma fase heróica de nossa história, não pode exatamente ser estudado, interpretado e criticado da forma ingênua e descabida como tem sido.

Assim é, que podemos recorrer ao pensamento de Carlos Marx que, transposto, ainda servirá para melhor sentirmos a atuação e a condição a que se submete esta crítica:

"Nos dias atuais tudo parece entranhar a sua própria contradição. A máquina, dotada de maravilhoso poder de abreviar e tornar mais frutífero o trabalho humano, torna o homem faminto e excessivamente cansado. As novas fontes de riqueza se convertem por estranha e fantástica magia, em fontes de miséria. Parece que as vitórias da arte são compradas ao preço da perda de caráter".

Estes característicos sociais determinavam uma especial manifestação espiritual e hoje, quase 100 anos depois, quando a humanidade já diferente em seu exterior continua a manter dentro de si mesma contradições análogas, tornam a apresentar a uma parte da humanidade, relações de forças materiais tais, que a ideologia continua a ser a da classe dominante, a arte permanece em desproporção com o desenvolvimento econômico e o homem ainda luta por sua liberdade.

Outras condições porém, surgidas em nossa época, favorecem à nova criação artística: a sexta parte da humanidade em pleno gozo do socialismo, as novas democracias populares despontando em todo lado e a luta incessante de todos os povos oprimidos e explorados pela sua libertação.

A arte já toma aspectos diferentes e a luta estética que se trava, traz-nos, e isso sem vacilações, para o campo de uma

profunda realidade objetiva. Não é possível mais o socorro-simplista e idealista da crítica de arte cuja estética se baseia numa série de "deduções metafísicas e comprovações empíricas" que são expostas pelo processo dedutivo com uma facilidade espantosa.

A chamada crítica atual, isolada, não leva em consideração a divisão da sociedade em classes e o papel ativo do indivíduo na evolução dessa sociedade. Isola os característicos gerais dessas condições objetivas, para argumentar com detalhes e aspectos isolados do indivíduo como artista e sua produção favorável ou não à ideologia dominante, à qual está ligado necessariamente o crítico.

Essa forma idealista de analisar a obra de arte peca por todos os sentidos, abstrai-se da comparação de obras de arte de outras épocas, afastando-se, por conseguinte, dos elementos concretos e objetivos que a determinaram. Isso nos impõe, estudadas as condições materiais da sociedade atual, a admitir, sem sombra de dúvida, a necessidade de uma sociologia da arte que nos arme de leis de relação e associação para podermos estudar e compreender as artes e suas manifestações.

Considerações dessa natureza são necessárias frente ao "Tiradentes" de Portinari pois, para analisá-lo, é imprescindível que *estejamos a par das condições* da arte no mundo inteiro, das condições materiais que dão origem a este momento social e político, e que, por sua vez, vão caracterizar a expressão artística deste ou daquele modo, neste ou naquele país.

O que exprime exatamente a situação da crítica brasileira, a que nos referimos acima, e a afasta de uma vez por todas da sinceridade e da honestidade.

A contradição entre as verdades relativas — na busca da realidade caracteriza e é responsável direta por todos os aspectos de cada etapa do desenvolvimento da cultura.

Estando a arte compreendida entre as mais importantes manifestações do conhecimento, é natural que se procure constatar quando, onde e de que forma a cultura aproxima-se da verdade, através dos artistas e de sua arte.

A expressão artística resultando da combinação de forças materiais com forças ideológicas, é com Joseph Billiet que podemos afirmar:

"A obra de arte não será uma criação abstrata da intuição, da sensibilidade ou da inteligência do artista, nem uma reprodução exata e mecânica da natureza e sim uma representação, isto é, uma nova apresentação dos elementos da natureza, apresentação que difere da mesma natureza pela transposição imposta pela matéria empregada e pelo aporte inevitável da personalidade do artista, respondendo ele mesmo a todas as condições e carregado de toda a experiência do seu ofício e do seu tempo".

"A obra de arte produto de uma só vez das condições históricas e da consciência humana, revela o homem inteiro e principalmente o artista que a concebeu e executou e do qual se encontram nela as virtudes e as debilidades, as contradições e as lutas; reflete também, virtudes e debilidades, contradições e lutas da época e do país onde foi realizada; reflete, por fim, virtudes e debilidades, contradições e lutas da condição humana".

Expostas estas razões, é-nos permitido, então, penetrar na obra de Portinari, situar o artista no meio em que vive e estabelecer limites ou não a esse último de seus trabalhos.

Portinari executou seu painel atendo-se especialmente ao assunto, isto é, à verdade histórica. Manteve-se fiel na apresentação dos fatos e tomou em conta o local onde seria colocado em definitivo o trabalho e sua finalidade. E o que está acima de tudo, manteve-se coerente consigo mesmo, com sua arte, com a situação atual de sua terra:

"Mostramos como se agrava dia a dia em nosso país a contradição fundamental entre as forças de produção em crescimento no mundo inteiro e uma infra-estrutura econômica secularmente atrasada, em que os restos feudais lutam por sobreviver em plena época da Revolução Socialista. Apesar do desenvolvimento industrial determinado pela última guerra, o Brasil de fato não progrediu, porque uma minoria insignificante de latifundiários e grandes capitalistas, em cujas mãos se concentra toda a riqueza, para conservarem seus privilégios, condena a maioria esmagadora da Nação, mais de 90% de sua população à miséria e a uma exploração crescente, e o próprio país ao estancamento, ao atraso progressivo e à decomposição". Luiz Carlos Prestes.

Situação esta, que apresenta dois caminhos resultantes desses antagonismos: o das forças da democracia e do progresso e o da minoria reacionária e retrógrada.

Ao lado da classe operária, das massas trabalhadoras estão os verdadeiros patriotas e os verdadeiros artistas. Lutas dessa natureza, caracterizam os homens e libertam nações. Portinari, o grande artista do povo, está na vanguarda do verdadeiro progresso, na frente daquilo que Caio Prado Junior chamou:

"A verdadeira revolução cultural em perspectiva no momento atual e que abre oportunidade para o ressurgimento de uma cultura própria, original e verdadeiramente ajustada às condições brasileiras".

Dai o fato de termos Portinari como um elemento, indivíduo, fazendo parte de um meio social amplo, cuja evolução determina o grau de desenvolvimento de seu pensamento, sua maneira de conceber a vida, de senti-la e de analisá-la, isto é, um indivíduo sob uma determinante social, fazendo parte do que se chama massa.

É evidente que a essas forças que transformam a sociedade, a essas novas condições de vida, tenha que corresponder uma determinada expressão artística. E se o artista estiver resoluto e confiante na revolução social e aplicar todo o seu trabalho na luta em defesa da grande maioria, só terá um meio para exprimir sua arte: o realismo. O novo realismo que caracteriza as novas condições para a grande arte que terá de ser realizada em nosso século. A arte de uma nova sociedade sem classes, sem perseguições, sem ódio. Atinge-se a uma nova fase de representação da vida, tal como disse Zhdanov:

"Ter os dois pés na vida real. Isto significa a ruptura com o velho romantismo, que apresentava uma vida irreal, de heróis irreais, devolvendo ao leitor contradições e opressões para o conduzir ao mundo do inacessível, ao mundo da utopia. Uma sólida base materialista, num romantismo de novo tipo, do tipo revolucionário".

Por isso podemos afirmar que dentro do novo realismo, o realismo socialista, encontra-se uma tendência sincera e organizada para a manifestação objetiva do mundo real, num sentido profundo. Evidentemente não estará afastada esta manifestação da verdade absoluta. E o fato de ser esta verdade composta de uma série de verdades relativas, trará consigo mesma uma nova expressão social de conteúdo humano e uma nova realidade de vida.

Pois tanto mais definitivo será o novo realismo, quanto melhor for sua justificação histórica. E na luta travada entre o abstracionismo e o realismo, não há por onde duvidar.

Portinari tomou sua posição, vai marcar nova etapa na arte brasileira com esse realismo, edificante, sadio, completamente humano.

Hoje, um homem, na atividade comum coloca-se contra o progresso, a liberdade e a paz, dizendo-se cristão ou reacionário; nas artes plásticas, contra a arte nova, realista construtiva, para milhões, proclamando-se pelo abstracionismo. Típicas atitudes anti-progressistas que nada mais conseguem do que evidenciar a crescente decadência de uma classe e sua ideologia.

Portinari, portanto, com arrojo e conhecimento, levou ao painel "Tiradentes" toda a sua força pictórica, concebendo cenas e passagens que de fato levassem à absoluta maioria tudo o que de grande houve na tragédia de Joaquim José da Silva Xavier.

De início, com a apresentação da pátria subjugada de Tiradentes, sente-se na própria fisionomia do Alféres, herói, a pujança da idéia de liberdade. Ponto de partida e de concepção para a composição plástica do trabalho. Inspirado nessa mesma liberdade, tornou-se fácil para Portinari, a sequência descritiva e equilibrada das outras cenas exemplificantes da vida do martir da Inconfidência:

a condenação, o suplício, os restos de seu corpo, a cabeça abandonada e os postes ostentando os quartos do homem responsável pela mais valorosa luta que a seu povo foi dado conhecer. No poste alto, a cabeça ficaria exposta "no lugar mais público de Vila Rica, até que o tempo a consumisse".

A sentença da Alçada destruiu o corpo de Tiradentes. Não destruiu, porém, o espírito deste grande brasileiro que até hoje guia todas as lutas por emancipação, necessárias para a definitiva independência de sua pátria.

Portinari nesse imenso trabalho, numa síntese poderosa, dá-nos toda a história em sua grandeza.

O tratamento geométrico — geométrico e não abstrato — dado ao trabalho como complemento das figuras exatas,

de desenho perfeito, não leva o observador ao sabor das coisas, ao local da própria tragédia, mas sugere toda a luta através do tempo, nesta sequência colorida de sensações, dando-lhe verdadeira profundidade na história pátria, caracterizando-a com cenas simples e comoventes.

Esses recursos pictóricos não são "gratuitos" como quiseram impor nossos críticos desavisados, pois, na pintura de Portinari são originários da luminosidade construtiva, otimistas nos seus tons, agrestes na sua grandeza. É como se Portinari estivesse lutando com todas as suas forças ao lado do Tiradentes.

É assim que pinta Portinari, conseqüente com as diretrizes que dirigem os destinos da maioria. Daí a sua liberdade plástica, grandiosa, serena. Daí a crueza de suas cores, sobre um desenho magnífico, ampliando suas possibilidades, completando sua atmosfera, dando-lhe intimidade, caráter. É a pintura trabalhando na imaginação do povo, ampliando seus horizontes, suas idéias, sua compreensão.

Realização máxima de um artista quando sabemos que:

"A massa formará as equipes que, orientadas pelos gênios criadores, levarão avante as formas novas." Fernando Corona.

Distingue-se perfeitamente nessa obra de Portinari, a contradição entre o decorativo e o expressivo. Condição adequada para trazer novamente a pintura ao campo da compreensão, cujo conteúdo tornará a obra de arte completa e imperecível.

Nova síntese entre conteúdo e forma, suficiente para contrastar e superar todos os perigos do formalismo abstrato e do naturalismo.

A composição plástica constituiu para Portinari o trabalho mais importante na execução da obra. Depois de eger a maneira de representação de figuras, paisagem e objetos, o equilíbrio das formas foi o que mais o preocupou. Isso com relação ao trabalho quando executado em definitivo sobre a tela, porque a composição geral, o partido plástico, já nos primeiros estudos e croquis, tomava cunho de decisão e obediência ao pensamento do artista.

De conformidade, portanto, com o plano geral, pode Portinari em desenhos mais apurados, conceber de fato a composição e o equilíbrio das formas. Por isso, são perfeitamente justificáveis, além das formas verticais escuras por detras do grupo dos Inconfidentes e outras em vários e determinados lugares, as formas plásticas com equivalentes reais, como baús, cordas, aves e flores, e que precisamente não fazem parte de cena histórica descrita na obra. Este é o recurso plástico mais particular do pintor e que só encontra explicação na própria personalidade do artista e na sua compreensão do equilíbrio numa composição. O que facilita objetivamente o trabalho do observador, pois, na apreciação do quadro, a falta de dois ou mais desses recursos seria ressaltada imediatamente quando menos por uma inquietação inexplicável.

Portinari, por conseguinte, atingiu o seu intento. Criou uma atmosfera adequada para a narração dos fatos sem solução de continuidade na composição, mantendo, no entanto, o ambiente adequado para cada cena, separando-as entre si e reunindo-as no todo. Realização corajosa que só encontra similar nos mestres do passado.

Por fim, o colorido adotado, reflete, como já dissemos, a alegria, o otimismo de uma tragédia física que é transformada numa esperança humana. Mas também constitui um recurso plástico do pintor para realizar aquilo que tinha vontade de fazer. Fusão importante da personalidade do artista que não se permite subjugar por convenções, com a intenção plástica de conteúdo da composição.

Geometrias de côres, vivas, penetrantes, audazes, na paisagem, no solo sob os pés do condenado ou na vestimenta de qualquer personagem, na mulher que chora a tragédia ou na outra que se liberta inspirada; cabeças em série, que mudam de colorido, reunidas na observação da morte, separadas na composição. Recursos plásticos para o equilíbrio perfeito.

É esta a força pictórica e o valor humano do homem que soube nos integrar no herói da liberdade, atirando-se com ele no caminho do amor e da compreensão.

SETE CARTAS LOUCAS

AFONSO SCHMIDT

CARTA N. 7

Vila Olímpia, 9 de abril

Caro Escritor — Depois de longa interrupção, reato o fio desta narrativa. Certa manhã, não consegui levantar-me. Ali pelo meio-dia, apareceu a criada para arrumar o quarto.

— O senhor está doente?

Virei-me para o canto, sem responder-lhe.

À noite, a dona da casa, acompanhada pela serviçal, veio ver-me. Estava preocupada com o meu estado, tanto mais porque eu ainda não havia pago o aluguel do mês anterior. Não lembro mais o que lhe disse. No dia seguinte, pela manhã, apareceram dois homens. Eram meus conhecidos, o ponto Oscar e o "maestro" Silva Filho.

— Aladino, você precisa descansar um pouco, para restabelecer as forças. Por que não vai passar algum tempo em Vila Olímpia, entre companheiros?

Logo depois me auxiliaram a levantar, a vestir. Um de cada lado, conduziram-me à rua e me embarcaram no automóvel. Fiz a viagem tomado de sonolência invencível, onde a realidade se misturava com o delírio. Quando o veículo passava, as mulheres riam, os homens procuravam cuspir nos pneumáticos.

— Estão todos contra mim — gritei eu e, aterrado, quis abrir a portinhola e saltar para a rua.

Desde esse dia encontro-me aqui, em Vila Olímpia. Meus companheiros são velhos amigos, ou conhecidos. Uns sofrem de velhice, outros de reumatismos. Somos como náufragos, numa

ilha. Tratamo-nos com carinho, respeitamos mutuamente as vaidades e as manias.

Meu quarto, como já lhe contei, é o último dos fundos, lado esquerdo. Diante da janela, há um gramado. Depois a cerca de buxos. Depois a rua. Passo horas olhando o pouco que se vê do distrito.

Esta vida calma me faz bem. Em certos dias, Mister Ohnos, o ex-prestidigitador, tem dó da minha sede e partilha comigo o seu vidro de Elixir Beltran, onde não há medicamento mas aguardente com fernet. Ele é exímio nessas mágicas.

Meses depois, sinto-me com forças para sair. Vou à cidade. Anima-me a esperança de encontrar Paula, por acaso, como é meu desejo. Depois de vagabundear muitas horas, tomo o ônibus no Piques e volto para o asilo. Sinto-me tão bem...

A noite está quase fria. Vento da várzea, lâmpadas piscando, árvores dançando. Apeio em Vila Olímpia. A solidão me sobe à cabeça, como vinho. Ela inventa coisas, entorta prédios, alarga perspectivas, estica sombras, peneira luzes, sugere imagens...

A lua cheia é um disco (um disco de Strauss). Chove música sobre o distrito, as ruelas, as fachadas, os tetos, os jardins, a carroça da Limpeza, o mendigo que vasculha a lata, o cachorro que ficou ao relento.

Todo o distrito escuta a valsa que vem do céu. E quando a lua paira sobre a torre daquela igreja, como no poema de Musset, o menino pobre pergunta:

— Ó torre! Quem foi que te ensinou a fazer bolhas de sabão?

Caminho, caminho, com as pernas ôças. Minha rua já não é minha é da sombra, é do silêncio, é daqueles dois namorados sem vergonha. Um menino do Grupo andou pintando estrêlas de giz no quadro negro do céu, um quadro negro que para falar a verdade não passa de um velho quadro azul.

Meus passos se arrastam na noite, frouxos e irregulares. Depois das casas vêm os muros brancos da fábrica, depois dos muros vêm as cercas de buxos. Quando chego ao portão do asilo, um arbusto me passa as mãos pelos cabelos. Cumprimento-o:

— Boa-noite, meu pé de resedá!

Entro. Fecho o portão. Mas não fecho de todo, para que o gato entre, para que os pobres ladrões do bairro pensem que podem roubar. Lá estão eles, com certeza, numa esquina. Chapéus desabados, calças puídas nos joelhos, sapatos de corda, cigarros no canto da boca. De olho finório, avaliam os meus haveres. Mordem a ponta do cigarro grosso, sacodem os ombros, acham graça naquilo, afinal não querem sair roubados...

Subo os três degraus do "hall" deserto, alumiado por uma lâmpada de 25 velas. A porta está apenas cerrada. Escuto velhas tosses pelos catres. Atravesso tôda a casa e chego ao meu quarto. Para que acender a lâmpada? O luar entra pelos vidros e estende toalhas no chão. Ergo a vidraça de caixilhos. As cortinas estão serenadas. Arrepanho-as. Uns pardais que dormem na roseira mudam bulhentemente de pouso.

Diante de meus olhos estende-se a paisagem do bairro, todo enfarinhado de lua. Lá vai o guarda noturno, contando os passos, rac rac rac, pelo passeio de cimento enfeitado de fôlhas sêcas. Puxa! Parece o dono da noite! Quando êle apita, o vento surge e as sombras dançam.

Olho para cima, sorrio e indago:

— Ó céu paulista! Quem te deu a confiança de ter tantas estrêlas?

Durmo pensando em Paula, acordo pensando em Paula.

De manhã não pude levantar-me, fiquei na cama, de bruços, a rabiscar estas linhas nas últimas fôlhas do bloco. A hora do almoço, tivemos visitas, o repórter e o fotógrafo de "A Tarde". Dois rapazes simpáticos. Êles entraram pela casa como velhos conhecidos. E nas suas conversas improvisavam apelidos para a gente: a mulher do tricô, o homem do cachorro, o velhote do *manton* de Manilla. Êste último se referia a Mister Ohnos, que trazia ao pescoço a última peça do seu extinto guarda-roupa...

Entraram no meu quarto, seguidos pela atriz Aurora Vasques, que brilhou em 1890, no Teatro Lucinda, do Rio de Janeiro. Ela, apesar de um tanto esquecida, era quem dava as informações:

— Êste é o nosso colega Aladino. Lembra-se dêle? O homem da varinha mágica...

O repórter lembrou-se, vagamente. O fotógrafo pediu-me que fizesse menção de contar pelos dedos, não sei para que, e, levantando no ar o refletor, deflagrou uma lâmpada. Fui banhado por um clarão branco, fortíssimo. Depois, os três saíram sem despedir-se de mim.

Meia hora depois, Mister Ohnos veio visitar-me.

— Vou sair, quer alguma coisa?

Passei-lhe uns cobres que, na véspera, não sei como, arranjara na cidade.

— Traga-me um bloco de papel desta marca e, se arranjar jeito, uma garrafa de aguardente...

Êle fêz cara feia; a fiscalização no asilo andava rigorosa. Saiu contando as moedas, uma por uma.

Continuei a escrever. Duas horas depois, como êle se demorasse no passeio, fui esperá-lo na rua, diante do portão e das cercas de buxos. Senti grandes dificuldades em caminhar. Mi-

nhas pernas são como, canos de borracha; estão cheias de água. Permaneci um tempão a olhar o lado do caminho velho.

De repente êle apareceu na distância. Vejo-o embocar pela nossa rua. Traz nos ombros o belo "manton" que sobrou da sua carreira artística. Caminhando, apóia-se no bastão. De espaço a espaço, interrompe a marcha e puxa conversa com as pessoas que encontra. Primeiro com os operários que trabalham na construção da fábrica de produtos químicos. A seguir, com a criadinha que volta do empório. Com os moleques que chutam uma bola de trapos no campo improvisado. Com o cachorro sem dono que investe as suas pernas magras. Chega, afinal.

— Trouxe-me a minha encomenda?

— Cá está o papel.

— E o resto?...

— Não pôde ser. Isso não. Mas veja que bela fruta...

— Obrigado, não tolero mamão.

Entramos, conversando, no asilo. Êle estacou duas vêzes, a esperar-me, pois minhas pernas são dois fardos. No "hall", esbarramos em diversas pessoas sentadas em cadeiras de palhinha, a conversar. Mister Ohnos camina à frente; eu o sigo com dificuldades. Ninguém se interessa por nós. No salão central, dois velhos cantores italianos discutem a acústica da Scala. Passamos por êles sem ser vistos, pois, afinal somos ilusionistas.

Chegamos ao meu quarto. A janela está cerrada; uma faixa de luz cai sôbre a cama desfeita. Lá fora, no terreiro gramado, há mulheres fazendo tricô. Mister Ohnos coloca o bloco de papel e o mamão sôbre a mesa, obsevando-me com o rabinho dos olhos.

— Leve essa fruta! Não quero vê-la aqui!

Não se agasta com o meu mau humor. Destampa o mamão e mostra-me o interior da fruta. Trata-se de um boião de barro vidrado, cheio de aguardente, da boa. Fico perplexo com a mágiça e procuro agradecer-lhe a lembrança. Êle leva a mão direita ao umbigo e entorta o corpo, numa vênica, exatamente como o vi fazer, há trinta anos, no teatrinho de minha terra...

— Sai, tentação.

Mister Ohnos desaparece de repente; ali deve existir um alçapão.

Bebo um trago e sento à mesa. Depois, com as mãos, ajeito as pernas desobedientes. Volto a trabalhar nestas cartas. Mas tenho de segurar o lápis com fôrça. Minhas pobres mãos estão trêmulas, dançam. Meus pés de pão cru doem sempre, já não suportam o calçado. Por isso, com a lâmina de barbear, corto diversos bocados de couro dos sapatos. A carne inchada transborda dêsses buracos, mostrando as meias baratas.

Deixo a carta por terminar e vou dormir. Meu sono não se parece com o dos demais. E' como uma perda de sentidos; sonho sempre com animais volumosos atravessando uma ponte. Quando acordo, pretiso consultar o relógio, ou mesmo a folhinha. Não sei quantas horas, ou quantos dias permaneci desaccordado. Mister Ohnos diz que eu rilha os dentes, que dou gritos espantosos quando durmo.

Voltando à vigília, numa hora qualquer corri ao salão. Tudo me pareceu tão natural... Por que não me ocorrera antes essa idéia? Sôbre a mesa do colega zelador, há uma lâmpada com "abatjour" verde. Ao pé la lâmpada, o aparelho telefônico. Vou falar com Paula. O número de seu apartamento era... Faço um esforço de memória e me ponho a discar. Silêncio. Ouço o aparelho dar sinal, do outro lado da cidade. Depois, "vejo-a" atender. Inclina a cabeça, repuxa aos lábios e diz num tom de carícia:

— E' você, Darling?

Fico perplexo.

— Sim...

Ela confunde com outra a minha voz.

— Por que está se demorando tanto, Big?

Não respondi. Ela nem deu por isso:

— Venha logo, Bigão, estou à sua espera...

Deponho o fone. Paula fala a outro, como outrora, falava a mim.

Afinal, para que me lembrei de telefonar-lhe dois ou três anos depois?

Volto ao meu quarto e procuro concluir o melhor que posso esta carta. Desejo, ir à cidade e, lá chegando, colocá-la na caixa do correio.

Esta será a última carta, sr. Escritor. Sinto que será a última, não sei por que. Antes de terminá-la, vou à minha cabeceira, tomo a manuscrito muito rabiscado de emendas e ponho-me a queimá-lo, folha por folha. "Versos de Aladino". Escrevo-os sem querer, como quem conversa com a própria sombra. O fogo gosta dos versos. As chamas têm preferências pelos sonetos. A fumaça me arde nos olhos; enxugo-os duas vezes com a manga...

Não demora e a artista portuguesa, uma mulher de cabelos brancos, bota a cabeça pela janela:

— Que estás a fazer, ó maluco,

Volto à mesa, tomo o lápis, registro esse último incidente e, tanto quanto as mãos desgovernadas me permitem, alinho aqui os agradecimentos, reitero os votos de felicidade a si, meu caro Escritor, e por fim assino o meu pobre nome — Moacir Marques.

P.S. — O relógio do salão está batendo seis horas. Ponho o chapéu, verifico se a carta está no bolso e saio, para a cidade. Vou ver Paula, aconteça o que acontecer...

Sr. Editor — Quando pensei que V. já tivesse esquecido Moacir Marques, eis que me chega às mãos o recorte de "A TARDE" acompanhado por um bilhete de quatro linhas. No recorte, a reportagem feita por esse vespertino entre os asilados da chácara de Vila Olímpia, onde o poeta aparece numa fotografia, deitado na cama, a contar pelos dedos os dias de sofrimento: No bilhete o seu pedido para que eu lá fôsse e tomasse algumas providências destinadas a melhorar a sorte do infeliz artista. Agora, cinco dias depois de haver recebido a prebenda, eis-me de volta à sua presença para, por este meio, dar conta do pouco ou nada que por ele me foi dado fazer.

Procedi com urgência que V. me recomendou. Na mesma tarde, tomei um automóvel no Paissandu e dei o endereço ao chofer. O veículo desceu a Avenida São João, entrou pela Rua Formosa, barafustou por baixo do Viaduto do Chá, seguiu pela Avenida 9 de Julho, meteu-se pelo túnel da Avenida Paulista e desembocou na baixada que se estende da outra banda. Dali a pouco, deslizava pelo caminho velho de Santo Amaro. Ruas improvisadas surgem do chão, como por encanto. Muros caídos, residências cercadas de jardins. De repente, uma bomba de gasolina. Estamos em Vila Nova. O chofer encosta o carro e pergunta qualquer coisa ao homem de macacão azul. Este indica um ponto a quinhentas braças. Mais um estirão e estamos em Vila Olímpia. O chofer põe-se a soletrar as placas afixadas em moirões, na embocadura dos caminhos. Encontrada a rua que procurávamos, o automóvel força o barranco e entra por terrenos vagos. Passa ao largo do estabelecimento fabril, corta o campo de futebol e vai parar diante da chácara, escondida por altas cercas de buxos. Despeço o chofer e entro pelo portão. Um homem vem lá do fundo, arrastando a perna direita e pára no no hall". Vou ao seu encontro. Lá então alguns velhos, sentados em cadeiras preguiçosas, a conversarem molemente. Não dão mostra de interessar-se pela minha visita.

É o homem da perna doente que me atende.

— Boa tarde. Que deseja?

— Desejo falar com Moacir Marques.

— Moacir Marques? — fez ele, admirado.

Naturalmente, o prestigeador é conhecido apenas pelo nome de guerra. Procuo ser mais claro:

— Aladino... Sabe quem é?

Ouvindo aquilo, as mulheres aninham as mãos no colo, compungidas. Os homens inclinam a cabeça, chupando com mais força a ponta do cigarro. Um deles faz-me sinal e leva-me pelo corredor umbroso, através de salas e salões, onde passo por gente entretida em ler, em ouvir rádio ou em decifrar palavras cruzadas. Noto que o meu guia ostenta nos ombros velho "manton" de Manilla e lembro as cartas de Aladino.

É Mister Ohnos?

— Sim, senhor, para o servir. Como sabe o meu nome?

— Ora, você é figura conhecida, encheu uma época.

O ex-mágico sorri na sombra; ao redor de sua cabeça grisalha acende-se a auréola da vaidade.

Chegamos ao fundo da casa, entramos pela porta da esquerda.

— Aqui era o seu quarto...

A janela está escancarada. Sentado na beira da cama um velho calvo fuchica um pé de meia. Mister Ohnos explica:

— Agora é ele que ficou no lugar.

— Quem ?

— Marcio Taveira, o grande teatrólogo, autor de "Rosas de Junho" e da "Pequena Trudes". Não o conhece?

— Ah! Então não havia de conhecê-lo? — fiz eu, estendendo-lhe a mão. Mas o escritor já está de novo absorvido em remendar as meias. Mister Ohnos volta-se para mim e faz girar o fura-bolos à altura do olho direito, segredando-me:

— Caduco...

Sobre a mesinha vejo o boião de barro vidrado, com forma de mamão. Destampo-o. Dentro, há carretéis de linha, agulhas, retalhos escuros para remendos.

— Era nesse boião que Aladino escondia a aguardente...

— E quem lhe trazia de fora a bebida?

O ex-mágico não responde; limita-se a atirar para o ombro a ponta do "manton" que tinha escorrido para a frente.

Através da janela, ouve-se, lá fora, no terreiro gramado, batido de viés pelo sol em declínio, a tagarelice de três mulheres que fazem tricô. Marcio Taveira, tendo terminado a costura, vai-se embora, sem olhar para nós. Está de chinelas.

Ficando sós, eu digo a Mister Ohnos:

— Conte-me, meu caro, como se deu aquilo...

O ex-mágico senta-se na cama; eu me acomodo na cadeira que fica ao pé da mesa. Ele começa:

— Foi assim...

Moacir Marques mal podia andar. Apesar disso; quando lhe apertavam as saudades, saía do asilo e só voltava de madrugada, arrastando as pernas. O zelador via aquilo e não dizia palavra, pois não queria aumentar-lhe o sofrimento. Uma tarde, depois de queimar os papéis que guardava com muito carinho, foi ao portão, permaneceu parado um momento, como quem hesita, e, depois, dirigiu-se para as bandas do caminho velho. Ia à cidade. Os companheiros mais íntimos sabiam que ele tinha uma história de amor, não sei onde.

Ali pelas dez horas da noite, um carro estacou diante do portão do asilo. Dois velhos amigos tinham-no encontrado caído nas vizinhanças de um circo. Aqui chegando, transportaram-no até esta cama e partiram no mesmo automóvel. O médico do asilo foi chamado a pressa, mas já era tarde. Não lhe receitou remédios. Limitou-se a dizer:

— Procurem-me amanhã, para o atestado de óbito.

Eu fiquei com Aladino. Ele respirava debilmente. No peito, borbulhavam líquido espessos. Um frio de espuma sanguínea corria-lhe pelos cantos da boca. Permanecia imóvel, com risco de afogar-se. Só as mãos ainda manifestavam sinais de vida. Passou horas assim, aqui estou a vê-lo... O rosto vultuoso de cera. As feições parada. Os cabelos gri-

salhos atirados para trás, úmidos de suor. Os olhos fundos, extintos, rodeados de sombra. A barba rala, mal distribuída. Pouco lhe faltava para estar morto. Ao amanhecer, agitou-se. Quis dizer qualquer coisa e não conseguiu. Então, arregalou os olhos, quis atirar-se da cama, mas descaiu para o lado, morto. Fechei-lhe os olhos e cobri-o com o lençol. Depois, comovido, fui para o "hall"; deserto, alumiado, pela pequena lâmpada. Deitei-me numa preguiçosa e ali fiquei. A madrugada estava quente. Sobre Santo Amaro acumulavam-se pesadas nuvens. Relâmpagos alumiavam massas escuras. Adormeci.

Quando acordei, chovia a cântaros. Deviam ser oito para nove horas. A chácara permanecia em paz. Os asilados, depois do café, ignorantes do que se passara durante a noite, voltaram para seus quartos. Apenas uma velha, passando pela minha cadeira, perguntou-me:

— Mister Ohnos, por que não foi tirar o leite da cabra?

Logo depois, estacou diante do portão um automóvel de luxo. Pensei que fôsse o médico. Não era. A portinhola abriu-se e uma moça saltou na chuva. Correu até o "hall" e eu pude vê-la diante de mim, a sorrir. Estava trajada de escuro. Era altinha, de cabelos castanhos, de olhos dourados e trazia na mão um ramallete de rosas.

— Bom dia. Desejo ver Moacir Marques.

Fique perplexo. Ela insistiu:

— O asilado que eu vi na reportagem do jornal...

Não lhe disse nada. Conduzi-a a este quarto. Ao entrar, com o seu ramallete de rosas, mostrou-se muito alegre:

— Darling... Aposto em como você não esperava esta visita, tão cedo... Só ontem soube pelo jornal onde você se encontrava, escondido... Vim o mais depressa que pude, para visitá-lo, para trazer-lhe estas flores...

Abri a janela. A escassa claridade da manhã de chuva incidiu sobre o lençol de algodãozinho, em baixo do qual se adivinhavam as formas angulosas, geladas. Ela teve um so-salto.

— Big... sou eu... a sua Paula...

Levantou a ponta do lençol e espiou a cara de cera.

— Bigão, sou eu... Já não se lembra de mim? Eu tive tanta, tanta saudade de você

Ganhei a porta e fugi. Já no corredor, ouvi um choro convulso. Meia hora depois, voltei. A moça estava de olhos vermelhos mas tomava as primeiras providências. Todas as portas se escancararam. De todos os quartos surgiram curiosos. Ao saberem da morte do colega, os asilados se comoveram. Ouvi palavras aflitas e choros humildes pelos cantos. Paula aqui ficou o dia inteiro. Encomendou carro de primeira classe, Convidou-nos a todos para acompanharmos o entêrro. Mandou vir três automóveis. Nêle embarcamos nós os que estavam em condições de acompanhar ao cemitério o colega morto. No último, ia ela, sozinha, com sua mágoa.

A tarde de quinta-feira — lembra-se o senhor? — foi muito bonita. O féretro dirigiu-se para o Cemitério São Paulo. O sol oblíquo batia nos túmulos e atirava sombras de anjos pelo calçamento lavado. Os metais das placas e os vidros das lâmpadas votivas reverberavam como novos. Das flores encharcadas pela chuva e depois esturricadas pelo sol subia um cheiro de ervas cozidas. E as sombras dos túmulos foram espichando, espichando...

A moça lá ficou até o fim. Quando voltamos aos nossos automóveis — pagos antecipadamente, para conduzir-nos de regresso — deixamo-la à porta do cemitério. Ela, de roupa escura, também parecia a sombra de um anjo. Depois, partiu a pé, não sei para onde...

Durante dois dias, falamos muito nela, perguntamos embalde quem seria e quais as suas relações com o pobre mágico. Depois esquecemos. Nós, os da casa dos esquecidos, costumamos pagar ao mundo na mesma moeda. E Mister Ohnos, cabisbaixo, atirou para trás, novamente, a ponta do "manton" de Manila que, nos momentos difíceis, tinha o hábito de descer-lhe do ombro para o peito.

Meu caro Editor — Tais foram os derradeiros dias da existência desse pobre poeta Moacir Marques, que só deixou a novela "Chapéu Azul", porque antes de morrer, ele teve o cuidado de levar os versos consigo, em vinte gramas de cinzas, em um espiral de fumaça. Acreditando ter cumprido a contento a melancólica missão de que V. me incumbiu, aqui lhe mando um abraço, muito apertado. Etc. Etc. Etc.

F I M

PAVLOV E A SUA TEORIA

ÁLVARO DE FARIA

Celebra-se neste ano de 1949 o centenário do nascimento de Ivan Petrovitch Pavlov, o grande fisiologista russo, mundialmente conhecido que não somente em vida, mas depois de morto, recebeu da pátria agredida, a União Soviética, as mais inequívocas demonstrações de respeito e de admiração.

Embora não tendo participado da revolução de 1917, nem por isso deixou de receber sempre do governo do seu povo o amparo moral e material necessário ao prosseguimento das suas pesquisas. Foi reconhecendo isso que Pavlov, em uma carta histórica, dirigida á juventude patricia assim dizia: "nossa pátria abre grandes horizontes ante os homens de

ciência... e a ela devemos corresponder devidamente. É para nós questão de honra justificar plenamente as grandes esperanças que nossa pátria depositou na ciência". E assim foi até à morte.

"Pavlov, tanto quanto Planck e Einstein, personificaram as mais altas aspirações e o maior progresso científico do nosso século". Não são minhas estas palavras. São de uma justa apreciação do Professor Frolov. E, realmente, isso é exato

EINSTEIN E PLANCK

Todo o edificio das ciências do mundo fisico sofreu um abalo revolucionário com os estudos de Einstein

e Planck, os quais nos levaram ao conhecimento dos processos íntimos da materia, confirmando a visão genial de Marx e Engels, que já haviam formulado a lei do desenvolvimento dialético não somente sociedade humana como da propria natureza. A concepção da constituição eletrônica estabeleceu em forma definitiva as bases da nova visão da ciência. Com ela ficou demonstrado que atraz e no fundo de um determinismo apenas formal, um processo íntimo e universal sustenta a existencia das coisas cujas formas são o modo particular de exercício daquele processo.

O que havia sido afirmado por Marx e Engels começou a receber as mais destrutivas provas nos fenômenos cósmicos e de laboratório, culminando com a desintegração atômica obtida pela intervenção da técnica humana, certamente inspirada nos princípios daquela concepção.

A ciência dos fenômenos do mundo objetivo dava seus mais gigantesco passo. O homem transpunha a barreira das formas das coisas e, indo além dos conhecimentos dos processos apenas mecânicos, chegava a compreender não só as limitações da lógica até então empregada, mas também os processos íntimos da natureza que, com tamanha frequência, exorbitavam os quadros da razão humana.

PAVLOV

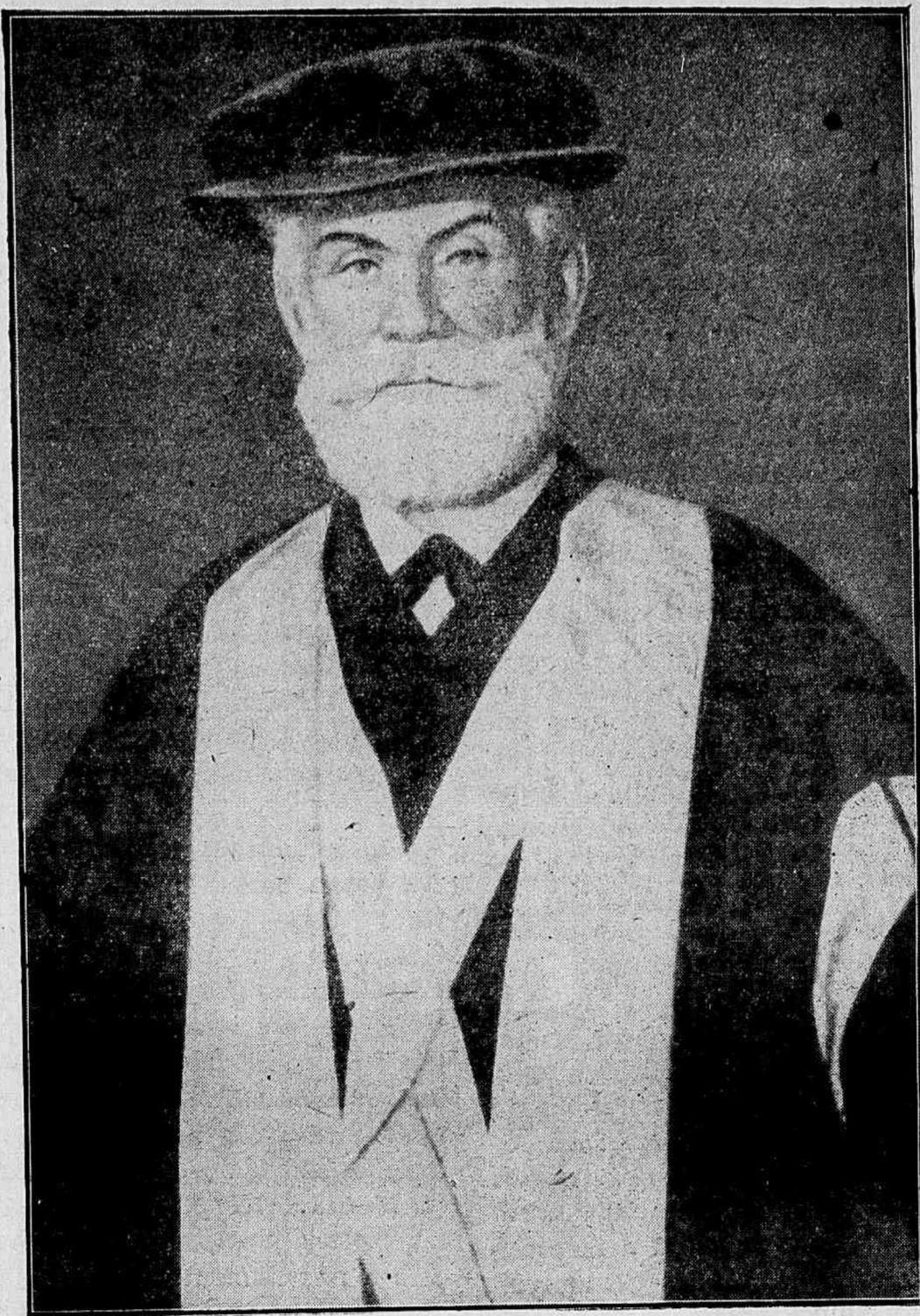
Se, de um lado, no mundo objetivo se rompiam as barreiras impostas por uma maneira limitada de ver a natureza, de outro, a vida do mundo da matéria animada continuava sendo o teatro das mais desconhecidas e absurdas suposições, todas elas baseadas ainda na concepção do homem dividido em corpo e espírito e dos animais em estrutura e vida.

Se de um lado, Planck e Einstein estabeleceram as premissas das quais resultou a síntese do velho dualismo metafísico, de força e matéria, do seu lado foi Pavlov quem cravou no firme terreno da ciência empírica e racional as estacas que alicerçam o edifício da unidade da vida e da personalidade humana, na qual, o que vem se chamando espírito, surge com as suas legítimas características de modo de existência da matéria organizada em estrutura cerebral.

O MISTERIOSO CAMPO DAS CIRCUNVOLUÇÕES CEREBRAIS

Pavlov nunca quis ser outra coisa senão fisiologista radicalmente ligado aos métodos experimentais em cujos resultados buscava a última palavra sobre as verdades científicas e a inspiração para o prosseguimento dos estudos. Por isso mesmo, a teoria a que chegou, foi o produto de incansável, perseverante e paciente labor, levado ininterruptamente a termo, durante mais de meio século.

Iniciou sua vida de fisiologista na segunda metade do século passado, começando onde terminara outro



PAVLOV

grande fisiologista, seu patrício — Sechenov. No mundo de então, enquadrado que estava nas preocupações científicas da época em que se procuravam as relações e o encadeamento entre as coisas, Claude Bernard fazia escola por toda parte. Seguindo a mesma trilha, Sechenov inaugurou na Rússia as pesquisas sobre o funcionamento do sistema nervoso, tendo Pavlov por discípulo e continuador.

Mas para chegar Pavlov até onde chegou — ao descobrimento do modo de funcionamento das mais altas esferas do cérebro — é curioso notar que partiu do estudo da digestão do estômago.

Verificando que, além do estímulo proveniente das propriedades inerentes ao alimento, outros estímulos a este ocasionalmente ligados poderiam despertar as mesmas reações por parte dos animais submetidas

à experiência, concluiu que não somente diante dos alimentos, mas de todas as coisas necessárias à vida, o animal reage como reagia em face das circunstâncias com as quais aquelas coisas necessárias estivessem ligadas. Estas circunstâncias funcionavam como equivalentes das propriedades das coisas. Assim, por exemplo, na hora da refeição, a simples presença do tratador do animal tinha para este a significação da iminência do desempenho da função nutritiva; era igual a alimentação.

Tão simples observação para um homem comum não teria o mesmo significado que teve Pavlov. Dela decorreu todo o desdobramento da sua famosa teoria dos reflexos condicionados. Começava por dar uma feição científica a corrente observação de todos nós, de que se enche a boca de saliva ante a simples enu-

ciação de um prato saboroso, quando há fome.

Partindo da observação da equivalência de reações em face das coisas como das condições que as enunciam, ou tem significado, verificou que o aparelhamento nervoso e mais os órgãos dos sentidos formam todo um sistema animal que serve para estabelecer as relações dele com o seu meio.

SIGNIFICADO DA TEORIA

Com as observações do comportamento do animal ligadas às das suas funções fundamentais, pode Pavlov compreender a unidade da vida.

Os conhecimentos anatomicos, já então clássicos, não bastavam para explicar como o animal, no seu intercâmbio com o meio poderia ser por ele determinado, sofrer dele a ação e ao mesmo tempo conservar a liberdade de movimento, o que é a principal condição de ser animal.

Antes de Pavlov, na Biologia, ou se havia de ser determinista ou livre arbitrista. Ou o animal aparecia determinado pelo meio, sem nenhuma iniciativa e liberdade, ou teria uma liberdade arbitrária. Não havia outros caminhos para escolher.

Mas com a teoria dos reflexos condicionados isso ficou resolvido em biologia. Com ela ficou demonstrado que as superiores funções de relação do animal com o seu meio são promovidas pelas reações químicas orgânicas profundas das quais resultam as solicitações que serão satisfeitas através do funcionamento coordenado de todo o aparelhamento de relações. Nessa coordenação de funções do animal, encontra-se a unidade do sistema animal e a unidade dele com o meio, mas unidade que se estabelece através de conflitos, tanto intra-orgânicos, como do animal com o meio, os quais procuram um equilíbrio.

NO HOMEM

No homem o mesmo tipo de fenomenos existe, diferindo dos dos outros animais apenas em gráo, devido

às diferentes circunstâncias em que sua vida se desenrola. Difere porque seu meio é o social histórico de produção. As circunstâncias que cercam as propriedades das coisas são do tipo social, são as relações inter humanas de produção e da sociedade em seu conjunto com a natureza. Em função destas é que ele se tornou o animal racional, ou, o que vale dizer, é que todo o funcionamento do encéfalo se processa com um tipo diferente de equivalentes das coisas e suas propriedades — a linguagem.

PERSPECTIVAS

Ainda é cedo para calcular até onde se pôde chegar com a teoria de Pavlov. Por enquanto ela pôs por terra o mistério que cercava o fenomeno da vida, encastelado nas defezas que dele faziam as ciências oficiais.

O freudismo, por exemplo, que fez escola numa sociedade de conflitos sociais, de inadaptados, de recalçados e de nevropatas, reduz-se às suas justas proporções, diante de Pavlov, que é uma teoria que justifica, nas suas raízes biológicas, o materialismo histórico, e que serve muito mais para a programação da higiene mental do que para alimentar ilusões de concertar com conversas psicanalíticas, recalques, melindres e ressentimentos de nevropatas que, depois de "curados" voltam para o mesmo ambiente onde germinaram seus males.

Pela teoria de Pavlov conclue-se que é preciso mudar revolucionariamente o meio em que vive o homem — que é o social — tornando-o uma sociedade sem classe, para poder se fazer uma autêntica higiene mental. Ela vem confirmar no dominio da experiencia as concepções filosoficas de Marx e Engels, segundo as quais não é a consciencia que forma a sociedade, mas a sociedade que gera a consciencia.

CONSPIRAÇÃO DO SILENCIO

Apesar do premio Nobel que lhe foi conferido em 1904, e de todas

as homenagens que o mundo lhe tem prestado pelas suas descobertas a teoria de Pavlov não é conhecida senão como ilustração acadêmica.

Enquanto Galileu, Vesalius, Servet, Copernico, Giordano Bruno e tantos outras pagaram caro por terem pretendido libertar o Prometeu das ciencias, contra Pavlov se faz a campanha do tipo moderno, silenciando sobre seu valor ou não lhe dando a significação merecida.

Mas isto tem suas razões. A' burguesia não interessa uma teoria segundo a qual os vicios da sociedade que os moralistas tanto se deleitam em verberar, não são imputaveis ao individuo mas á propria organização da sociedade, organização que está tão interessada em preservar, pois sobre ela repousam os seus privilegios de classe. Diante das conclusões científicas de Pavlov desmoronou toda a ideologia burguesa que, dividindo o homem em espirito e corpo, e Cosmos em Deus e Universo, procura justificar a divisão da sociedade em classes.

Os senhores e senhoras de bom tom, sentados ao redor de mesas cheias de bom uisque escossês nas boites envolvidas na penumbra, e os seus portavozes no dominio do pensamento não podem admitir uma teoria que põe por terra o velho dualismo metafísico sobre o qual fundamentam o seu direito de oprimir os outros homens e explorar o o seu trabalho.

Mas é mais facil silenciar sobre uma teoria científica do que refutá-la. Esse silencio pueril da ciencia burguesa em torno das suas teorias não impede que elas tenham aberto perspectivas inteiramente novas no dominio da psicologia, da moral, da educação e das ciencias medicas em todos os paises que já se libertaram da exploração capitalista. Este é o motivo pelo qual Pavlov cujo centenario se celebrou este ano é um revolucionario — o homem cuja razão não se curva ante os interesses que procuram falsear a verdade.

A UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES E OS PROBLEMAS DA JUVENTUDE

A mocidade estudantil sentiu a necessidade de sua união. Após anos de lutas arduas, conseguiu, em janeiro de 49, organizar-se em torno de uma União Estadual, dando vigoroso exemplo, aos diversos setores de nossa sociedade, da compreensão de que diante de uma situação calamitosa somente a união em torno de suas reivindicações permite que essas sejam atendidas.

Logo de início, encontrou a UEE poderosa barreira ao seu desenvolvimento, caracterizada por uma política nefasta de divisionismo. A grande maioria dos jovens estudantes, compreendendo entretanto que somente conservando-se junto a essa entidade poderiam ver seus problemas mais prementes resolvidos, não vacilou e, repudiando esses divisionistas do meio estudantil conservou-se firme em torno dela. Graças a essa compreensão, conseguiu a UEE enfrentando dificuldades opostas pelos governantes, enviar à Baía uma delegação de 80 jovens ao XII Congresso Nacional de Estudantes.

Conseguiu a UEE que 50% do pagamento, que normalmente os estudantes fazem ao Sindicato das Empresas Cinematográficas para obtenção de carteiras de desconto em sessões cinematográficas, fossem revertidos em seu benefício, conquista essa que junto com o resultado financeiro da Festa do Estudante veio oferecer-lhe uma base econômica para início de suas atividades. Funcionando provisoriamente na sede do C.A. Horácio Berlinck, centro que se tem caracterizado por atitudes de reais sacrifícios em favor da classe estudantil, a UEE empreendeu ingentes esforços para conseguir uma sede própria, fator decisivo de seu desenvolvimento. O governo, entretanto, não atendendo a essa solicitação da classe estudantil, deixou a ela entregues os destinos de sua entidade. Cabe aos moços de São Paulo, através do reforçamento de sua UEE, conquistar para ela uma sede própria. Sem dúvida alguma esse deverá ser o passo inicial para futuras grandes campanhas reivindicatórias. A criação de um restaurante para os estudantes, da Casa do Estudante, da redução das escorchantes mensalidades dos estabelecimentos de ensino que não pertencem à Universidade, da redução das Taxas escolares, da redução de 50% nos transportes, de 50% nos teatros e casas de diversões, são problemas de ordem econômica cujas soluções estão intimamente ligadas à união ativa de todos jovens de São Paulo.

Sentem ainda os jovens paulistas a necessidade da criação de cursos superiores noturnos, o que possibilitará que maiores camadas da juventude paulista possa ingressar nas escolas de ensino superior.

A conquista provisoriamente de abono de faltas e posteriormente de frequência livre às aulas teóricas, virá cobrir também outras lacunas de nosso ensino, facilitando o estudo àqueles que necessitam de trabalhar para manter-se em suas faculdades.

Os estudantes de São, em particular, e do Brasil em geral, compreenderam também que só poderão conseguir satisfazer essas necessidades através de lutas e que essas lutas só são possíveis em regime de real democracia. O espírito da mocidade brasileira é profundamente democrático e pátrio. E não é por outro motivo que a reação nacional, a serviço dos interesses de capitais estrangeiros, arremete com tanto ódio e violência contra sua enxada, como demonstram as constantes in-

O PROBLEMA DOS CURSOS NA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO

Em entrevista concedida não há muito a jornal desta capital, o professor Brás de Souza Arruda, atual diretor da Faculdade do Largo de São Francisco, declarou que faria o possível para a inauguração dos cursos noturnos de Direito em 1950.

Parece-nos, à primeira vista, ser o primeiro diretor a enfrentar decididamente a questão, que de há bastante tempo reclama resposta. Realmente, desde que São Paulo cresceu extraordinariamente e entrou a viver no ritmo das grandes metrópoles, que a necessidade da existência dos cursos noturnos se faz sentir. Isto é, desde que passamos a ter os mesmos problemas cruciantes que a civilização capitalista traz aos povos, a situação dos estudantes mudou completamente.

No entanto, quase nada foi feito para adaptar a vida estudantil às novas condições da sociedade. Do ponto de vista subjetivo, pretende-se que os jovens estudantes de hoje devam levar a mesma vida romântica e irresponsável dos antepassados que encheram as Arcadas e a cidadezinha de Anchieta de estudantes sonoras, que ainda há para os estudantes o ambiente daquela época afastada, remota.

Desta atitude frente à realidade nascem duros choques e não poucas desilusões. É coisa totalmente absurda hoje em dia supor que a maioria dos estudantes possa levar aquela vida boêmia e despreocupada de meados do século XIX. Apenas alguns estudantes ricos, filhos de pais providos largamente de recursos financeiros, podem se dar ao luxo de manter o mesmo tom de vida de nossos alegres ancestrais. Só estes podem continuar a tradição das Arcadas, não no que ela tem de bom, mas no que tem de fútil, de secundário.

Muitas pessoas, no entanto, não querem vêr isso e fazem como ilustre mestre que não admite o fato de haver aluno da Faculdade de Direito que trabalhe. Para êle, quem não tiver dinheiro, vá trabalhar...

tervenções policiais na sede da UNE, as quais tem posto a nú, diante da consciência esclarecida de nossa mocidade, o caráter antinacional e antidemocrático do governo Dutra.

A Constituição do Estudante Paulista seguiu as diretrizes democráticas da Constituição dos Estudantes do Brasil. Manda essa Constituição que a UEE lute pela democracia "sem distinção de raça, sexo, posição política ou credo religioso." Essa diretiva indica à diretoria da UEE o caminho da constante vigilância às violações da Constituição Federal e da Democracia.

Inumeras vezes essa entidade estudantil levantou sua voz em defesa da Democracia, contra a rearticulação do fascismo em nossa terra, em defesa das liberdades fundamentais do Homem, lutando assim em benefício de nosso povo e particularmente dos estudantes. Promoveu duas "mesas redondas" contra o projeto de lei fascista chamado de Defesa do Estado e participa ativamente da Liga de Defesa da Constituição, organismo apartidário que conta como aderentes personalidades de grande relêvo em nosso meio cultural e político.

A luta pelo petróleo nacional, organizada inicialmente pelos estudantes e que hoje ganhou a população patriota de nosso país, continua a merecer da UEE todo seu apoio, apoio de jovens que creem na conquista da independência econômica de nossa terra, na capacidade produtiva de nossa gente, e que sabe que somente com o apoio do povo e particularmente do proletariado se poderá opôr obstáculo aos interesses inescrupulosos do capital colonizador.

Dessas lutas já empreendidas, às quais se juntam as diversas intervenções junto ao Legislativo Estadual e Federal, quando da discussão de projetos que dizem respeito ao interesse dos estudantes, experiências claras se firmaram na compreensão do jovem que estuda. Sabe ele, agora mais do que nunca, que desempenha papel decisivo nas lutas pela preservação das nossas riquezas minerais, nas lutas pelas Liberdades Fundamentais, e acima de tudo que somente prestigiando suas entidades de classe pode vencê-las e pode conseguir para si e para seus colegas dias em que, com menos dificuldades, possam estudar e trabalhar pelo bem do Brasil.

E deixe os estudos aos "filhos de papai"... A razão disto ignoramos. E' bem possível que êste professor seja contra a criação dos cursos noturnos na Faculdade, coerente, aliás, com suas idéias, porque a finalidade do tal curso é justamente permitir estudo dos que trabalham durante o dia.

Pois é inegável que, ao menos teóricamente, o ensino em todos os graus já atingiu um estágio democrático, isto é, -está aberto a qualquer um o caminho da instrução e é raríssimo existir quem defenda a tese de dever ser o ensino, ainda que o universitário, privilégio de determinada casta.

Muito embora tudo isso, no terreno prático a coisa é bem outra. Os rapazes de posses mais modestas que conseguem frequentar uma Faculdade, fazem-no com imenso sacrifício. Obrigados a trabalhar e es-

tudar, têm de fazer prodígios de equilíbrio para viver e dividir o tempo entre aulas, trabalho e estudo, não se falando em diversões, sujeitando-se, além disso, a salários mais baixos, pois apenas têm meio dia para trabalhar (os da Faculdade de Direito). Outros nem mesmo esta sorte têm, por não poderem arranjar emprêgo que lhes permita assistir às aulas ou por terem de trabalhar dobrado.

O curso noturno, viria resolver, embora parcialmente, a situação destas duas classes de jovens, permitindo-lhes abrir novos rumos, ter novas perspectivas na vida. Facilitaria ainda aos que trabalham meio expediente empregar-se pelo dia todo ou então estudar mais, pois a noite, grande culpada pelas malandragens, seria preenchida com aulas. Como vemos, êste novo horário de

aulas na Faculdade corresponde a uma exigência dos tempos e uma necessidade de numerosa parte da mocidade paulista. Em suma: será um passo a frente na democratização do ensino.

E' bom, contudo, que não nos iludamos com a aparência das coisas, nem nos deixemos levar por entusiasmos fáceis, sem uma análise mais profunda. Resolverá a instalação dos cursos noturnos a questão da extensão do ensino superior a todos? Com esta criação já poderemos considerar o ensino democratizado? Pensamos que não.

Essa medida igualará as possibilidades de acesso e de frequência às faculdades, isso é indubitável. Ninguém poderá alegar falta de tempo para cursar a faculdade. No entanto ainda restará uma diferença: a de possibilidade de aquisição de conhecimentos, o que só pode ser feito através de estudos. E os que têm duas vantagens: mais tempo para estudar e maior facilidade para a aquisição de livros, o que os coloca dois ou três degraus acima dos outros quando os conhecimentos técnicos comecarem a pesar nas lutas travadas vida afora.

Assim a uma conclusão chegamos: na sociedade capitalista é impossível uma real democratização do ensino. Apenas com a extinção dela e o advento de uma sociedade baseada no socialismo e na liberdade será possível dar-se iguais possibilidades a todos aqueles que queiram estudar, pois não haverá distinções econômicas profundas e o ensino será uma prestação obrigatória do Estado para todos aqueles realmente interessados no estudo.

Enquanto não é possível isto, enquanto não raia o dia novo, é mistér porém que atenuemos os êrros atuais. E a criação dos cursos noturnos na Faculdade de Direito é um bom meio para o fim que se tem em mira. E' imprescindível, pois, que os alunos saibam lutar por seus interesses, dando todo apôio ao professor Brás de Souza Arruda, afim de que êste plano se realize de fato. Além do apôio, é necessário que lutem por seu lado, manifestem-se e não deixem apagar nunca a chama idealista da mocidade, sempre a primeira nas grandes batalhas.

CÍCERO SILVEIRA VIANA

4.ª Série da Fac. de Direito de São Paulo



LIVROS E REVISTAS



MEDO, GUERRA E BOMBA ATÔMICA

Muito já se discutiu entre nós sobre a bomba atômica. Jornalistas, críticos literários, homens de negócio e outras pessoas interessadas, deram suas abalizadas opiniões sobre o assunto. Até mesmo alguns poetas e críticos de sensibilidade apurada, em momentos de meditação mais corriqueira, externaram sua mágoa e angustia diante dessa incômoda ameaça á sobrevivência da civilização ocidental que, felizmente, só os americanos possuíam. Os de mentalidade jurídica mais desenvolvida, examinaram em estudos eruditos, profusamente documentados com simples noticiário das agências telegráficas, os transcendentais aspectos da regulamentação e controle internacionais da energia atômica. Todos e tudo, sempre, na presunção de que a bomba atômica era um monopólio americano. Os mais "materialistas" chegavam a ver nesse monopólio a garantia da civilização ocidental, dos lucros extraordinários, e até mesmo dessa benemérita instituição que é a propriedade privada.

De repente, Truman anuncia a ocorrência de explosões atômicas em território soviético. Desta vez era verdade, e não um bléfe, como se pretendeu que fora quando Molotov, em 47, anunciara a mesma coisa, isto é, que a bomba atômica não era privilegio de ninguém. A ciencia sovietica cujo "fracasso" na genética tanto se alardeava, dera certo em física nuclear! É verdade que Kapitza estudara com lord Rutherford em Cambridge... De qualquer forma, a bomba atômica não é tão decisiva como fôra até alguns meses atras. Mas, é precisamente isso o que se sabia há muito tempo, o que os russos sempre disseram e souberam, o que sabiam todos os que estudaram o assunto honestamente. Então, o que havia era uma mistificação, uma chantagem? Exatamente. Mistificação e chantagem que continuarão enquanto conferencias sobre o assunto, a serem pronunciadas por uns dos poucos cientistas autorizados a falar sobre o assunto entre nós, como o Prof. Mário Schenberg, forem proibidas pela Secretaria da Educação, a instancias da policia; enquanto estudos sérios sobre o assunto com o trabalho de Blackett, forkm ignorados ou "gelados", entre nós.

E aqui chegamos ao que interessa ao titulo desta nota. Medo, guerra e bomba atômica é a tradução do titulo americano de um livro publicado há pouco mais de um ano, na Inglaterra, sob o titulo original de "Consequencias politicas e militares da energia atômica". Seu autor é o Prof. P.M.S. Blackett, cujo intuito ao escrever o livro foi encontrar "uma base racional para uma politica do Reino Unido em relação à energia atômica." Blackett, que é um grande fisico (v. FUNDAMENTOS, 1 e 9/10) fôra membro da Comissão de Energia Atômica do Governo Britânico até meados de 48, quando essa Comissão foi extinta. Desobrigado de qualquer responsabilidade oficial resolveu publicar sob forma de livro as anotações que vinha fazendo, desde 47, sobre os problemas das armas de destruição em massa, inclusive a bomba atômica, e, suas decorrencias politicas e militares. O livro foi uma sensação, transformando-se num autentico "best-seller", a ponto de ser editado nos Estados Unidos pela Mc Graw-Hill (Mr. Abbink) quando na Inglaterra houve dificuldade em encontrar um editor que dispuzesse de papel e coragem. O livro, de fato, é uma bomba atômica... pela paz. Da análise cerrada de todo o vasto material oficial de que dispunha, e da extensa leitura de outras fontes autorizadas, recolheu Blackett os elementos para o seu livro, de admiravel pela clareza do raciocinio, pela concisão da linguagem, pela documentação maciça, pela honestidade e coragem das conclusões. Com o rigor metodológico próprio do fisico experimental, Blackett inicia o seu livro pela revisão da estratégia aérea na última guerra. Para tanto sobra-lhe a competencia de um dos iniciadores da pesquisa operacional. Examina a seguir a bomba atômica como arma de guerra, prevendo seus possiveis aperfeiçoamentos e as consequencias estrategicas correspondentes. Entrosa esse estudo

MONTEIRO LOBATO NA BAHIA

WLADIMIR GUIMARÃES

Acabamos de receber, uma elegante plaqueta da, Imprensa Gloria, em que o Sr. Wladimir Guimarães dá a publicidade um roteiro da estada de Lobato na Bahia, pouco antes de sua morte. O folheto relata as impressões do autor sobre a personalidade de Lobato e registra algumas passagens de sua estadia no Salvador. Não escaparam á argucia de observação do Sr. Wladimir Guimarães os traços mais marcantes da individualidade de Lobato. Seus registros, com a mais absoluta fidelidade, de alguns depoimentos de Lobato, constituem, sem duvida, material de grande importancia para futuros biografos do grande escritor.

Muitos dos episodios relatados ilustram vivamente aqueles traços inconfundiveis, si aparentemente contraditórios, do feitio lobatiano: o seu inconformismo com tudo que é mistificação, imoestia e pretensão, seu genuino horror ao pedantismo, sua humanidade que frequentemente o levava á emoção profunda e até às lagrimas, o seu sempre presente sarcasmo cortante, o seu otimismo cético e brincalhão, o seu senso nunca desmentido da injustiça social. A proposito desse ultimo traço numa passagem é verdadeiramente antológica. Tendo visto a Baixa do Sapateiro, o Pelourinho, Taboão, etc... "Lobato extasiado ante tanta miseria, calou-se algum tempo, contemplativo, para depois expressar-se num profundo desencanto:

— E' muito gordo o "esterco" da Bahia.

Mais tarde por circunstancias fortuitas, tivemos oportunidade de visitar o solar do Ministro Clemente Mariani, á ladeira da Barra. E Lobato, reparando no espetaculo daquele recanto, cuja localização de residencia, Anisio Teixeira considera o melhor do mundo, lembrou-se da diferenciação que estabelecera entre os homens, certa vez, considerando-os divididos em "flores" e "esterco". E profundamente sensibilizado pelo imenso drama da injustiça social, fez Lobato esse comentario sublime:

Realmente, é preciso muito "esterco" para alimentar uma "flor" dessas...

Todos os admiradores e amigos de Lobato, entre eles todos nós de FUNDAMENTOS, acolhemos com entusiasmo e gratidão o folheto bem escrito e repassado de sinceridade com que o Sr. Wladimir Guimarães homenageia a memoria do nosso grande fundador.

J. E. F.

com o desenvolvimento da ONU e entra no exame do controle da energia atômica. Examina, soviéticas as propostas americanas e (plano Baruch e propostas de Gromyko). Demonstra o carácter político e imperialista das propostas americanas e sua justificada rejeição pela União Soviética. Finalmente estuda a situação atual do problema, demonstrando a improbabilidade de uma guerra ser vencida na base de uma estratégia assente exclusivamente na bomba atômica.

Todos os 15 capítulos do livro e os seus 5 apêndices estão recheados de dados numéricos e estatísticos, bem como de revelações e especulações interessantíssimas sobre os aspectos mais fundamentais do magno problema. Seria impossível destacá-los em uma simples nota. Esperamos que o livro seja editado em português, para voltarmos a ele mais de perto; por ora limitamo-nos a registrá-lo e a recomendá-lo vivamente àqueles que possam lê-lo nas edições de língua inglesa ou francesa. Fazemos também este registro entusiástico da obra de Blackett, como homenagem ao eminente cientista que no apogeu de uma brilhante carreira científica, laureado com o Prêmio Nobel de Física, não se furta a uma participação ativa na discussão dos problemas políticos mais importantes do momento, ao contrário, nela participa com toda a força de sua inteligência e com todo ardor do seu humanismo.

J. E. F.

PROBLEMAS BRASILEIROS DE HIGIENE RURAL

pele Prof. Samuel Barnsley Pessoa

O livro "Problemas Brasileiros de Higiene Rural" do prof. Samuel Pessoa é um trabalho que impressiona pelo rigor da descrição e pela inteligência da análise. O estudo minucioso das condições imediatas do drama que atormenta 27 milhões de brasileiros consegue revelar toda a extensão da verdade que há na miséria das zonas rurais do Brasil. O autor, entretanto, não se satisfaz com esse aspecto descritivo; aprofunda-se na pesquisa dos motivos primeiros e encontra invariavelmente causas econômico-sociais na origem dos problemas brasileiros de Higiene Rural.

Não são esses, sem dúvida, os únicos aspectos apreciáveis da obra de Samuel Pessoa. Ela se impõe, ainda, pelo acerto das soluções que sugere, pela fartura da documentação recolhida, pelo conceito de Higiene, amplo e fecundo, que a inspira, etc.

A excepcional significação desse livro do professor Samuel Pessoa como trabalho de esclarecimento e de orientação reclama considerações demoradas; limitamo-nos aqui a apresentar ao professor Samuel Pessoa nossos agradecimentos pelo oferecimento que fez à redação desta revista de um exemplar de seu grande livro do qual faremos em nosso número de fevereiro uma apreciação extensa.

J. N. P.

O "Forum" de FUNDAMENTOS é uma seção destinada ao debate de todos os problemas que interessam aos nossos leitores.

Envie sua colaboração ao nosso "FORUM" — uma tribuna democrática a Serviço da cultura.

HISTORIA POPULAR DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA

PROF. FERDINANDO SEGISMUNDO

A Editorial Vitoria acaba de lançar, em edição muito bem cuidada, o ensaio do Prof. Ferdinando Segismundo sobre a Revolução Praieira. O livro, prêmio único do concurso que essa editora popular instituiu no ano passado, em comemoração ao centenário daquela gloriosa jornada de nosso povo, contém 104 páginas de texto, e destina-se, como o indica o título, à leitura dos leigos que queiram saber como se desenvolveram os acontecimentos que, em 1848, convulsionaram Pernambuco. Não se trata da mera introdução à cronologia daquela rebelião gloriosa; o livro de Fernando Segismundo é também um estudo interpretativo, sólido e documentado, das causas históricas, sociais e econômicas que impeliram o povo pernambucano a empunhar armas contra seus opressores e em defesa da pátria.

Como historiador Ferdinando Segismundo não se limita ao alinhavo de datas, locais e nomes. Interpreta os fatos com segurança e documentação, e, por oportunas alusões a outros períodos de nossa história, inclusive o período atual, dá ao leitor a noção clara e decidida do que se pode chamar a tradição histórica de nosso povo.

O livro divide-se em oito capítulos, precedidos de uma introdução à história de Pernambuco, e seguidos de uma bibliografia selecionada, tendo ainda algumas excelentes ilustrações de Renato Silva. Os dois primeiros capítulos estudam o ambiente revolucionário e a composição das forças políticas da época. Os três capítulos seguintes historicam o desenvolvimento da luta desde a organização militar dos revolucionários até o heroico feito da invasão de Recife, que embora resultasse em desastre para os rebeldes, ficou como uma grande página na tradição libertária dos brasileiros. Os últimos capítulos estudam o papel da imprensa no movimento; a sua caracterização política (que tivemos a honra de divulgar em nossa última edição); e o último capítulo traça alguns perfis das principais figuras do movimento, destacando-se aqui, como estudos lapidários de síntese, as biografias de Pedro Ivo e Borges da Fonseca.

Pela clareza e método com que aborda o assunto, pela originalidade e acerto de interpretação histórica, pela correção da forma, autenticidade e sinceridade de seu conteúdo, o livro do Prof. Ferdinando Segismundo não só segue atingir plenamente o seu objetivo de explicar ao povo o sentido patriótico e libertador da Revolução Praieira como constitui uma valiosa contribuição a exegese histórica dessa gloriosa página da nacionalidade.

Esperamos que o Prof. Segismundo que já nos deu um excelente "Castro Alves Explicado ao Povo", continue a pôr, a disposição de nosso povo, da maneira acessível de seus livros precedentes, os seus sólidos conhecimentos de nossa história.

J. E. F.

fundamentos



ARTUR RAMOS

Em novembro de 1949 faleceu em Paris o Prof. Artur Ramos, um dos expoentes do pensamento brasileiro e membro de nosso conselho de redação.

Se a memória de Artur Ramos merece um destaque todo especial em FUNDAMENTOS, não é apenas por tratar-se de uma das mais altas expressões do pensamento pátrio; tão pouco porque tivemos a honra de contar com seu nome ilustre entre os membros do nosso Conselho de Redação. Mas sobretudo porque Artur Ramos foi um dos mais ativos batalhadores na causa pela qual se empenha FUNDAMENTOS: a do Progresso, da Paz e da Liberdade. Democrata consequente, Artur Ramos sempre colocou o seu prestígio, seu pensamento e sua atividade, a serviço integral da causa comum das forças progressistas do Brasil e da humanidade,

E' preciso pôr em especial relevo esse aspeto do grande morto, porque o oficialismo brasileiro, obrigado muito contra a vontade a reconhecer seus consideráveis méritos intelectuais, timbrou em esconder prudentemente o que constitui sem dúvida a mais bela expressão da vida de Artur Ramos que foi a sua posição e atividade políticas. Incumbe-nos assim, tanto mais, chamar para elas a atenção do público brasileiro. E estamos seguros que cumprimos com isso um sagrado dever para quem, se ainda estivesse em vida, se encontraria mais que nunca na luta, e à frente, onde sempre esteve, das batalhas pelo progresso de nosso país e de todos os povos da terra.

ROGER GARAUDY

Passou por S. Paulo, em princípios de Novembro último, o escritor e parlamentar francês Roger Garaudy. O ilustre intelectual procedia do Mexico onde tomara par no memorável Congresso Continental Americano pela Paz, na qualidade de secretário do Comitê Permanente Mundial em Defesa da Paz. Garaudy é um dos nomes mais expressivos da França contemporânea. Professor de filosofia e historia, deputado ao Parlamento, membro do Comitê Central do P. C. Francês, Garaudy é bem o representante da nova França que todos admiramos. Garaudy pronunciou uma conferência em nossa capital sobre o existencialismo como expressão da decadência do pensamento burguês. Com a clareza própria da melhor tradição francesa, Garaudy que é também um conferencista brilhantissimo, demonstrou que o existencialismo sartreano é apenas um particular insignificante no quadro geral da cultura francesa moderna, um indicio, entre tantos outros, da esterilidade do pensamento burguês contemporâneo, transformado em produto de exportação para compensação ao Plano Marshall!

Todos que conheciam Garaudy atravez de seus livros tiveram com sua presença em S. Paulo a confirmação plena de que esse jovem intelectual é um exemplo, vivo do homem de novo tipo que constrói o mundo do futuro com inteligencia, firmeza e honestidade.

O III CONGRESSO NACIONAL DE JORNALISTAS

O III Congresso Nacional de Jornalistas reunido na Baía, na cidade de Salvador nos dias 4 a 12 de novembro, foi uma demonstração vigorosa do espirito democrático que anima o jornalismo brasileiro — em todo o caso os seus membros individualmente, visto como nem sempre os conceitos por eles sustentados são esposados pelos jornalistas onde eles trabalham. Estes na sua grande maioria defendem, em termos ideológicos, os interesses dos grupos economicos a que pertencem.

A composição do congresso foi altamente democratica visto como resultou de eleições realizadas em todas as redações de jornais que enviaram os seus representantes. Eram igualmente membros natos, todos jornalistas que nele se inscrevessem, depois de provada a sua qualidade de jornalista. O Congresso foi, portanto, uma fiel expressão da classe. A ele compareceram jornalistas de todos os partidos politicos, de todas as ideologias e crenças religiosas e, no entanto, as graves resoluções que interessam aos jornalistas na sua qualidade de brasileiros e profissionais, foram todas votadas por unanimidade.

Foram votadas por unanimidade as resoluções de repudio á lei de segurança e á lei de imprensa que importam em acabar com o regime democratico em nossa terra. Foram votadas por unanimidade os protestos dirigidos contra os governadores de Estado — notadamente o governo do sr. Ademar de Barros em São Paulo — que vem desrespeitando a liberdade de imprensa e sujeitando criminosamente

profissionais de imprensa ás piores violencias fisicas. A atitude da policia especial do Rio de Janeiro invadindo a sede da A.B.I. foi motivo da mais profunda indignação por parte do congresso que, para o cumprimento das suas resoluções em defesa do regime democratico elegeu uma comissão permanente de jornalistas, com sede no Rio de Janeiro e delegados em todos os estados, afim de tomar as medidas necessarias para a proteção dos direitos da imprensa e dos jornalistas.

A essa comissão já foi submetido o caso do jornal "O Popular de Hoje" de São Paulo que se vê impedido de circular em virtude do cerco efetuado pela policia nas oficinas em que ele é impresso, acompanhado de violencias fisicas praticadas contra as pessoas que nela trabalham que são constantemente presas e espancadas.

O III Congresso de Jornalistas foi um pronunciamento decidido e unanime da classe contra o regime de ditadura policial que se pretende instituir no pais e que atinge em primeiro lugar aos jornalistas, cerceados no exercicio de sua profissão, e uma magnifica demonstração da confiança que os brasileiros depositam no regime democratico, o qual independentemente das divergencias das ideias que existem e não poderiam deixar de existir quanto á solução dos problemas nacionais, é a base sem a qual nenhum desses problemas poderá ser resolvido.

O III Congresso de Jornalistas foi mais do que uma simples profissão de fé democratica da classe, foi a sua firme decisão de lutar pela defesa do regime democratico em nosso país.

NÃO DEIXE DE LER O

PRÓXIMO NÚMERO DE

FUNDAMENTOS

DEDICADO A

NOVA CHINA

"LIGA DE DEFESA DA CONSTITUIÇÃO"

Em assembléia realizada no dia 5 do novembro último, no Centro do Professorado Paulista, foi fundada a "Liga de Defesa da Constituição" que, como foi anunciado no ato, tem por objetivo realizar ampla campanha pela salvaguarda das liberdades democráticas em nosso Estado. Naquela mesma ocasião, foi eleita uma Diretoria Provisória com a incumbência de efetuar propaganda da nóvel instituição e convidar, para constituição do seu quadro social, elementos representativos das mais diversas correntes de orientação democrática, dispostos a cerrar fileiras em torno dos fins propostos. Foram aclamados pela mesma assembléia, para constituírem a Diretoria Provisória, os nomes dos Srs. Deputados Porfirio da Paz e Castro Neves, Vereador Jânio Quadros, Deputado Federal Pedro Pomar, D. Helena Prado, estudantes Ubaldo de Mayo, Carlos Alberto de Souza Barros e Abner Naureano, Dr. Caio Prado Jr., Ex-combatente da FEB Pascoal Barbosa, Dr. Rio Branco Paranhos, pessoas que se encontravam presentes.

Por resolução tomada pela mesma assembléia, foi estabelecido que, no dia 16 de novembro, seria realizado, pela entidade, um comício comemorativo da Proclamação da República em local e hora que seriam estabelecidos e anunciados oportunamente.

Como é do conhecimento público, o comício programado foi violentamente dissolvido pela policia do Estado, em flagrante desrespeito às liberdades inscritas na Constituição de 1946, num ato que despertou os mais veementes protestos dos Deputados Porfirio da Paz e Castro Neves, bem como do Vereador Jânio Quadros e de diversos órgãos da imprensa paulista. Na tribuna da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal fizeram-se ouvir, respectivamente, os protestos do Deputado Porfirio da Paz e do Vereador Jânio Quadros.

Na ocasião dos atos arbitrários cometidos contra os assistentes e promotores reterido comício, foram agredidos e feridos diversos profissionais da imprensa, tendo sido quebradas, pelos policiais, as máquinas fotográficas dos jornalistas.

No mesmo dia, na Capital Federal, um outro comício comemorativo da Proclamação da República foi teatro das mais selvagens atrocidades, também levadas à cabo pelo Policia, tendo sido assassinada a Snra. Zélia Magalhães, em estado de gravidez, que passava pelas imediações e que foi arrancada de um bonde pelos agentes policiais. Esse imominável atentado despertou em toda a opinião pública nacional a mais veemente revolta, repercutindo no legislativo da República, na Câmara do Distrito Federal e em toda a imprensa do país.

Cumprindo assinalar que os comícios referidos, tanto o da "Liga de Defesa da Constituição", em São Paulo, como o da "Liga de Defesa das Liberdades Democráticas", no Rio de Janeiro, por vários de seus oradores, verberaram a Lei de Segurança do Estado, em discussão na Câmara Federal, coerentes com os seus objetivos de salvaguarda da Constituição.

Na Assembleia Legislativa de São Paulo, o Deputado Mário Bení, justificando as violências da policia paulista, declarou que durante todo o curso dos dois comícios, as autoridades policiais do Rio e desta Capital mantiveram-se em permanente comunicação, dando a entender que as ordens de dissolução do comício do Anhangabaú partiram do Ministério da Justiça. Esse esclarecimento, evidentemente, agrava o caráter das ocorrências do dia 16 de novembro, pois, demonstra a responsabilidade do governo de São Paulo acrescida com a inconstitucionalidade patenteada pela invasão da jurisdição do Estado.

A "Liga de Defesa da Constituição", ao que estamos informados, levará através de um movimento nacional de assinaturas a um manifesto "monstro" lançado, na Capital Federal, na Capital Federal, pela "Liga de Defesa das Liberdades Democráticas", subscrito por diversas personalidades, entre outras o Senador Matias Olímpio e o Vereador Alencastro Guimarães.

A "Liga de Defesa da Constituição", as que estamos informados, levará à cabo em S. Paulo uma grande campanha de conferências, comícios e propaganda, com o objetivo de obter o apoio do povo, da imprensa, dos partidos políticos, estudantes e das mais diversas organizações deste Estado, para salvaguardar as liberdades públicas ameaçadas pelas leis de exceção, principalmente pela Lei de Segurança. Diversos Deputados e outras personalidades de destaque deram a sua solidariedade a esse movimento de caráter eminentemente cívico.

NOTICIARIO DO CENTRO DO PETROLEO

Em cumprimento às resoluções do I Congresso Nacional de Defesa do Petroleo, o Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petroleo e todas as organizações a ele filiadas, nos Estados e Municípios, passam a se denominar Centros de Estudo e Defesa do Petroleo e da Economia Nacional.

Assim, além de prosseguir na luta contra o projeto de Estatuto, ainda em transito no Parlamento a espera de aprovação, a campanha desenvolverá sua ação no estudo e defesa da economia nacional, principalmente dos minérios, da energia hidro-eletrica, da industria, do comércio e da agricultura.

★

Encontra-se em preparação a II Convenção Nacional do Petroleo. Para isso o Centro Nacional designou uma comissão constituída dos srs. General Horta Barbosa, General Leitão de Carvalho, General Raimundo Sampaio e Engenheiro Lobo Carneiro para a elaboração do temario, o qual já se encontra feito e será previamente divulgado.

A LUTA DOS MEDICOS E ENGENHEIROS

Os médicos e engenheiros funcionários públicos vem ha mais de 30 meses empenhados numa luta pela equiparação dos seus vencimentos aos dos advogados, pois, tanto uns como os outros pertencem ao mesmo tipo profissional. O desenrolar dos acontecimentos serviu, entretanto, para demonstrar que embora saídos da classe media ou a ela levados pelos seus titulos, os médicos e engenheiros funcionarios publicos ainda que se intitulem profissionais liberais, são apenas trabalhadores assalariados, perante os quais o governo não passa do governo patrão. Foi por não quererem aceitar esta realidade é que se deixaram iludir pelas promessas demagogicas do poder público e até agora nada conseguiram.

O governador Ademar de Barros apenas tentou manobrar com as necessidades dos médicos e engenheiros e dos demais funcionários publicos, condicionando o aumento de vencimentos ao aumento de impostos indiretos, o qual se efetivado traria como resultado um encarecimento ainda maior do custo de vida. Por sua vez o legislativo nada mais fez do que passar de uma para outra protelação. O governo e o legislativo estão de acordo quando é questão de não tomar qualquer providencia em beneficio dos trabalhadores, embora entre eles se desentendam quando se trata de dividir os proventos resultantes da exploração do povo.

Todos os recursos de luta foram tentados por médicos e engenheiros, crenes de que lhes era licito contar com a boa vontade dos deputados para a solução dos problemas do povo que os elegeu. Baldados todos os recursos pacificos foi declarada a greve de um dia, relisada em dezembro de 1948, movimento que marcou época.

Cada vez mais convencidos de que não era possivel contar com o cumprimento da palavra do Legislativo reincidente na falta do cumprimento da palavra empenhada, de-

cidiram novamente médicos e engenheiros lançar mão do "último recurso e todos os trabalhadores" — conforme palavras textuais do Presidente da Assembleia Permanente, Prof. Alípio Corrêa Neto — resolveu em ampla votação, por voto secreto, ir à greve até que a reivindicação fosse satisfeita.

Neste momento, a reação alarmada, resolveu por em campo todos os seus trunfos e para isto procurou, como ensina a boa tática militar atacar no flanco mais fraco. Este flanco logo se verificou ser o Prof. Jairo Ramos, presidente da Associação Paulista de Medicina, e que por varias vezes demonstrara durante a luta o seu temor de unir-se verdadeiramente à massa dos médicos e engenheiros, preferindo sempre agir por detraz dos bastidores, procurando soluções capitulacionistas por compromissos de cúpola.

Em reunião para a qual foi mobilizada nada menos do que a figura maxima da Igreja — S. E. o Cardeal Arcebispo — planejou-se a dissolução da Assembleia Permanente, a qual estava por demais incômoda e difícil de manejar. Em memorável assembleia, à qual compareceram mais de dois mil médicos e engenheiros, foi a proposta de dissolução da assembleia energicamente repelida por grande maioria dos presentes que preferiu continuar a luta até o fim.

E' esta a situação atual da equiparação de médicos e engenheiros. A vitória já poderia ter sido conseguida segundo palavras do proprio Prof. Jairo Ramos, se estes dois grupos profissionais tivessem ido a greve conforme fôra deliberado. No entender dos capitulacionistas este movimento teria o inconveniente de "diminuir" os médicos e engenheiros diante do publico, pois não podem admitir a hipótese do povo compreender e se solidarizar com uma causa tão justa, que não passa de uma das muitas causas justas pelas quais o povo se bate.

O caminho, entretanto, está traçado. Não serão as debilidades de um ou de outro "líder" que irão arrefecer o entusiasmo destas duas profissões na sua luta pela equiparação dos seus salarios aos dos advogados, na qual está empenhada a propria dignidade da classe.

CONFERENCIAS SOBRE MATEMATICA

O professor Omar Catunda, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, realizou durante o mês de novembro e principios de dezembro, no recinto da exposição do Art. Club, na Galeria Itapetininga, uma série de cinco conferências sobre A ESTÉTICA NA MATEMÁTICA, analisando sentido de beleza dessa ciência, ao qual nenhum matemático é indiferente.

As conferências tiveram como títulos: 1) «Visão de conjunto da matemática», dando uma idéia dos grandes ramos da matemática e as épocas em que prevaleceram, mostrando a relação do raciocínio matemático com a estrutura de cada uma das grandes épocas da história dessa ciência. 2) «A invenção na matemática. Criação de conceitos», onde afirmou que, ao contrário da idéia mais comumente aceita, os entes matemáticos, desde os mais elementares, como número, ponto, reta, etc., são sem-

pre criações do espírito humano, que só com essas esquematizações consegue compreender o Universo, impossível de ser conhecido diretamente em toda a sua complexidade. 3) «A Estética na Geometria», onde analisou a beleza da Geometria grega, procurando demonstrar que essa construção é um produto da propria estrutura social da Grécia antiga, em que o trabalho mecânico era relegado a uma categoria inferior de atividade, devendo os seres superiores estática, a beleza da forma. Só depois, cultivar exclusivamente a beleza pura, com a criação de Geometria Analítica de Descartes, e que a Geometria tomou novo impulso, tornando-se mais liberta da intuição imediata do espaço e permitindo construções puramente abstratas, como a dos espaços de mais de tres dimensões, espaços curvos, etc. 4) «A beleza das construções da Aritmética e da Álgebra», onde mostrou o desenvolvimento do logaritmo, o estudo das equações algébricas, a dificuldade da teoria dos números e os modernos conceitos de grupo, anel, corpo, etc., que formam o fundamento da Álgebra Moderna. 5) «A Análise matemática», onde revela a potencia do raciocínio dialético, que transparece essencialmente no cálculo dos limites e consequentemente nas suas maiores aplicações, o cálculo de derivadas, as equações diferenciais, o cálculo integral, as funções analíticas, etc. Mostrou finalmente a transformação progressiva da matemática, cujos ramos tendem a sedimentar-se à medida que preparam a construção de novas teorias. Nessa modificação progressiva cada teoria matemática vai-se aperfeiçoando até chegar a uma forma praticamente definitiva, a mais simples e elegante, e por conseguinte a mais intuitiva.

A série de conferências interessou bastante o auditório, pois foi uma das raras tentativas de por a beleza da matemática ao alcance dos leigos.

NOTA MUSICAL

Ao percorrermos a lista de realizações do ano musical findante, quatro acontecimentos avultam-se como particularmente interessantes projetando-se com intensidade fóra da rotina que, em geral, caracteriza o ramerrão dos concertos. Em primeiro lugar é forçoso assinalar a visita, depois de longa ausência, de Villa Lobos e Mignone. A convite do Departamento Municipal de Cultura vieram os dois compositores reger, em recitais de vasta repercussão popular, obras de sua autoria, algumas em primeira audição. Logo em seguida, por iniciativa da Comissão de Música do Museu de Arte Moderna, o Maestro Edoardo de Guarnieri dirigiu um conjunto de 12 violoncelos que executou as Bachianas ns. 2 e 5 de Villa Lobos, cantando esta última a solista Maria Kareska. Neste programa figuraram também peças de Bach transcritas para aquele conjunto por Villa Lobos.

Os três recitais acima assinalados, além de proporcionar-nos o contacto caloroso com dois dos grandes da música brasileira e a audição de várias de suas obras mais representativas, vieram completar de maneira muito oportuna o concerto inaugural do Museu de Arte Moderna, no qual ouvimos, executado por

pequeno conjunto orquestral sob a direção de H. J. Koellreutter, peças de Anton von Webern, Luigi Dellapiccola, Guerra Peixe e Benjamin Britten, além da vivaz «Fanfarra de Inauguração» que o regente compôs para a ocasião. Dissemos completar porque, com efeito, no momento em que já ecoam entre nós com mais insistência os debates que se travam no cenário musical europeu a respeito das contradições e entrechoques das várias tendências da música contemporânea, torna-se imprescindível — se pretendermos participar amplamente da discussão e com boa fé e lucidez — o conhecimento de maneira viva, quer dizer, pela audição, das obras que encarnam tais tendências, sem jamais perder de vista, é evidente, o meio político, social e artístico que as engendrou e as consequentes reações que elas exerceram sobre esse mesmo meio.

Para a música brasileira, no momento que atravessa, a formulação do problema em bases precisas é da máxima importância porque ela se vê ameaçada, parece-nos, por um início de cosmopolitismo que seria perigoso, pois, mal consolidou ainda os fundamentos esboçados em sua fase nacionalista. Seria necessário, então, opôr a essa ameaça não um nacionalismo fechado e estrito nem o cultivo fácil do nosso rico folclore, mas, o empreendimento do estudo aprofundado da situação da música contemporânea dentro do esquema das condições brasileiras, de maneira conciente e vigilante. Nesse sentido um largo debate precisa ser desenvolvido, com a participação de nossos compositores, da velha e da nova guarda, críticos, executantes e do público em geral. E' uma sugestão que lança «Fundamentos», pretendendo abordar em próximos números os aspectos mais definidos da questão, passíveis de despertar opiniões de quantos por ela se interessam e nela são diretamente interessados.

A. B.

Um órgão da imprensa livre como

FUNDAMENTOS

vive exclusivamente do apoio que recebe de seus leitores.



Leia, divulgue e auxilie
nossa revista.

fundamentos

PUBLICOU NOS SEUS NUMEROS ANTERIORES

A LUTA PELO PETROLEO BRASILEIRO
Fernando Luiz Lobo Carneiro

A FILOSOFIA HUMANISTA DE NOSSA EPOCA
Jacob Gorrender

O PROBLEMA HIDRO-ELETRICO DE SÃO PAULO
Catulo Branco

ECONOMIA INDUSTRIAL E AGRICOLA
L. Hermann

CRISE DO ESPIRITO
Astrogildo Pereira

7 CARTAS LOUCAS — I, II, III, IV, V, VI
Afonso Schmidt

ESPLENDOR E DECADENCIA DO ALGODÃO EM
SÃO PAULO
Ruy Barbosa' Cardoso

MONTEIRO LOBATO — O Homem
Artur Neves
Caio Prado Junior

LEI DE SEGURANÇA
Rivadavia Mendonça

METODOS SOCIOLOGICOS
Caio Prado Junior

DUAS TEORIAS NA GENETICA
Dr. Plinio Ribeiro Cardoso

A LUTA PELA PAZ
A. Fadeyv

A PAZ
Marques Simões

JULIO FUCHIK
Jacob Gorender